

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Mestrado em Jornalismo

## **Entre o comentário e a entrevista**

“A Opinião de José Sócrates” (*RTP1*), “A Opinião de Luís  
Marques Mendes” (*SIC*) e “Os Comentários de Marcelo Rebelo  
de Sousa” (*TVI*)

Inês Gutierres dos Santos

Orientadora:

Prof. Maria José Mata

Co-orientador:

Prof. Carlos Andrade

## **Declaração de Compromisso de Anti Plágio**

Declaro por minha honra que o trabalho que apresento é original e que todas as minhas citações estão corretamente identificadas. Tenho consciência de que a utilização de elementos alheios não identificados constitui uma grave falta ética e disciplinar.

Lisboa, 19 de Abril de 2016

---

## Índice

Resumo.....	6
<i>Abstract</i> .....	7
Agradecimentos.....	8
Introdução .....	9
1. Debate em torno dos géneros jornalísticos .....	12
2. O comentário e a entrevista: caracterização e uso no jornalismo político.....	18
2.1. O comentário .....	18
2.2. A entrevista.....	22
2.2.1. Entrevista Política e Televisiva.....	25
3. Atitude e linguagem jornalística .....	29
4. Estudo de caso: O espaço de comentário na televisão generalista .....	32
4.1. Delimitação do <i>corpus</i> .....	32
4.2. O espaço de comentário nos três canais: <i> RTP1, SIC e TVI</i> .....	33
4.3. “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP1</i> ), “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ) e “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ).....	35
4.4. Os três comentadores: José Sócrates, Luís Marques Mendes e Marcelo Rebelo de Sousa.....	38
5. Análise de conteúdo das emissões dos espaços televisivos .....	41
5.1. Do ponto de vista formal .....	41
5.2. Do ponto de vista do conteúdo .....	42
5.2.1. Os casos excecionais.....	60
5.3. Do ponto de vista não-verbal do discurso: cenografia .....	69
5. Reflexão crítica: a predominância do comentário ou da entrevista? .....	76
Conclusão.....	85
Bibliografia .....	88
1. Bibliografia Citada .....	88
2. <i>Sitografia</i> .....	92
3. Bibliografia Consultada .....	95

Anexos .....	98
1. Em formato digital / CD: .....	98
1.1. Emissões.....	98
1.2. Grelha de análise dos programas.....	98
2. Em formato impresso:.....	98
2.1. Publicação de José Rodrigues dos Santos no <i>Facebook</i> no dia 24 de Março de 2014. ....	98
2.2. Entrevista a David Borges realizada no dia 10.11.2015 .....	102
2.3. Entrevista a Maria João Ruela realizada no dia 15.01.2016 .....	104
2.4. Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016 .....	105
2.5. Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016 .....	109
2.6. Destaques da análise de programas .....	111
2.6.1. “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP1</i> ) no dia 23.03.2014 .....	111
2.6.2. “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP1</i> ) no dia 21.09.2014 .....	112
2.6.3. “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP1</i> ) no dia 28.09.2014 .....	113
2.6.4. “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP1</i> ) no dia 19.10.2014 .....	114
2.6.5. “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ) no dia 13.09.2014.....	116
2.6.6. “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ) no dia 04.10.2014.....	117
2.6.7. “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ) no dia 11.10.2014.....	118
2.6.8. “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ) no dia 01.11.2014.....	119
2.6.9. “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ) no dia 15.11.2014.....	121
2.6.10. “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ) no dia 13.09.2014... .....	122
2.6.11. “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ) no dia 21.09.201 .....	123
2.6.12. ...“Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ) no dia 28.09.2014 .....	124
2.6.13. ...“Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ) no dia 11.10.2014 .....	125

## Índice de Ilustrações

<b>Figura 1:</b> Plano de pormenor dos “arquivos” de José Rodrigues dos Santos, sublinhados a amarelo, do dia 23 de Março de 2014, em “Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP</i> ).....	61
<b>Figura 2:</b> Posição física, em estúdio, de Cristina Esteves e José Sócrates em “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTPI</i> ) .....	69
<b>Figura 3:</b> Posição física, em estúdio, de Maria João Ruela e Luís Marques Mendes em “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ). .....	70
<b>Figura 4:</b> Posição física, em estúdio, de Judite Sousa e Marcelo Rebelo de Sousa em “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ).....	70
<b>Figura 5:</b> Plano Fechado” de José Rodrigues dos Santos a ler os seus “arquivos”, tremendo bastante das mãos ( <i>RTPI</i> ). .....	71
<b>Figura 6:</b> “Plano Fechado” de José Rodrigues dos Santos a ler os seus “arquivos” bastante revoltado ( <i>RTPI</i> ).....	72
<b>Figura 7:</b> “Plano Fechado” de José Sócrates aborrecido a ouvir as acusações feitas pelo jornalista ( <i>RTPI</i> ) .....	72
<b>Figura 8:</b> “Plano Fechado” de José Rodrigues dos Santos a apresentar falhas de coerência no discurso atual de José Sócrates em relação a declarações suas de tempos anteriores ( <i>RTPI</i> ). .....	72
<b>Figura 9:</b> “Plano Próximo” de José Sócrates em “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTP1</i> ).....	73
<b>Figura 10:</b> “Plano Próximo” de Luís Marques Mendes em “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ).....	73
<b>Figura 11:</b> “Plano Médio” de Marcelo Rebelo de Sousa em “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” ( <i>TVI</i> ). .....	74
<b>Figura 12:</b> Exemplo de um oráculo no programa “A Opinião de José Sócrates” ( <i>RTPI</i> ).....	75
<b>Figura 13:</b> Exemplo de um oráculo no programa “A Opinião de Luís Marques Mendes” ( <i>SIC</i> ).....	75

## Resumo

O debate em torno dos géneros jornalísticos encontra-se em aberto e não existe um consenso entre as várias classificações propostas pelos autores desta matéria. As fronteiras entre os vários géneros são ténues e, por esse motivo, é frequente resvalarem ou a intersectarem-se com outros. Partindo desta discussão, propomo-nos compreender a interseção de géneros em três espaços televisivos - “A Opinião de José Sócrates” (*RTPI*), “A Opinião de Luís Marques Mendes” (*SIC*) e “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (*TVI*) -, definidos como espaços de comentário, apesar de, na sua forma e no seu conteúdo, incluíam aspetos comumente identificados no género de entrevista; e, para isso, precisamos de identificar quando estamos perante características de comentário ou características de entrevista.

A metodologia de trabalho aplicada nesta dissertação consiste, em primeiro lugar, no levantamento e recenseamento bibliográfico das principais discussões em torno das definições de géneros jornalísticos, na caracterização e na delimitação clara do comentário e da entrevista e das suas especificidades no jornalismo televisivo e político, e na atitude e linguagem jornalísticas que lhes são inerentes. Em segundo lugar, consiste na análise de conteúdo de um conjunto de emissões dos três programas, estruturada a partir dos seus elementos caracterizadores, nomeadamente: os intervenientes (o jornalista e o comentador), a duração do programa, a alocação do programa do canal, o alinhamento padrão, o posicionamento editorial do jornalista, a escolha temática predominante, o desenvolvimento argumentativo, a delimitação do campo de resposta do comentador, a interação entre os intervenientes, o distanciamento do comentador, o conteúdo temático e o enquadramento cénico.

Como método complementar à análise de conteúdo das peças, recorreremos à realização, e respetiva interpretação, de entrevistas semi-dirigidas aos seguintes jornalistas: David Borges, João Adelino Faria, Cristina Esteves e Maria João Ruela.

Com base nos elementos recolhidos compreendemos que os três espaços televisivos assumem predominantemente características de comentário, mas que, apesar disso, devido a uma necessidade de adaptação à dinâmica do meio e por razões de estatuto profissional, os jornalistas também recorrem a técnicas do género de entrevista. Neste sentido, concluímos que estamos perante espaços de comentário que têm alguns momentos de entrevista.

## ***Abstract***

The debate about journalistic genres is currently open and there is no consensus among the various classifications proposed by the authors of this matter. The boundaries between the various genres are thin and, therefore, it's common for the different genres to overstep or intersect between them. Coming from this discussion, we propose to understand the hybrid nature of three television spaces - "A Opinião de José Socrates" (RTP1), "A Opinião de Luís Marques Mendes" (SIC) and "Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa" (TVI) - defined as commentary spaces. For that, we need to identify when we are facing commentary features or interview features.

The methodology applied in this work is firstly based on the bibliographical survey of major discussions about the journalistic genres settings, on the characterization and clear definition of the commentary and interview genres and their specificities in television and political journalism, and on the behavior and journalistic language attached to them. Secondly, it's based on the content analysis of a set of emissions of the three programs, structured by their characteristic elements: the actors (journalist and commentator), duration of the program, the allocation of the program on the channel, the standard alignment, the editorial positioning of the journalist, the predominant theme, the argumentative development, the delimitation space for the commentator to respond, the interaction between the actors, the commentator detachment, the thematic content and the scenic environment.

As a complementary method to the analysis of the content of the three pieces, we conducted interviews and the respective interpretation with the following journalists: David Borges, João Adelino Faria, Cristina Esteves and Maria João Ruela.

Based on the evidences gathered, we understand with this research that the three television spaces assume predominantly commentary features. Nevertheless, due to a need to adapt to the environment and due to professional status reasons, the journalists also use interview techniques. Therefore, we conclude that we are facing commentary spaces that are completed with some interview moments.

## **Agradecimentos**

Para a realização deste trabalho foram várias as pessoas que me ajudaram e às quais devo um agradecimento especial. Em primeiro lugar, uma nota especial de reconhecimento pelo apoio dos meus orientadores, Professora Maria José Mata e Professor Carlos Andrade, cujos conselhos e disponibilidade me permitiram atingir os objetivos a que me propus. Gostaria ainda de agradecer à Professor Anabela Sousa Lopes pela ajuda que me deu ao longo do mestrado.

Um agradecimento a todos os meus amigos mais próximos e à minha família pela força, paciência, compreensão e por me terem acompanhado nesta batalha, mesmo nos momentos em que estive ausente.

Ao Ivan, um obrigado pelo apoio e presença incondicional, pela tolerância, pelo companheirismo e por ter acreditado sempre em mim.

Por último, o principal agradecimento à minha mãe porque, sem ela, nada disto teria sido possível. Muito obrigada pela ajuda incansável, pela motivação, pela força, e pelas horas que passou comigo que não me deixaram desistir.

## Introdução

Procuramos, neste trabalho, realizar um estudo que se enquadra no âmbito da discussão em torno dos géneros jornalísticos. Mais especificamente, propomo-nos aqui avaliar a hipótese de contaminação dos géneros “comentário” e “entrevista” na televisão portuguesa generalista, em três espaços televisivos: “A Opinião de José Sócrates” (*RTPI*), “A Opinião de Luís Marques Mendes” (*SIC*) e “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (*TVI*), definidos como espaços de comentário pelos próprios canais. Pretendemos compreender a natureza deste tipo de formatos e, para isso, procurámos identificar as circunstâncias e os momentos em que estamos perante características definidoras de um ou de outro género.

Na verdade, o debate em torno dos géneros jornalísticos, por se encontrar em aberto, não perde a atualidade. Encontra-se em aberto porque não é rara a literatura atual que mostra que os investigadores propõem sistematicamente diferentes classificações dos vários géneros jornalísticos existentes<sup>1</sup>. Para este facto, concorrem diversas razões, das quais destacamos sobretudo a inexistência de um consenso quanto às classificações propostas, a frequente confusão manifestada na própria identificação e designação dos espaços – nomeadamente os televisivos - e as ténues fronteiras que delimitam os diferentes géneros.

Para conseguir responder de forma concreta àquilo a que nos propusemos, foi necessário estabelecer o que a pesquisa pretende, isto é, quais são os seus objetivos específicos. Estes objetivos devem ser expressos de forma clara, visto que são orientações do estudo, e devem ser congruentes entre si (Roberto, 2006). Assim, propomo-nos a:

- Compreender o debate em torno dos géneros jornalísticos, tendo em conta a sua aplicabilidade no meio televisivo;
- Mapear as definições de comentário e entrevista e a respetiva caracterização em termos de linguagem e posicionamento do jornalista;
- Analisar a atitude e a linguagem jornalística utilizada nestes espaços, na televisão;
- Compreender e contextualizar o historial dos três formatos e o percurso público e político dos três comentadores em causa;

---

<sup>1</sup> Destacamos como exemplo as seguintes obras: Chaparro (2008), Santos (2009), Seixas (2009) e Lopes (2014).

Para cumprir com estes objetivos, será utilizada uma metodologia baseada em métodos qualitativos. Os métodos qualitativos são indicados para investigações em profundidade, de médio e longo prazo, através de procedimentos regulares e repetidos (Santo, 2010). No âmbito desta investigação, utilizámos as seguintes técnicas: pesquisa documental, análise de conteúdo e realização de entrevistas.

A pesquisa documental constitui o primeiro passo para a elaboração do marco teórico e centra-se na revisão de fontes de informação. Esta técnica consiste em identificar, obter e consultar bibliografia e outros materiais úteis, com informação importante e relevante para os objetivos do estudo e tema de pesquisa (Roberto, 2006).

Já a técnica de análise de conteúdo pode integrar-se nos procedimentos lógicos de investigação empírica e pode ser aplicada tanto numa fase descritiva (descrever os dados) como numa fase explicativa (relacionar esses mesmos dados) (Vala, 1999). Neste trabalho, a análise de conteúdo foi aplicada nestas duas vertentes. Esta técnica foi utilizada porque nos pareceu fundamental, para provar as hipóteses de investigação acima enunciadas, analisar um conjunto de emissões daqueles programas que são identificados como espaços de comentário enquanto géneros de jornalismo.

Por fim, a realização de entrevistas surgiu como um método complementar à análise de conteúdo dos programas, de forma a recolher informação que nos permitisse obter mais detalhes relacionados com produção destes espaços televisivos e com o comportamento dos intervenientes. As entrevistas foram feitas a João Adelino Faria e Cristina Esteves (jornalistas do espaço “A Opinião de José Sócrates” da *RTP1*), a David Borges (antigo diretor da *TSF* que coordenava o programa “O Exame de Marcelo Rebelo de Sousa”, que corresponde ao mesmo modelo praticado na *TVI*) e a Maria João Ruela (jornalista do espaço “A Opinião de Luís Marques Mendes” da *SIC*). As perguntas feitas aos entrevistados foram iguais, exceto as de David Borges pelo facto de não fazer parte de nenhum destes três espaços televisivos. No entanto, todas estas entrevistas seguem um conjunto de tópicos em volta do tema central: a posição que estes jornalistas adotam nos respetivos espaços de comentário. Com esta técnica de recolha de dados, os entrevistados têm toda a flexibilidade para falar dos tópicos sugeridos livremente, proporcionando uma visão aprofundada e “por dentro” do fenómeno estudado.

Por último, importa explicar de que forma é que esta dissertação se encontra estruturada. Começámos por proceder ao enquadramento teórico do tema – a delimitação e problematização das fronteiras entre géneros jornalísticos – expondo e confrontando diferentes perspetivas em relação aos seguintes aspetos: o debate em torno das definições de géneros jornalísticos e a sua transposição para o meio televisivo; a caracterização dos espaços de comentário e dos espaços de entrevista (enquadrados no contexto televisivo e na temática da política) e, por inerência, a atitude e linguagem jornalísticas aí empregues. De seguida, procedemos ao estudo de caso que sustenta a nossa tese, apresentando os três espaços de comentário que escolhemos e os seus respetivos comentadores e contextualizando a sua relevância no atual panorama televisivo português. Posteriormente, fazemos ainda a análise e interpretação do conteúdo das emissões referidas e das entrevistas realizadas a partir dos seus critérios caracterizadores: os intervenientes (o jornalista e o comentador), a duração do programa, a alocação do programa do canal, o alinhamento padrão, o posicionamento editorial do jornalista, a escolha temática predominante, o desenvolvimento argumentativo, a delimitação do campo de resposta do comentador, a interação entre os intervenientes, o distanciamento do comentador, o conteúdo temático e o enquadramento cénico; e, por fim, levamos a efeito uma reflexão crítica que, partindo da convocação dos elementos previamente apresentados, reuniu os argumentos necessários que nos permitissem responder àquilo a que nos propusemos nesta tese.

## 1. Debate em torno dos géneros jornalísticos

São oito da noite e ligamos a televisão para nos informarmos acerca da atualidade. Vamos fazendo *zapping* pelos canais generalistas nacionais. Optamos pela *TVI* e são vários os conteúdos informativos de teor político transmitidos no *Jornal das Oito* sob a forma de notícia, reportagem, entrevista, espaço de opinião ou debate. Apercebemo-nos de que os mais variados géneros jornalísticos estão presentes na veiculação dos conteúdos.

A televisão, como meio de comunicação, talvez seja o fenómeno de maior impacto na vida quotidiana das pessoas. O lugar que ocupa em relação aos restantes *media* é predominante e, hoje em dia, a televisão sofre uma dupla tendência: a concentração, visando as grandes audiências, e a especialização, direcionada a pequenas audiências, muito específicas (Sá, 1998, p.131). Na televisão generalista portuguesa são transmitidos conteúdos que, por um lado, estão direcionados para o público em geral (público-alvo mais amplo, heterogéneo e abrangente), procurando abranger a massa das audiências - o que se denomina de concentração (como por exemplo, os programas "Alta Definição"<sup>2</sup> da *SIC* e "A Quinta"<sup>3</sup> da *TVI*) - e, por outro lado, conteúdos que estão focalizados num público com características específicas (público-alvo menos amplo e abrangente, e mais homogéneo) - o que se denomina de especialização (como por exemplo, os programas "Desporto 2"<sup>4</sup> e "Poesia na Ordem do Dia"<sup>5</sup> da *RTP2*).

Esta posição privilegiada da televisão tende a manifestar-se na vida social dos indivíduos e ocupa um lugar central nos processos de socialização e de integração dos mesmos (*ibidem*). A televisão tornou-se um veículo de comunicação bastante eficiente e, na realidade, o jornalismo funciona como ator político dentro das sociedades, visto que é através dele que as pessoas têm conhecimento sobre a gerência do seu país e sobre o comportamento de quem está envolvido no governo e que detém poder, o que afeta, conseqüentemente, a vida de todos (Pereira, 2010). Por

---

<sup>2</sup> SIC (2016) *Alta Definição* [Internet] Disponível em <<http://sic.sapo.pt/Programas/altadefinicao>> [Consult.16 de Março de 2016]

<sup>3</sup> TVI (2016) *A Quinta* [Internet] Disponível em <<http://www.tvi.iol.pt/aquinta/>> [Consult.16 de Março de 2016]

<sup>4</sup> RTP (2016) *Desporto 2* [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/programa/tv/p32569>> [Consult.16 de Março de 2016]

<sup>5</sup> RTP (2016) *Poesia na Ordem do Dia* [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/programa/tv/p32866>> [Consult.16 de Março de 2016]

isso mesmo, não é preciso fazer um grande esforço para perceber que a ação política em geral tem, por sua vez, um lugar de destaque na informação televisiva (Serrano, 2006), sendo que toda a atividade de governação do Estado levada a efeito pelos políticos é sistematicamente exibida nos espaços televisivos dos nossos canais televisivos.

O jornalismo político é um tradutor para o público: tem a responsabilidade de mostrar o que está certo e o que está errado, transmitindo as falhas que ocorrem no meio político, uma vez que isso tem influência, direta ou indireta, na vida das pessoas. É evidente para todos que o jornalismo e a política estão reciprocamente ligados: enquanto a televisão tem uma posição chave na política e os políticos têm de despertar o interesse da televisão, também os jornalistas precisam dos políticos para obterem informações (Pereira, 2010).

Tanto os espaços de comentário como as entrevistas têm uma posição crucial neste processo, visto ser através deste tipo de espaços, dentro dos géneros jornalísticos televisivos, que os eleitores se informam sobre as posições políticas de cada partido e sobre as personalidades e os perfis dos candidatos (Serrano, 2006). E apesar de os políticos e de os jornalistas terem diferentes visões acerca da realidade (os primeiros regendo-se por critérios ideológicos e os segundos por critérios empíricos, através da observação da realidade ou de fontes que garantam uma descrição fidedigna dessa realidade), o que é que os cidadãos esperam do jornalismo? Ora, de acordo com a deontologia da profissão<sup>6</sup>, espera-se que o jornalismo transmita informação rigorosa, exata e honesta: “O jornalista deve relatar os factos com rigor e exatidão e interpretá-los com honestidade. Os factos devem ser comprovados, ouvindo as partes com interesses atendíveis no caso.”<sup>7</sup> Só no pressuposto da investigação da verdade é que o interesse público é devidamente satisfeito: são necessárias informações verdadeiras para os habilitarem a fazer escolhas e a tomar decisões conscientes.

A entrevista e os espaços de comentário são apenas dois géneros jornalísticos específicos, os quais integram um conjunto de vários géneros, que habitualmente são classificados tendo em consideração as suas características e os seus limites.

---

<sup>6</sup> Consultar código deontológico em: ERC (2016) *Código Deontológico do Jornalista* [Internet] Disponível em <<http://www.erc.pt/documentos/legislacao/site/CodigoDeontologicodoJornalista.pdf>> [Consult. 3 de Janeiro de 2016]

<sup>7</sup> Consultar o “Ponto 1” do código deontológico em: ERC (2016) *Código Deontológico do Jornalista* [Internet] Disponível em <<http://www.erc.pt/documentos/legislacao/site/CodigoDeontologicodoJornalista.pdf>> [Consult. 3 de Janeiro de 2016]

Os géneros jornalísticos são campos predefinidos e enquadrados a partir de modelos funcionais-argumentativos da linguagem, ou seja, são rotinas próprias do jornalismo, que se caracterizam conforme a posição do jornalista, o estilo, o tema, a apresentação e a dimensão. Por outras palavras, os géneros jornalísticos são utilizados como categorias elementares associadas à expressão, à forma e à estrutura da mensagem jornalística (Lopes, 2014). Para Lorenzo Gomis (1989) os géneros têm ainda que cumprir diferentes funções para responder às necessidades sociais e, portanto, cada género jornalístico terá que especificar as funções que atribui ao jornalismo (Gomis, 1989). No caso da televisão, Nascimento (2010) defende que existe uma construção de expectativas relacionadas a cada género por parte dos recetores, considerando que a identificação prévia do género televisivo do programa exibido interfere na compreensão do conteúdo do mesmo.

As teorizações acerca dos géneros em jornalismo desenvolveram-se a partir de 1950, em Espanha. No começo de 1959 criou-se uma disciplina na Universidade de Navarra, chamada “Os Géneros Jornalísticos”. O principal responsável foi o professor Martínez Albertos, que se tornou uma das maiores referências da área. Em 1968, os géneros de jornalismo são então classificados pelo mesmo como informativos (o relato dos acontecimentos), explicativos (esclarecimento dos acontecimentos), opinativos (apresentação de pensamentos sobre determinado acontecimento) e diversionais (função de divertir). Mas, poucos anos depois, Hector Barrat sugere outra delimitação (já trabalhada por Martínez Albertos desde 1974): os géneros narrativos, que estão associados à enunciação de factos; os géneros descritivos, relacionados com a descrição ou com a apresentação de traços ou características de um ser vivo, de um objeto, de um ambiente, ou de uma cena; e os géneros argumentativos, que remetem para o encadeamento das ideias com a finalidade de defender uma opinião e convencer o interlocutor (Seixas, 2004, p.2).

Percebemos, assim, que a dificuldade em estabilizar as classificações e em definir os campos concretos de cada género jornalístico era visível e constante (*ibidem*).

José Marques Melo, um dos teóricos de referência desta temática no Brasil, é da opinião que o género jornalístico resume-se ao conjunto de circunstâncias que determinam o discurso de cada meio de comunicação para o público. O autor, inspirado no estudo de Luiz Beltrão de 1976, apresenta, em 1985, uma classificação de géneros jornalísticos que se veio a tornar referência, classificação essa que se

centra numa lógica binária baseada na distinção entre informação e opinião (Melo, 1985). Dito de outro modo, divide os géneros em dois grandes grupos: informativos (a nota, a notícia, a entrevista, a reportagem), vocacionados para a transmissão de acontecimentos, através da descrição e narração; e opinativos (o comentário, o editorial, o artigo, a resenha, a coluna, a crónica, a caricatura, a carta), vocacionados para a realização de comentários e exposição de ideias e de juízos de valor acerca de acontecimentos<sup>8</sup>. Marques de Melo propôs esta classificação com base em duas vertentes que identificou: “reprodução do real” (informação) e “leitura do real” (opinião) (*ibidem*).

E, até à data, a definição dos géneros jornalísticos parte, algumas vezes, dessa lógica binária (apresentada anteriormente) para ilustrar as dificuldades da sua operacionalização.

Para alguns autores, esta classificação não oferece dúvidas. É o caso de Anabela Gradim (2000), segundo a qual o princípio que preside a esta divisão é muito claro, no sentido em que a opinião não é utilizada para transmitir novas informações nem dar notícias, mas sim para lançar e promover o debate e esclarecer os espetadores.

No entanto, nos dias de hoje, a operacionalização dessa normalização do discurso jornalístico tornou-se ainda mais difícil e desafiante e, neste sentido, os meios de comunicação social acabam por recorrer a novas formas de apresentar os conteúdos informativos que não se enquadram de modo claro numa tipificação estrita de géneros jornalísticos. Por essa razão, os géneros jornalísticos têm vindo a sofrer alterações. Assim, a sua classificação está em aberto e são vários os autores que têm apresentado novas propostas de classificação (Santos, 2009).

Da leitura dessa variedade de classificações, pudemos descortinar duas tendências.

Por um lado, existem autores que, embora não abandonem a classificação binária, chamam particular atenção para as suas limitações e chegam mesmo a sugerir algumas observações complementares. É o caso de José Marques de Melo que adota o paradigma informação *versus* opinião embora admita a existência de géneros complementares (Seixas, 2008). Paula Cristina Lopes (2014), por sua vez, considera que nenhum dos géneros existe em estado puro, isto é, todos têm características intrínsecas de diferentes géneros, e, por essa razão, para que a

---

<sup>8</sup> Este estudo aplica-se particularmente ao jornalismo brasileiro.

identificação dos géneros seja feita conforme o modelo binário tradicional (informação *versus* opinião), é necessário determinar qual o género dominante. Mais acrescenta que não se deve desvalorizar a grande quantidade de subgéneros existentes. Também João Paulo Meneses (2003) é da opinião de que, para além dos géneros clássicos estudados em jornalismo, existem outros géneros jornalísticos, alguns deles inesperados, talvez pelo facto de nunca se ter colocado em hipótese que eram formas diferentes de se fazer jornalismo. Para este autor, existe uma necessidade de se abordarem técnicas alternativas e complementares que transformem a realidade em conteúdos jornalísticos.

Por outro lado, existe quem ponha em causa o sentido da separação tradicional entre informação e opinião. Carlos Chaparro (2008), por exemplo, defende que esta separação de géneros não faz sentido, porque, no seu entender, opiniões e informações estão presentes em todos os géneros jornalísticos. Para sustentar esta ideia, o autor destaca o género “notícia” que, sendo visto como um género objetivo e construído com informação pura, resulta de seleções deliberadas com base em critérios de importância e de valor, ou seja, resulta de um exercício opinativo, e não meramente informativo. Chaparro (2012, p.5) afirma que “a conservação dessa matriz reguladora esparrama efeitos que superficializam o ensino e a discussão do jornalismo e tornam cínica a sua prática profissional”, defendendo que se trata de “um falso paradigma, uma fraude teórica, porque o jornalismo não se divide, mas se constrói com informações e opiniões”. O autor é da opinião de que, por um lado, não há como noticiar um facto sem a componente opinativa e, por outro, o comentário seria ineficaz se não partisse de dados informativos e confiáveis, concluindo, assim, que não existem “espaços exclusivos ou excludentes para a opinião e a informação” (Chaparro, 2012, p.6).

À semelhança, se retrocedermos uns anos, já em 1984, Palacio destacava a vertente interpretativa do jornalismo, justificando-se da seguinte forma:

"Primeiro, porque escolhe entre tudo o que se passa aquilo que considera 'interessante'. Segundo, porque traduz a uma linguagem inteligível cada unidade que decide isolar (notícia) e, além disso, distingue nela o que é mais interessante (...) e o que é menos interessante. Terceiro, porque, além de comunicar as informações assim elaboradas, trata também de situá-las e ambientá-las para que se compreendam (reportagem, crónica),

e de explicá-las e julgá-las (editorial e, em geral, comentários).” (Palacio, 1984 *apud* Chaparro, 2012).

E, até mesmo, Gomis (1991, p.38) defendia que o jornalismo era “um método de interpretação sucessiva da realidade social”. Assim, Chaparro (2012), apresentando também estes dois autores como suporte, defende que a cultura jornalística produziu um equívoco. Isto porque considera que a notícia objetiva (construída com informação “pura”) resulta de “seleções e exclusões deliberadas, controladas pela personalidade opiniática do jornalista” (Chaparro, 2012, p.17).

É importante referir que as primeiras distinções de géneros foram pensadas sobretudo para a imprensa; no caso da televisão, os géneros jornalísticos surgem geralmente incluídos entre os géneros televisivos, adotando-se aí algumas subdivisões que contemplam, entre outros, as peças dos noticiários, as reportagens, as entrevistas e os debates e, claro, os espaços de comentário, que a seguir merecem atenção especial e sobre os quais se irá detalhar as características (Oliveira, 2007).

## **2. O comentário e a entrevista: caracterização e uso no jornalismo político**

**Fazemos mais uma vez *zapping* e detemo-nos por um momento na *RTPI*. Aqui está a ser transmitido um espaço televisivo intitulado “A Opinião de José Sócrates” e que, entre os diferentes e variados formatos jornalísticos, aparece classificado como “espaço de comentário”. Decidimos mudar de canal para a *SIC* e vemos o jornalista José Gomes Ferreira a entrevistar Victor Bento, Presidente Executivo do Novo Banco, num espaço jornalístico definido como “entrevista”. Comentário e entrevista: o que os define enquanto géneros jornalísticos?**

A fim de aferirmos a hipótese definida no início deste trabalho, importa lançar um olhar particular sobre dois géneros jornalísticos específicos: o comentário e a entrevista. Só através de uma delimitação clara destes conceitos, conseguiremos estar aptos para perceber as fronteiras que, no seu exercício, também os aproximam.

### **2.1. O comentário**

Acerca dos espaços de comentário, podemos começar por nos perguntar em que contexto é que surge a sua necessidade.

A resposta mais comum a esta questão, tendo em conta a literatura existente, pode ser apresentada do seguinte modo: o jornalismo não tem apenas a função de informar, mas também de ajudar a decodificar a informação. No caso específico do jornalismo televisivo, um dos seus papéis é o de dotar os cidadãos telespetadores de informação fidedigna, acerca do que se passa no mundo, da forma mais imediata possível, fazendo da conjugação de imagens e de sons uma das suas principais ferramentas (como foi referido anteriormente). Neste sentido, não basta dotar os cidadãos telespetadores de informação; será também necessário fornecer-lhes diferentes visões do mundo e várias interpretações de um mesmo acontecimento. É neste contexto que nasce a necessidade de chamar, para os palcos mediáticos, comentadores de perfis profissionais diferenciados (Lopes, 2011). Assim, para além de saberem o que aconteceu, os comentadores devem desmontar os acontecimentos, atribuindo-lhes significados e explicações, de modo a que seja possível admitir

cenários de futuro. No fundo, o que o comum cidadão espera que lhe seja fornecido é uma leitura dos acontecimentos que lhe dê alguma garantia de estabilidade, de segurança, ou, não sendo possível obtê-las nas condições em que se encontra, que lhe sejam proporcionadas alternativas para procurar informação noutros locais. Os comentadores têm ainda o dever de explicar o que significam conceitos desconhecidos até um certo momento (e que passam a ser de uso corrente associados a determinada onda noticiosa) (Lopes, 2011) e podem também auxiliar os leigos, na exata medida em que estudam os assuntos em causa e se preparam com a devida antecedência, tanto a nível de respostas, como de vocabulário e de palavras-chave (Sena, 2013). Admite-se que a aposta em convidar (ou contratar) indivíduos com carácter de permanência garante uma fidelização de audiências, que se identificam com o posicionamento apresentado por determinado comentador. No entanto, esta estratégia poderá também funcionar pela negativa, quando os telespetadores seguem um comentador com cujas posições não concordam. E, nestes casos, veem a emissão para se oporem ao que é dito e pela polémica que uma emissão levanta. Em qualquer dos casos, os telespetadores obtêm, neste tipo de painéis fixos, argumentos para, numa primeira fase, construírem a sua própria opinião e, numa segunda fase, poderem discuti-la nos mais variados contextos (Lopes, 2011).

Em suma, a razão fundamental que parece justificar a necessidade dos espaços de comentário é a de ajudar a descodificar a informação transmitida. Em relação a este aspeto importa, no entanto, sublinhar que a referida ajuda não pode partir do pressuposto de que existe uma espécie de inaptidão por parte dos cidadãos para a compreensão da informação prestada; e com o termo “inaptidão” não estamos a referir-nos nem ao facto de existirem pessoas mais leigas em certos assuntos, nem ao facto de a racionalidade humana ter as suas limitações - estamos antes a referir-nos à ideia paternalista e, na nossa opinião, errónea, de que os cidadãos em geral precisam de alguém que os guie na compreensão do mundo. Num país democrático, temos de assumir que cada cidadão tem todas as condições para formar a sua própria opinião de maneira autónoma. Assim sendo, a ajuda na descodificação da informação deve ser encarada como algo que vai apenas possibilitar uma compreensão mais esclarecida, a qual, por razões até de natureza técnica, poderia ficar comprometida. Efetivamente, o facto de, acerca de um determinado acontecimento, nos serem apresentadas diferentes visões e interpretações, só pode favorecer uma compreensão mais rica dos fenómenos que desejamos conhecer. Ouvir o que os outros pensam

acerca de um determinado assunto, mesmo que pensemos de forma diferente, será sempre vantajoso. Se pensarmos do mesmo modo, poderemos ver a nossa fundamentação ser enriquecida com novos argumentos; se pensarmos de modo diferente, temos a oportunidade de melhorar a nossa fundamentação, pois contrastar as nossas ideias com as dos outros obriga-nos a ser mais rigorosos na procura da verdade acerca do mundo.

O que acabámos de dizer sobre o contributo dos comentadores para a criação e solidificação das ideias dos cidadãos telespetadores fará sentido no pressuposto de que a expressão das suas ideias é balanceada e cuidadosa. Mas, na realidade, isto nem sempre acontece e tal facto prende-se com o poder dos comentadores.

O poder que os comentadores detêm tem sido alvo de várias análises, reconhecendo-se, em geral, a força que possuem e a capacidade que têm de influenciar, de persuadir. Mas o modo como se leva alguém a acreditar nalguma coisa, isto é, o uso que os comentadores fazem da retórica, pode ser bom ou mau. Estamos perante a distinção entre a persuasão racional e a manipulação (Murcho, 2006, p.142). Quando um comentador se dirige a uma audiência, ele dirige-se a seres racionais, isto é, a seres que têm um determinado aparelho cognitivo que funciona mediante um conjunto de princípios lógicos fundamentais. É isto que define a racionalidade humana. Mas, para além de todos nós cometermos erros de raciocínio (como foi dito anteriormente), fatores como a nossa educação, as nossas crenças e valores, os grupos sociais a que pertencemos e até a nossa sensibilidade fragilizam a nossa racionalidade. Ora, quando um comentador televisivo encara essas fragilidades da racionalidade humana como um obstáculo a ultrapassar, está a fazer um bom uso da retórica e está a respeitar o cidadão telespetador, ou seja, está a convidar o telespetador a pensar por si próprio; mas quando explora as fragilidades do auditório, aproveitando-se das limitações do raciocínio das pessoas ou dos seus preconceitos, incorre num mau uso da retórica: o seu objetivo já não é o de procurar que o telespetador pense e avalie por si próprio o que está a ouvir, mas sim o de o manipular, levando-o a pensar naquilo que lhe interessa.

Na prestação de esclarecimentos e na descodificação da informação, os comentadores televisivos introduzem as suas perspetivas e estas estão muitas vezes contaminadas pelos seus interesses pessoais, nomeadamente políticos. O seu discurso é, frequentemente, duplo, no sentido em que os painéis (quando é este o caso) em que participam se tornam campos de batalha. Para além de se dirigirem a um público

vasto, os comentários dirigem-se, muitas vezes, a opositores, nomeadamente no campo da política. Como a política se faz, em boa medida, de anúncios, de documentos e de reações, os programas televisivos com comentadores fixos revelam-se um excelente lugar para testar ideias e para reagir ao que foi feito ou dito por outros (Lopes, 2011, p.63). Para além disso, os comentadores políticos (e não apenas as notícias transmitidas) também marcam e influenciam as campanhas eleitorais e a forma como estas são representadas (Serrano, 2006, p.93). Estes profissionais tendem a focar-se nos temas não substanciais das campanhas, adotando um discurso que se centra em enquadramentos e em estilos de linguagem muito próximos dos usados por políticos e jornalistas. Isto pode acontecer pelo facto de os comentadores acreditarem que, ao adaptarem-se à lógica usada pelos *media*, terão uma maior aceitação por parte do público. Embora os editores dos órgãos de comunicação social continuem a ter um papel determinante na definição da agenda (dos assuntos que serão, ou não, tratados jornalisticamente), também os comentadores assumem uma parte dessa função. Ou seja, não se limitam a comentar aquilo que foi notícia (porque os editores assim o entenderam), como frequentemente recuperam assuntos que tiveram pouco destaque ou que nem sequer foram noticiados (Serrano, p.94).

À luz de tudo o que até aqui afirmámos sobre o espaço de comentário, podemos então defini-lo como um espaço em que um comentador convidado procura, sobretudo através das suas opiniões e usando uma retórica tendencialmente persuasiva, ajudar a descodificar a informação acerca do mundo, fazendo uma leitura e interpretação dos acontecimentos da atualidade.

Quem estará em condições de preencher o perfil de um comentador televisivo? Alguém que, sendo telegénico, tenha um discurso fluente e expressivo, bom domínio da comunicação verbal e não-verbal, capacidade de improviso e de argumentação, sentido crítico, rapidez de raciocínio, sólida e vasta cultura geral baseada numa preparação rigorosa e, ainda, rentabilidade mediática resultante do reconhecimento público e/ou da capacidade de prender a audiência através do que diz (Lopes, 2011; Jaspers, 1998).

O lugar de comentador não é adquirido de um dia para o outro. Geralmente, os comentadores só passam a residentes após algumas prestações esporádicas. Depois dessas prestações, os programadores fazem uma análise para chegarem à conclusão de que alguns têm as características necessárias para se manterem no ar, garantindo audiências durante semanas sucessivas (Lopes, 2011).

## 2.2. A entrevista

A entrevista situa-se, no âmbito dos géneros jornalísticos televisivos, num âmbito mais alargado. A sua necessidade deriva do facto de ser através dela que é possível responder a perguntas como o “quem?”, “onde?” ou “porquê?” da notícia. É claro que existem outras fontes de informação; no entanto, grande parte das notícias resultam deste género jornalístico (Meneses, 2003). Por esta razão, a entrevista tornou-se um género jornalístico fundamental. Surge ainda como suporte de grande parte dos restantes géneros, por ser um dos instrumentos de excelência da investigação jornalística. Até o jornalismo de opinião se baseia nela, visto surgir como complemento (ou como substituta) dos géneros clássicos (Raimundo, 2005).

A entrevista também se tornou um género indispensável à criação de conteúdos informativos na televisão por conferir veracidade às notícias transmitidas e humanizar a sua componente de espetáculo. Isto verifica-se muito nos telejornais, que autenticam acontecimentos do dia, especialmente aqueles em que não foi possível captar imagens a tempo e recorrem a conversas com os protagonistas ou com as testemunhas (*ibidem*).

Para evitar o elencar de uma panóplia de definições de entrevista<sup>9</sup>, procuraremos identificar os elementos mais relevantes constitutivos deste género jornalístico.

A entrevista é um género específico de conversação, em que as convenções utilizadas são diferentes das conversações do quotidiano. Define-se como um diálogo frente a frente com a finalidade de obter notícias ou declarações com valor-notícia. Os intervenientes deste processo têm os seus papéis definidos: o entrevistador coloca as questões e o entrevistado fornece as respostas. A este propósito, Adelino Gomes, no prefácio do livro “Pessoal e Transmissível XX-XXI” de Carlos Vaz Marques (2004, p.5), diz-nos o seguinte: “Entre as inúmeras definições que tenho lido e ouvido, uma em especial me agrada: é colocar à pessoa certa a pergunta certa. Sob a capa de um aparente simplismo, ela encerra toda a complexidade deste género jornalístico”. Ao entrevistador cabe a dominância diretiva (Silva, 2009, p.67 e 68) visto que é este que tem que definir os rumos da interação, ou seja, o entrevistador é o condutor da conversa: é quem questiona para chegar à verdade, não à verdade absoluta mas à verdade do entrevistado. Apesar do destaque que o entrevistador tem

---

<sup>9</sup> Remetemos aqui, entre outros, para: Charon (1995), Jaspers (1998), Sousa (2001), Marques (2002 e 2004), Meneses (2003), Raimundo (2005) e Silva (2009).

numa entrevista jornalística, o seu papel no desenvolvimento do tema é secundário. É ao entrevistado que compete desenvolver as questões propostas pelo entrevistador, pois é a ele que se quer ouvir, é para ele que a nossa atenção se dirige.

Num contexto de entrevista, a disponibilidade das pessoas para responder sinceramente depende, mais do que da própria pergunta, da opinião subjetiva que formam sobre quem faz a pergunta.

“(…) da voz ao olhar ou ao vestuário, há todo um conjunto de códigos e sinais que determinam, por vezes, no espaço de segundos, o êxito ou o fracasso da missão” (Raimundo, 2005, p.52).

O elemento de confiança é muito importante, tal como a avaliação das intenções da pergunta e das consequências da resposta, a amabilidade ou a impertinência, o humor, a rapidez ou a lentidão.

Noutra obra de Carlos Vaz Marques (2002, p.9-11), que reúne vários testemunhos de jornalistas, destacamos a descrição da arte de entrevistar, proposta, na introdução, pelo jornalista Pedro Rolo Duarte:

“(…) o que conta é a nossa capacidade de nos deixarmos fascinar pelo outro, é a humildade com que misturamos a palavra com o silêncio, é a sincera vocação para ouvir. Saber ouvir (...) Perceber o nó na garganta. Reconhecer o valor do silêncio. Saber parar. Sentir o pulsar daquele com quem conversamos. Estar atento. Olhos nos olhos. Pressentir a fronteira que não se deve ultrapassar. Ser sincero, para que se possa esperar sinceridade na resposta. Não ter medo das emoções. Não ter medo das palavras.”

Note-se como esta definição compreende aquilo que, segundo João Paulo Meneses (2003), constitui um requisito fundamental da entrevista: uma espontaneidade na aparência, suportada por uma boa preparação de fundo.

De entre as várias classificações e tipologias possíveis de entrevista, cumprenos destacar uma distinção de Jorge Nuno Oliveira (2007), que coloca a ênfase no objetivo central da entrevista. Assim, a entrevista será biográfica quando visa conhecer o pensamento e a vida do entrevistado e temática quando se destina a esclarecer ou adquirir mais informações acerca de determinado assunto jornalisticamente importante. Por exemplo, o Primeiro-Ministro pode ser

entrevistado com o intuito de conhecermos a sua vida pessoal ou percurso profissional, ou pode ser entrevistado sobre determinado tema polêmico ou relevante que exija um esclarecimento público (Oliveira, 2007, p.49). Para além desta classificação, este autor defende que as entrevistas biográficas seguem um tom mais coloquial e as entrevistas temáticas seguem um tom mais agressivo, conforme a disponibilidade do entrevistado para transmitir a informação que o jornalista pretende adquirir.

Também tida com uma escola do jornalismo de referência, a *BBC Academy* identifica, como regra fundamental da entrevista, a necessidade de ser explicado com exatidão ao entrevistado qual o tema da mesma, exceto alguns casos (como por exemplo, a obtenção de entrevista para exposição de crime).<sup>10</sup>

O entrevistado tem o direito de saber quem será o entrevistador, em que programa(s) será emitida a entrevista (quer seja em direto ou gravado), o tema em causa, e ainda de receber as perguntas com antecedência (*ibidem*)

Muitos convidados oferecem alguma resistência em serem entrevistados. O jornalista não pode desistir; no entanto, a pressão exercida pode ser contraproducente.

Para além disso, o jornalista deve colocar a si próprio as seguintes questões: estarei a fazer acusações graves sobre este convidado? Existe interesse público em ouvir esta pessoa? É difícil ou impossível de obter a verdade sem ser a ouvir a pessoa em questão? (*ibidem*)

Para concluir esta descrição do género entrevista, destacamos a seguinte definição de Jorge Nuno Oliveira (2007, p.49) que nos parece resumir bem o que até aqui foi referido: uma entrevista resume-se à existência de um jornalista (que ocupa o lugar de entrevistador) que conversa e questiona um convidado (que ocupa o lugar de entrevistado) com o principal objetivo de recolher informação jornalisticamente relevante que só o entrevistado (devido ao seu cargo, qualificações ou representatividade) “pode fornecer com autoridade e conhecimento de causa”.

---

<sup>10</sup> BBC Academy. (2016) *Treating interviewees fairly*. [Internet] Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/academy/journalism/skills/interviewing/article/art20130702112133425>> [Consult. 12 de Novembro de 2015]

### 2.2.1. Entrevista Política e Televisiva

Identificados aqueles que julgamos serem os elementos genéricos de caracterização da entrevista, e tendo em consideração que a nossa investigação envolve três espaços televisivos cujos convidados têm um historial político, importa agora concentrar a nossa atenção nas particularidades da entrevista política e televisiva.

A partir de 1974, quando se deu a revolução do 25 de Abril, Portugal libertou-se de um regime político ditatorial, em que não havia eleições livres nem liberdade de expressão. O que se publicava, ou transmitia, estava sujeito ao controlo do Estado. O silenciamento que existia tinha dois propósitos fundamentais: por um lado, procurava proteger os governantes da contestação pública e, por outro, proteger as pessoas de ideias que os governantes consideravam erradas e incómodas. Mas, a partir do momento em que Portugal se liberta deste regime político ditatorial, os portugueses começaram a expor publicamente as suas posições políticas, sem limitações, e, portanto, na comunicação política dos dias de hoje, a entrevista a figuras políticas tornou-se muito comum (Silva, 2009).

A entrevista política não só contribui para uma elevação de dirigentes partidários desconhecidos a figuras públicas reconhecidas nacionalmente e algumas internacionalmente, como também viabiliza a fase de ascensão de um cidadão comum para a liderança, passando este a ser visto como um líder de opinião, com ideias que podem beneficiar a sociedade (*ibidem*).

Embora exista o preconceito e a suspeita de que os políticos manipulam os seus interlocutores com grande facilidade, a entrevista política não perde a sua relevância e interesse. A classe política tem o sigilo como condição indispensável na sua atividade profissional e, portanto, acaba por iludir perguntas difíceis ou embaraçosas por não querer ou por não poder responder-lhes. O desafio permanente no jornalismo político é o de tentar forçar os políticos a explicarem-se e a prestarem satisfações aos cidadãos, independentemente dos *timings* estabelecidos, das conveniências partidárias ou dos jogos de bastidores (Raimundo, 2005).

Deparamo-nos, muitas vezes, com autênticas reações dos jornalistas perante as opiniões expressadas por alguns convidados e, devido ao interesse do jornalista no tema em causa, ou impulsionado pelas características sensitivas e emotivas do ser humano, aquele acaba por revelar ou transparecer as suas opiniões e convicções.

Em relação a este tipo de acontecimentos, recorrentes no jornalismo contemporâneo, encontramos autores com posições contraditórias. Por um lado, existe quem defenda que o jornalista não deve nunca manifestar as suas opiniões, mas apenas transmitir as opiniões dos seus entrevistados. Por outro, existe quem defenda que o entrevistado não deve assumir uma posição neutra, mas sim crítica. A título de ilustração da primeira posição, destacamos João Paulo Meneses (2003), segundo o qual a posição dos jornalistas é irrelevante para a entrevista e, por este motivo, os jornalistas devem ter muito cuidado nas afirmações que sublinham o final de algumas respostas dos entrevistados, não deixando nunca transparecer qualquer ponto de vista. Também Yvan Charon (1995) defende que o entrevistador deve ser neutro, não transmitindo nenhuma ideia preconcebida da realidade, nenhuma emoção ou sentimento em relação ao seu entrevistado. Já Jean-Jacques Jespers (1999) assume uma posição diferente, defendendo que o entrevistador tem de ter uma abordagem crítica (em vez de assumir uma posição nula, limitando-se a colocar questões e a segurar no microfone) e destacar as contradições internas do discurso do interlocutor.

Em casos de entrevistas acerca de assuntos mais polémicos, ou com figuras públicas, e até políticas, mediáticas, a posição do jornalista torna-se mais vulnerável ao erro, no sentido em que o jornalista tem que ter muita sensibilidade para conseguir compreender quais as ténues fronteiras entre fazer perguntas mais incisivas que confrontem ou que contrariem o entrevistado, de forma a adquirir informações e fazer perguntas que, no fundo, não são mais do que meras acusações, julgamentos ou graves provocações. Nesta linha de pensamento, João Paulo Meneses (2003) chama a atenção para a distinção que tem que ser muito bem feita, por parte do jornalista, entre perguntas e provocações, até porque as motivações do jornalista podem inclusivamente tornar-se confusas para o próprio público que está a assistir: o jornalista não é juiz, nem polícia.

Não nos podemos esquecer da dimensão que os acontecimentos e as informações transmitidas pelos meios de comunicação adquirem nos dias de hoje. A televisão exerce na sociedade uma influência muito grande e tem, inclusivamente, o poder de distorcer a real importância dos acontecimentos: quando as notícias são transmitidas pela televisão, adquirem automaticamente um valor acrescentado e uma dimensão que, na verdade, até pode não corresponder à realidade. Por este motivo, o canal televisivo deve ter o cuidado de proteger o entrevistado e, a confidencialidade de conversas anteriores privadas (entre o convidado e o jornalista) também não pode

ser ignorada e só faz sentido transmitir informações sobre a vida privada de alguém caso essas informações possam influenciar o futuro dos telespetadores, ou caso sejam reflexo de uma evolução importante na sociedade (Jespers, 1998). A verdade é que, sobretudo em televisão, os acontecimentos e as informações transmitidas adquirem o dobro da dimensão e podem provocar efeitos sociais diretos, pelo facto de chegarem a muitas pessoas; pessoas essas que podem estar envolvidas nos acontecimentos em causa, ou terem qualquer tipo de influência direta na vida do entrevistado, ou, até mesmo, meros cidadãos que possam não fazer uma leitura adequada da informação transmitida.

Posto isto, quais é que são então as condições que tornam possível a entrevista nos termos em que anteriormente a definimos?

O jornalista, com os meios de que dispõe, raramente está na posição de observar diretamente os acontecimentos. Geralmente, confronta-se com a função de reconstituir os factos. Como não viveu diretamente a realidade em questão, tem que recorrer a intervenientes, a testemunhas, a observadores ou a especialistas que detêm fragmentos dessa realidade, e tem como objetivo pô-los a falar, fazendo com que transmitam, para além de informações objetivas, impressões, sentimentos, conselhos e histórias. Na qualidade de mediador entre a realidade e o público, e tendo sempre em consideração o que pretendem saber os cidadãos comuns, o entrevistador deve ser exigente na obtenção das respostas, quer dizer, não deve permitir qualquer contradição ou dissimulação nas respostas que obtém.

Há muitos anos que os jornalistas reivindicam a liberdade de expressão e a independência face aos poderes político e económico. Ao obterem essa liberdade e independência, o seu comportamento alterou-se em relação aos entrevistados, principalmente quando o entrevistado detém poder. Esta evolução tem-se vindo a refletir na passagem de um tipo de entrevista para outro, da “entrevista promocional” para a “entrevista crítica”. No primeiro caso, temos uma entrevista constituída por perguntas parciais sobre temas definidos anteriormente. Aqui o entrevistado diz precisamente o que decidiu dizer, e o entrevistador é apenas um instrumento da intervenção e da notoriedade do interlocutor. No segundo caso, temos os dois intervenientes num plano de igualdade (Charon, 1995, p.16).

No plano referido, o jornalista também tem de ter a capacidade de controlar os entrevistados que falam de mais e os que falam de menos. Ou seja, deve pôr a falar os entrevistados que têm dificuldade em comunicar, para que estes transmitam

as informações procuradas e, por outro lado, deve conseguir, de forma educada e subtil, silenciar os entrevistados que dão respostas muito longas, visto que em televisão os tempos estão contados e é preciso que o entrevistador tenha essa capacidade de controlo e de gestão de tempo. Por exemplo, muitos políticos têm como hábito comum não responder a perguntas feitas por jornalistas, dizendo simplesmente que não respondem, ou desviando-se discretamente para outro tema, recorrendo a artifícios linguísticos. Ora, um bom jornalista não deve permitir que isso aconteça (*ibidem*).

Se o convidado não quiser responder a alguma pergunta, está no seu direito; no entanto, o jornalista deverá insistir duas ou três vezes e destacar a situação mas, se o protagonista mantiver a recusa, deve passar para a pergunta seguinte. Em muitos casos, os entrevistados respondem aos jornalistas com perguntas, de forma a desviarem-se do tema ou da questão que lhes foi colocada. Como regra, o jornalista não responde a perguntas feitas pelos entrevistados, pois a sua função é a de perguntar e não a de responder; não obstante, poderá sempre esclarecer dúvidas ao entrevistado (Meneses, 2003). Apreendemos ainda que o jornalista deve interromper sempre que achar necessário e conveniente, mas as interrupções devem ser bem medidas, e não excessivas. Isto porque o público não gosta de ouvir sucessivas interrupções e, além disso, não gosta de ouvir o convidado a alongar-se demasiado tempo acerca da mesma questão. É necessário ter sensibilidade para compreender os tempos adequados.

O bom jornalista deve responsabilizar-se pela clareza da mensagem que o entrevistado transmite, até porque, quanto mais concretas são as perguntas feitas pelo jornalista, maior é a possibilidade de as respostas serem claras. A grande dificuldade existe quando está presente o uso de jargão especializado (económico, científico, cultural), facto que leva, por vezes, o entrevistador a esquecer que está a comunicar para o cidadão comum, por se querer mostrar credível aos olhos do entrevistado. E esta não é a atitude correta (*ibidem*).

Assim, compreendemos que a entrevista é um género jornalístico muito complexo e exigente e que, quando aplicado à televisão e à transmissão em direto, requer uma atenção redobrada. Até mesmo uma pequena entrevista de dois minutos pode tornar-se um verdadeiro espetáculo televisivo. Por este motivo, deve ter ritmo, interesse, importância e dinamismo.

### 3. Atitude e linguagem jornalística

**Depois de desligarmos a televisão, ficamos a pensar: afinal, estamos aqui perante jornalistas, entrevistados e comentadores políticos, ou estamos perante atores? Aqueles estúdios mais parecem palcos de atuações...**

Nos programas de comentário e nas grandes-entrevistas são colocados interlocutores a exprimirem as suas opiniões e os seus pontos de vista sobre determinados temas, cuja *performance* tem um forte carácter espetacular, resultante do discurso da retórica do corpo e da encenação inerente à interação conversacional.

Há uma clara consciência, por parte destes intervenientes, de que estão a ser vistos por uma grande audiência, facto que leva os próprios intervenientes a criarem as suas personagens. Por este motivo, o meio televisivo é frequentemente associado ao teatro: “chamamos *cena* mediática ou *palco* de acontecimentos àquilo que vemos; usamos o termo *bastidores* para falar daquilo que a imagem não mostra; designamos como *atores* mediáticos os programadores, jornalistas ou mesmo convidados das emissões televisivas.” (Lopes, 2008, p.145).

Esta componente mais espetacular, presente nestes espaços televisivos, está evidentemente relacionada com a vertente mais emotiva do trabalho jornalístico. As emoções são importantes no jornalismo e os programas de informação televisiva podem inclusive incorporar discursos onde se destaca o lado emocional dos convidados. É ainda legítimo que os jornalistas interpelem os seus interlocutores com base nas emoções que estes podem verbalizar sobre determinados assuntos.

No entanto, uma leitura atenta do que se tem publicado acerca da atitude (postura) dos jornalistas, permite-nos entrever duas dimensões distintas no trabalho jornalístico, a saber: uma dimensão emotiva e uma dimensão racional, e mais pragmática, refletindo ambas, afinal, aquilo que define a natureza humana. O modo como a articulação entre essas duas dimensões é compreendido varia entre os estudiosos. Por um lado, temos uma tendência mais clássica e conservadora que defende que as emoções são sensacionalistas e perturbadoras da reflexão, desvalorizando o papel das emoções e até considerando-o impeditivo da boa prática jornalística, entendida como uma investigação racional e objetiva da realidade. Ao compreender o jornalismo como um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis, Manuel Carlos Chaparro (1993), por exemplo, manifesta

uma clara resistência à aceitação de uma dimensão subjetiva e emocional na boa prática jornalística, considerando que tais elementos inviabilizam a credibilidade da informação. Por outro lado, temos uma tendência mais atual e moderna que considera fundamental desmistificar o jornalismo como uma máquina analítica, não só sublinhando a importância das emoções no trabalho levado a efeito pelo jornalista mas, mais do que isso, encarando a interação entre razão e emoção como sendo constitutiva da boa prática jornalística. Felisbela Lopes (2008), por exemplo, é da opinião que, em televisão, quanto maior for a emoção intrínseca, maior a expressividade das palavras e, até mesmo no campo da informação, não é viável tentar opor as emoções à informação ou criticar os traços emotivos da comunicação televisiva; isto porque existem efetivamente temáticas que implicam a existência de afeto e de cognição, sem haver qualquer tipo de perda de informação. Dentro desta tendência, esta autora defende mesmo que a presença das emoções no jornalismo poderá ser uma fonte de conhecimento. Não encarar a atividade jornalística desta forma seria exigir demais a qualquer ser humano; em cada fase do processo de produção e transmissão de informações existem variáveis como crenças, valores, sentimentos, medos, repulsas, simpatias, preconceitos, inseguranças, certezas, etc. que não podem ser descuradas (*ibidem*, p.125 e 126).

Esta concepção acerca do trabalho do jornalista reflete-se também na forma como muitos autores encaram a função da linguagem televisiva. O sistema verbal neste tipo de linguagem baseia-se em imagens que não precisam de um grande aprofundamento por serem imediatas, quer dizer, a linguagem televisiva é uma linguagem coloquial predominantemente visual e, nesta qualidade, deve ser íntima, versátil, dinâmica e rápida (Góis, 2010, p.2). Os conteúdos que interessam ao jornalismo não são reproduzidos de forma natural por um mero observador: a percepção não acontece de modo passivo, mas sim ativo. Além disso, a linguagem não é um espelho fiel do universo, dependendo sistematicamente das hipóteses e das perspectivas dos intervenientes para a produção de um discurso (Oliveira, 2013).

Esta ideia remete-nos para a ideia do jornalismo como construção da realidade<sup>11</sup>, desenvolvida por vários investigadores a partir da década de 70 do séc. XX., segundo a qual a notícia, como produto final, é o resultado de várias

---

<sup>11</sup> Sobre esta visão e desenvolvimentos subsequentes cf., entre outros, Gaye Tuchman (1978), Sousa (2004), Nelson Traquina (2001, 2002, 2005 e 2008) e Mauro Wolf (2010).

negociações, decisões, percepções e critérios profissionais e, portanto, não reflete a realidade de forma fiel (Castro, 2013).

A maneira como os jornalistas utilizam a linguagem também cria efeitos nos telespetadores, desde a forma como entendem as informações transmitidas às opiniões e posições que assumem e, até mesmo, aos comportamentos que adotam.

O poder do discurso está na sua capacidade de construir a ilusão de que a informação transmitida é uma reprodução da realidade (mesmo que não o seja). No entanto, a informação, quando chega aos telespetadores, já passou por uma grande cadeia enunciativa para ser convertida em notícia, não correspondendo assim à informação dita original e inicial (Rebelo, 2000).

Desta forma, compreende-se que a maneira como os jornalistas utilizam a linguagem e o poder do seu discurso provocam efeitos na forma como os telespetadores compreendem as notícias e criam opiniões e adaptam comportamentos. O jornalismo tem nele contido uma série de ferramentas que facilitam a criação de um determinado tipo de discurso, estudado e trabalhado, de forma a conseguir criar os efeitos pretendidos.

**Uma coisa é certa: não conseguiremos perceber o que nos entra diariamente pela casa dentro, através da televisão, sem complementarmos um certo aparato teórico com uma análise mais prática dos conteúdos televisivos.**

## **4. Estudo de caso: O espaço de comentário na televisão generalista**

Apresentadas as características operativas do comentário e da entrevista enquanto género jornalístico, importa averiguar como eles se intersejam num formato contemporâneo dos nossos ecrãs televisivos, partindo de três exemplos concretos: “A Opinião de José Sócrates” da *RTPI*, “A Opinião de Luís Marques Mendes” da *SIC* e “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” da *TVI*. Pretendemos, através deste estudo caso, avaliar o grau de contaminação dos géneros de comentário e de entrevista na televisão portuguesa generalista.

### **4.1. Delimitação do *corpus***

Tal como acabámos de referir, a sustentação da nossa tese passa pela análise de conteúdo de três espaços de comentário televisivo: serão estes realmente espaços de comentário (tal como estão definidos pelos próprios canais)?

Para o efeito, seleccionámos uma amostra representativa de um conjunto de emissões destes três espaços de acordo com os seus elementos estruturantes. Esta seleção recaiu sobre as emissões transmitidas, durante 10 semanas, das quais nove são consecutivas (desde o dia 13 de setembro de 2014 ao dia 16 de novembro de 2014) e uma, a título excepcional, isolada (dias 23 e 25 de março de 2014). Duas observações prévias têm que ser feitas a propósito desta escolha: por um lado, a nossa seleção programática esteve sujeita a uma dupla exigência - as emissões tinham de estar disponíveis e tinham de integrar o mesmo período temporal, de modo a possibilitar a realização de um estudo comparativo, no âmbito de cada semana; por outro lado, seleccionámos emissões integradas numa semana do mês de Março, fora do núcleo duro da nossa investigação, porque o espaço de opinião exibido na *RTPI*, no dia 23 de Março de 2014, com José Rodrigues dos Santos e José Sócrates, suscitou grande debate e polémica sobre a forma em que foi feita a interpelação, ilustrando assim a relevância da questão que nos propomos discutir nesta investigação. Para além disto, analisámos ainda o programa de despedida de Marcelo Rebelo de Sousa do seu espaço de comentário, transmitido no dia 11 de outubro de 2015, onde foram reveladas várias histórias e desvendadas algumas questões associadas à posição e ao comportamento da jornalista Judite Sousa e do comentador.

Por fim, realizámos entrevistas a alguns dos jornalistas que faziam parte destes espaços televisivos de forma a conseguirmos obter mais informações pertinentes para esta investigação: João Adelino Faria (*RTP1*), Cristina Esteves (*RTP1*), Maria João Ruela (*SIC*) e, ainda, David Borges (que, embora não faça parte de nenhum destes três programas, é o antigo diretor da *TSF* que orientava o espaço “O Exame de Marcelo Rebelo de Sousa”, que corresponde ao mesmo modelo praticado na *TVI*).

#### **4.2. O espaço de comentário nos três canais: *RTP1*, *SIC* e *TVI***

O surgimento destes três espaços televisivos na *RTP1*, na *SIC* e na *TVI* exige uma contextualização.

A partir dos anos 80, dá-se uma profunda transformação na televisão portuguesa devido à necessidade de diversificação da oferta que, com a segunda revisão constitucional de 1989, culmina no aparecimento dos canais privados *SIC* e *TVI*, que são, hoje, os concorrentes diretos da *RTP* (Sobral, 2012). A *SIC* deu início às suas transmissões em 1992, e liderou, em 1995, as audiências, devido ao grande investimento feito em programas de informação, de entretenimento, de documentário e de programas de ficção portugueses. Mas a maior aposta da *SIC* foi feita nos conteúdos informativos.<sup>12</sup>

Já a *TVI* foi o segundo canal privado português a ser lançado, sendo que a sua programação começou por ser feita com base em valores cristãos, visto que inicialmente se tratava de um canal ligado à Igreja Católica. Os níveis de audiência eram baixos, mas, em 1999, o grupo *Media Capital* comprou a totalidade da empresa, havendo, conseqüentemente, uma mudança de estratégia de programação, o que levou a que a *SIC* perdesse o lugar de líder de audiências para a *TVI* (Sobral, 2012).

Neste contexto concorrencial, refere Rita Figueiras (2005, p.15), o recurso a opiniões especializadas no campo da informação faz

“com que, por um lado, aumente a quantidade de *Opinion Makers* nos diversos Media, mas principalmente, que os *Opinion Makers* de

---

<sup>12</sup> Impresa. (2016) *SIC*. [Internet] Disponível em <<http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC>> [Consult. 25 de Julho de 2015]

referência acumulem e/ou transitem de Media, permanecendo assim sempre no «Espaço Público»”.

Entre 1993 e 1995, todos os jornais televisivos apostam na colaboração de comentadores, maioritariamente recrutados nos espaços de opinião da imprensa de referência, refere a autora<sup>13</sup>.

A partir de 2003 a *RTP1* introduz um espaço de comentário no telejornal de domingo em modelos diferentes dos até aí habituais. O comentário assume a forma de um debate entre representantes dos dois maiores partidos portugueses: Pedro Santana Lopes (PSD) e José Sócrates (PS). O modelo rapidamente é imitado pela concorrência. Em Setembro do mesmo ano, a *SIC* introduz o comentário no “Jornal da Noite” recrutando Pedro Santana Lopes para as terças-feiras<sup>14</sup>, Manuel Maria Carrilho para as quintas-feiras e José Pacheco Pereira para os domingos, dia em que tem a concorrência direta de Marcelo Rebelo de Sousa na *TVI*. No “Jornal 2” (*RTP2*) o modelo de comentário então vigente era distinto: em vez de um espaço fixo, o jornal contava com comentadores convidados em função dos temas. O mesmo modelo vigorará na *SIC Notícias* onde a presença de comentadores ocorre em função da agenda pública de acontecimentos relevantes<sup>15</sup> (*ibidem*).

Como reitera Rita Figueiras, “Os *opinion makers* surgem como vedetas (possuidoras de um capital simbólico socialmente reconhecido) que ajudam na promoção dos meios de comunicação social onde colaboram” (*ibidem*, p.16).

No atual panorama televisivo, o peso dos comentadores políticos nos espaços de programação informativa continua a ser visível. Neste momento, nas três estações televisivas generalistas e respetivos canais informativos por cabo (*RTP1*, *RTP2*, *RTP3*, *SIC*, *SIC Notícias*, *TVI* e *TVI 24*), temos os programas “Já vi este filme” (*RTP1*), o comentário de Miguel Sousa Tavares no Jornal da Noite (*SIC*), “Opinião Pública” (*SIC Notícias*), “Ponto Contraponto” (*SIC Notícias*), e “Política mesmo” (*TVI 24*) como exemplos atuais de programas com presença de comentário.

---

<sup>13</sup> “Na *RTP1* tínhamos, ao domingo, Constança Cunha e Sá e José Carlos Vasconcelos; o *TV2 Jornal* tinha Ângelo Correia, José Carlos Vasconcelos, Nuno Rogeiro, Eduardo Prado Coelho, Francisco Louçã, Virgílio de Carvalho, José Medeiros Ferreira; a *TVI* tinha Ângelo Correia, João Amaral, José Lelo, Nogueira de Brito; e na *SIC* encontrávamos, ao fim de semana, Paulo Portas, Fernando Rosas, António Barreto, Mário Bettencourt Resendes e Vicente Jorge Silva” (Figueiras, 2005, p.15).

<sup>14</sup> A saída de Pedro Santana Lopes para a *SIC* motivou a extinção do espaço de comentário no “Telejornal” de domingo da *RTP1*. (Figueiras, 2005, p.16).

<sup>15</sup> Existia o “Frente a Frente” e o “Cross Fire” com a presença de Nuno Rogério e Alfredo Barroso e existia também a “Quadratura do Círculo” com a presença de José Pacheco Pereira, Lobo Xavier e José Magalhães (Figueiras, 2005, p.16).

### **4.3. “A Opinião de José Sócrates” (RTP1), “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC) e “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (TVI)**

Como foi referido anteriormente, cada um dos canais generalistas portugueses apresenta, na sua programação, espaços de comentário, espaços esses que são transmitidos em antena mas que também estão disponíveis nos seus *sites* (*online*). É importante compreender de que forma é que estes surgiram e foram definidos por cada canal.

O espaço de opinião da *TVI*, com Marcelo Rebelo de Sousa, surgiu em Maio de 2000. Apenas em Março de 2013, surgiu o do comentador Luís Marques Mendes na *SIC* e, no mês seguinte, em Abril de 2013, o ex Primeiro-Ministro José Sócrates deu início aos seus comentários políticos na *RTP1*.

José Sócrates estreou-se, aos domingos, no seu programa de comentário na mesma altura que Nuno Morais Sarmiento se estreou, às sextas-feiras, com “A Semana de Nuno Morais Sarmiento”, também na *RTP1*, ambos a seguir ao telejornal. Contrariamente à chegada deste último, a chegada de José Sócrates à *RTP1* provocou vários protestos, sendo que foram inclusivamente criadas petições na internet (em Março de 2013), umas a favor da contratação, outras contra (Lopes, 2013).

Inicialmente, surgiu a petição “Recusamos a presença de José Sócrates como comentador da *RTP*”, que defendia que o ex Primeiro-Ministro não deveria participar “em qualquer programa da *RTP*, televisão essa que é paga com dinheiros públicos dos contribuintes que sofrem do resultado da má gestão deste senhor”. Os assinantes da petição afirmam ainda recusar “liminarmente o branqueamento das ações deste senhor através da TV dos atos de despesismo e gestão danosa, que fez com este país andasse para trás, e não para a frente”. O texto era dirigido a todas as partes envolvidas na Comunicação Social e mencionava também que os portugueses exigiam “uma televisão pública de qualidade, com isenção e transparência”<sup>16</sup>.

Em resposta, poucas horas depois, foi feita outra petição “A favor da presença de Sócrates na *RTP*”, argumentando que o Ex-Primeiro Ministro marcou a vida política portuguesa nos últimos tempos e que, embora tenha havido erros, também houve muitos benefícios. Para além disso, os assinantes sublinhavam que os cidadãos vivem “num estado democrático e de direito”, onde “há um princípio fundamental basilar desse mesmo Estado: o princípio do contraditório, o princípio da defesa quer

---

<sup>16</sup> Petição Pública. (2013); *Petição Recusamos a presença de José Sócrates como comentador da RTP*. [Internet] Disponível em <<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=p2013n37935>> [Consult. 2 de Março de 2015]

do bom nome quer das opções tomadas”, e que, portanto, é de direito e interesse que José Sócrates tenha a oportunidade de se defender”<sup>17</sup>. Nesta petição, compreendemos que os próprios defensores visavam, antecipadamente, este programa como um espaço onde José Sócrates se iria defender das acusações que lhe eram feitas, isto é, um espaço televisivo onde seriam discutidos assuntos em que José Sócrates seria o protagonista e onde, conseqüentemente, iria ter espaço e tempo para se defender.

Já Luís Marques Mendes era, anteriormente, comentador político na *TVI 24*<sup>18</sup>, levando consigo, por isso, alguma experiência no espaço televisivo de comentário. Mais tarde, a *SIC* e a *SIC Notícias* precisaram de reforçar a área de opinião da estação e, portanto, foi neste contexto de necessidade que convidaram Luís Marques Mendes (ao lado de nomes como Francisco Louçã, Bagão Félix, António Vitorino e Jorge Coelho) (Fonseca, 2013).

Marcelo Rebelo de Sousa tornou-se comentador político muito antes de José Sócrates e Luís Marques Mendes. Aliás, o formato aplicado em “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” na *TVI* surgiu na rádio, mais precisamente na *TSF*, com o programa “O Exame de Marcelo Rebelo de Sousa” com Emídio Rangel (Sousa, 1994). Em televisão, começou a colaborar no “Jornal Nacional” da *TVI*, que corresponde ao atual “Jornal das 8”. Mas, em 2004, o ex-presidente do PSD anunciou que iria deixar de fazer comentário na *TVI* depois de uma reunião a pedido do presidente da *Media Capital*, Miguel Paes do Amaral<sup>19</sup> (Gomes, 2004). Posto isto, Marcelo Rebelo de Sousa transitou para a *RTP1* com o programa “As Escolhas de Marcelo”, onde manteve o seu papel de comentador político. Em 2010, regressou aos domingos na *TVI* no “Jornal das 8” e, em 11 de Outubro de 2015, Marcelo Rebelo de Sousa despediu-se da estação e do seu cargo de comentador político por ser um dos candidatos às presidenciais de 2016, cargo para o qual acabaria por ser eleito. Durante estes anos foi acompanhado na *TVI* pelos pivôs Ana Sofia Vinhas, Júlio

---

<sup>17</sup> Petição Pública. (2013) *Petição A Favor da presença de Sócrates na RTP*. [Internet] Disponível em <<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=P2013N37949>> [Consult. 2 de Março de 2015]

<sup>18</sup> Luís Marques Mendes, entre 2011 e 2013, foi comentador do segmento “Nem Mais Nem Menos” do programa “Política Mesmo”, na *TVI24*, conduzido por Paulo Magalhães, às quintas-feiras.

<sup>19</sup> O ministro dos Assuntos Parlamentares, Rui Gomes da Silva, mostrou-se, na altura, muito revoltado com os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa, chegando a dizer que “nem o PS, o PCP e o Bloco de Esquerda juntos conseguem destilar tanto ódio ao Primeiro-Ministro e ao Governo como esse comentador [Marcelo Rebelo de Sousa], que, sob a capa de comentário político, transmite sistematicamente um conjunto de mentiras com desfaçatez e sem qualquer vergonha” (Gomes, 2004). Apesar destas declarações e após a saída de Marcelo Rebelo de Sousa da estação, o então secretário-geral do PSD, Miguel Relvas, questionou um jornalista - “Acredita que uma televisão como a *TVI* possa ser pressionada?”-, negando desta forma qualquer intenção do governo em terminar com os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa. No entanto, existiram algumas suspeitas que a *TVI* poderia mesmo ter sido pressionada pelo Governo para que o espaço de comentário acabasse. Este assunto originou uma forte polémica, sendo que eram várias as opiniões e os rumores existentes acerca desta decisão, sem nunca ter sido apurada a verdade (*ibidem*).

Magalhães, José Carlos Castro, Pedro Pinto e, mais recentemente, José Alberto Carvalho e Judite de Sousa<sup>20</sup>.

Depois de nos debruçarmos sobre a origem destes três espaços, importa perceber como é que estes estão definidos pelos próprios canais.

No *site* da RTP<sup>21</sup>, “A Opinião de José Sócrates” é apresentado da seguinte forma:

“Um olhar único, a análise exclusiva e a opinião de José Sócrates, **num espaço de comentário** e análise política, conduzido semanalmente por Cristina Esteves.”

No *site* da SIC<sup>22</sup>, “A Opinião de Luís Marques Mendes” surge no separador “Opinião”, a fotografia deste político está legendada como “comentador” e as emissões estão descritas com a seguinte frase:

“Luís Marques Mendes tem um **espaço de comentário** no Jornal da Noite ao sábado.”

Por fim, e não fugindo aos estilos de definição anteriores, o espaço “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” está apresentado no *site* da TVI<sup>23</sup> da seguinte maneira:

“Aos domingos, no Jornal das 8, Marcelo Rebelo de Sousa **comenta** as notícias da semana, responde a questões dos telespetadores e sugere títulos literários.”

Posto isto, constatamos que são os próprios canais que definem estes espaços como espaços de comentário e os inserem numa visão opinativa. Apenas “A Opinião

---

<sup>20</sup> TVI 24. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa: despedidas e memórias desfiadas*. [Internet] Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/tvi/marcelo-rebelo-de-sousa-despedidas-e-memorias-desfiadas>> [Consult. 20 de Outubro de 2015]

<sup>21</sup> RTP. (2015) *A Opinião de José Sócrates*. [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/play/p1170/a-opiniao-de-jose-socrates>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

<sup>22</sup> SIC Notícias. (2015) *Luís Marques Mendes*. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/opinion/Makers/luismarquesmendes>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

<sup>23</sup> TVI. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa*. [Internet] Disponível em <<http://www.tvi.iol.pt/programa/marcelo-rebelo-de-sousa>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

de José Sócrates” refere também a componente de análise que se trata de um subgénero inserido igualmente nos géneros de opinião (Lopes, 2014).

#### **4.4. Os três comentadores: José Sócrates, Luís Marques Mendes e Marcelo Rebelo de Sousa**

Um estudo recente, coordenado por Felisbela Lopes, revela que, na televisão portuguesa, os comentadores residentes não são muito diversificados, sendo que a maioria é de Lisboa e do sexo masculino. É na televisão por cabo que há mais “painéis fixos”, pois existem mais programas de informação e o fluxo contínuo exige que se garantam presenças fixas. O campo político está sempre presente nos conteúdos televisivos e, portanto, quando é preciso escolher os comentadores residentes para os vários programas, os políticos são valorizados. Os canais televisivos necessitam de convidados com projeção pública para conseguirem obter notoriedade (Lopes, 2011, p.64). Ainda assim, cidadãos comuns também são convidados, por vezes, para assumirem o papel de comentadores e se pronunciarem acerca de determinados assuntos (Sena, 2013).

José Sócrates, Luís Marques Mendes e Marcelo Rebelo de Sousa, os comentadores sobre os quais nos debruçamos nesta investigação, não fogem à tendência apontada no estudo: são homens, todos com uma carreira política diferenciada e com grande circularidade em termos de exposição mediática.

José Sócrates é dos três comentadores o que maior projeção política teve. Foi o primeiro-ministro de Portugal em duas legislaturas e convidado a assinar o espaço de comentário político na *RTP1* em 2013, após um período de dois anos de algum distanciamento da cena política. José Sócrates assegurou o comentário político da *RTP1* a partir do dia 7 Abril de 2013 até Novembro de 2014. Filiado no Partido Socialista, licenciado em engenharia<sup>24</sup>, foi Secretário-Geral do PS entre Setembro de 2004 e Julho de 2011, e anteriormente tinha sido deputado na Assembleia da República, Secretário de Estado Adjunto do Ministro do Ambiente e Ministro do Ambiente e Ordenação do Território. Quando, em 2011, o Presidente da República Cavaco Silva convocou eleições antecipadas e o PS perdeu as eleições para a coligação PSD/CDS, José Sócrates demitiu-se também do seu cargo de secretário-

---

<sup>24</sup> Parlamento. (2015) *Deputados e Grupos Parlamentares*. [Internet] Disponível em <<http://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=285>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

geral do PS e foi estudar Ciência Política para uma Universidade em Paris (Gomes, 2014)<sup>25</sup>.

Passados dois anos, no dia 9 de Janeiro de 2013, foi almoçar com Paulo Dentinho, correspondente da *RTP* em França, que tinha como objetivo propor ao ex Primeiro-Ministro um espaço de comentário semanal no canal público. Após esse almoço e dois meses de negociação, a *RTP* conseguiu colocar José Sócrates como comentador (Bernardino, 2013).

José Sócrates, com esta decisão, acabou por voltar ao local onde se estreou em televisão, já que Emídio Rangel, entre 2002 e 2004, o tinha colocado (na altura, como deputado ex-ministro do Ambiente) ao lado de Pedro Santana Lopes (como Presidente da Câmara Municipal de Lisboa) a debater a atualidade todos os domingos, moderados por Judite Sousa (*ibidem*).

Assim, no dia 27 de Março de 2013, José Sócrates foi entrevistado na *RTP1* pelo ex diretor de informação, Paulo Ferreira, e pelo jornalista Vítor Gonçalves, onde decidiu quebrar o silêncio, tendo sido este momento de emissão especial<sup>26</sup> denominado de “José Sócrates – O Fim do Silêncio”<sup>27</sup>. José Sócrates explicou então que não decidiu regressar à vida política ativa, mas sim ao debate político, pelo facto de considerar estar no tempo certo para “tomar a palavra”, que considerava ser um direito e um dever que tinha, por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, por já terem passado dois anos e considerar que estavam reunidos os elementos essenciais para que estivesse capaz de fazer uma avaliação mais distanciada e mais profunda do que aconteceu até 2011, das respetivas consequências e resultados; e, em segundo lugar, por entender que seria o momento de falar e de se defender das acusações dos seus adversários, estando na altura de partilhar o seu ponto de vista, as suas razões e visões sobre um passado recente e sobre a atualidade do país. Assumindo, logo à partida, nesta entrevista, que iria utilizar este espaço, não só para opinar acerca da atualidade, mas também para se defender dos ataques dos quais foi vítima no seu passado político. Este espaço de comentário foi definitivamente interrompido com a

---

<sup>25</sup> Dados extraídos de:

Público. (2014) *José Sócrates: uma carreira cheia de suspeitas*. [Internet] Disponível em <<http://www.publico.pt/politica/noticia/jose-socrates-uma-carreira-cheia-de-suspeitas-1677178>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015];

Parlamento. (2015) *Deputados e Grupos Parlamentares*. [Internet] Disponível em <<http://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=285>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

<sup>26</sup> Transmitida na *RTP1*, *RTP Internacional*, *RTP África* e *Antena 1*.

<sup>27</sup> RTP. (2013) *A entrevista de José Sócrates na íntegra*. [Internet] Disponível em <[http://www.rtp.pt/noticias/politica/a-entrevista-de-jose-socrates-na-integra\\_v639195](http://www.rtp.pt/noticias/politica/a-entrevista-de-jose-socrates-na-integra_v639195)> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

detenção de José Sócrates, a 21 de Novembro de 2014 em Lisboa, quando regressava de Paris

Simultaneamente, em 2013, Nuno Morais Sarmiento, Vice-Presidente do PSD, tinha sido também convidado para fazer parte do leque de comentadores da estação pública, noutra espaço autónomo, sendo que passou a analisar semanalmente (todas as sextas-feiras) a atualidade a partir do dia 5 Abril de 2013 (até Abril de 2015)<sup>28</sup>.

Já no jornal da noite da *SIC*, o espaço de comentário é da responsabilidade de Luís Marques Mendes, advogado de formação e político filiado no Partido Social Democrata. Este comentador político foi Presidente da Comissão Política do PSD de 2005 a 2007, Deputado na Assembleia da República pelo PSD, Secretário de Estado Adjunto do Ministro-Adjunto e dos Assuntos Parlamentares, Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, Ministro-Adjunto do Primeiro-Ministro e Ministro dos Assuntos Parlamentares. Em Março de 2013, iniciou o seu comentário semanal no *Jornal das Oito* da *SIC*, transmitido todos os sábados, não competindo diretamente com as audiências do espaço de comentário de Marcelo Rebelo de Sousa, na *TVI*. Com o fim do programa “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa”, Luís Marques Mendes passou a fazê-lo aos domingos.

O espaço de comentário mais duradouro inserido num jornal televisivo é o de Marcelo Rebelo de Sousa na *TVI*, que esteve semanalmente no ar desde Maio de 2000 até Outubro de 2015, com uma pausa entre 2004 e 2010, como explicado anteriormente. Conhecido como “Professor Marcelo” (é catedrático em Direito na Faculdade de Direito), é filiado há muitos anos no Partido Social Democrata, foi seu Presidente entre 1996 e 1999, foi deputado da antiga Assembleia Constituinte, Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, Ministro para os Assuntos Parlamentares e Deputado do Parlamento Europeu<sup>29</sup>. Hoje em dia, é Presidente da República.

É de destacar ainda o facto de Marcelo Rebelo de Sousa ser uma figura popular com um forte poder de empatia televisiva.

---

<sup>28</sup> RTP. (2015) *A Opinião de Nuno Morais Sarmiento*. [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/play/p1624/a-opiniao-de-nuno-morais-sarmiento>> [Consult. 25 de Abril de 2015]

<sup>29</sup> Dados extraídos de:

ICJP. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa*. [Internet] Disponível em <<http://www.icjp.pt/corpo-docente/docente/2112>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015];

Esfera dos Livros. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa*. [Internet] Disponível em <[http://www.esferadoslivros.pt/livros.php?id\\_li=%20334](http://www.esferadoslivros.pt/livros.php?id_li=%20334)> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].

## 5. Análise de conteúdo das emissões dos espaços televisivos

Depois de feita uma caracterização do comentário e da entrevista enquanto géneros jornalísticos, e uma contextualização deste tipo de formatos no panorama televisivo português, passaremos à análise do conteúdo das emissões dos espaços referidos e à sua respetiva problematização, com base numa grelha que integra um conjunto específico de critérios previamente estabelecidos.

Assim, teremos em conta quer os aspetos formais quer de conteúdo de cada um dos espaços televisivos. Do ponto de vista formal, identificamos os intervenientes, a duração, a alocação na programação do canal, e o alinhamento padrão; do ponto de vista do conteúdo, apontamos e avaliamos o posicionamento editorial do jornalista, a escolha temática predominante, a delimitação do campo de resposta do comentador, a interação entre os intervenientes, o distanciamento do comentador e o enquadramento cénico.

Para a análise dos conteúdos das emissões visionadas foi criada uma grelha<sup>30</sup> com o objetivo de inventariar aspetos relevantes que requerem, a posteriori, uma observação atenta e interpretativa sobre o papel do jornalista e do comentador.

### 5.1. Do ponto de vista formal

No seu exercício de comentário semanal, os comentadores dividem a cena com um jornalista. Na *RTP1*, neste ciclo temporal, o programa foi conduzido essencialmente pela jornalista Cristina Esteves. No entanto, também José Rodrigues dos Santos e João Adelino Faria chegaram a fazê-lo. Já na *TVI*, foi sempre Judite Sousa a concretizar essa condução e, na *SIC*, também foi sempre Maria João Ruela, exceto no dia 25 de Março de 2014 em que foi a jornalista Ana Lourenço.

Quanto à durabilidade de cada emissão, verificamos que “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (*TVI*) são os mais longos, tendo geralmente cerca de quarenta minutos, apresentando assim uma maior variedade temática, e que tanto “A Opinião de José Sócrates” (*RTP1*) como “A Opinião de Luís Marques Mendes” (*SIC*) duram cerca de vinte minutos.

É ainda de salientar que as emissões analisadas também se distinguem pelo facto de o espaço de comentário político da *RTP1* não estar formalmente inserido no

---

<sup>30</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”.

noticiário; “A Opinião de José Sócrates” é um formato à parte, emitido aos domingos à noite, só depois do jornal das oito. Todavia, a manutenção do pivô do telejornal como condutor do espaço de comentário e a sequência imediata do programa parecem esbater a distinção. No caso da *SIC* e da *TVI*, os comentários estão formalmente inseridos dentro dos próprios telejornais, na última parte dos mesmos. Regra geral, estes espaços de comentário foram transmitidos em direto (exceto alguns casos, por questões de indisponibilidade dos próprios comentadores convidados), situação que, como defende Serrano (2006), cria aos espetadores a sensação de que estão mais próximos dos acontecimentos e opera como uma estratégia de valorização da televisão e dos jornalistas.

## **5.2. Do ponto de vista do conteúdo**

De forma a compreendermos a natureza híbrida deste tipo de formatos televisivos, é preciso identificar quando é que estamos perante características de comentário ou características de entrevista. Pretendemos assim verificar quando existe uma deslocação destes géneros, tendo em conta um conjunto de variáveis, anteriormente identificadas como caracterizadores de cada um.

No caso do comentário televisivo, temos a particularidade, ao contrário do que acontece com o género tradicionalmente definido para imprensa, de o comentador dividir a cena com um jornalista; esta presença obriga-nos a analisar o papel do jornalista, a analisar a sua atuação, na medida em que o diálogo entre dois (ou mais) é o que identifica o género de entrevista. O papel desempenhado pelo jornalista é, então, um elemento fundamental e determinante para a mencionada “deslocação” que esta circunstância precária parece propiciar: como se posiciona o jornalista? De que forma formula as suas questões ou lança os temas abordados? Que tipo de perguntas faz? Faz perguntas abertas ou perguntas fechadas? Faz meras pontuações ou apresenta ideias contraditórias? Estamos a assistir a um diálogo pontuado ou a diálogo que se cinge à pergunta-resposta? Faz perguntas fáceis ou faz perguntas difíceis, criando algum desconforto ou aborrecimento ao comentador? Faz perguntas sobre temas em que os comentadores estão envolvidos? O jornalista assume o papel de orientador do espaço ou de entrevistador? O jornalista delimita o espaço de resposta ao comentador? É o jornalista que agenda os temas?

Em primeiro lugar, tentámos perceber que tipo de perguntas faz o jornalista. No fundo, o que está aqui em jogo é a retórica do jornalista. Se as opiniões e os juízos apresentados pelo comentador não são contra arguidos e este não é diretamente confrontado, aproximamo-nos da definição do espaço de comentário. Caso contrário, aproximamo-nos da definição de entrevista. Neste último caso, o jornalista tem por hábito recorrer, com maior frequência, a perguntas concretas, e afastar-se da posição de parceiro inserido num espaço televisivo. E como é que conseguimos verificar se a pergunta feita pelo jornalista é concreta? A melhor forma de analisarmos este aspeto é identificarmos a pergunta como fechada ou como aberta.

De uma maneira geral, avaliada, no seu conjunto, a postura do jornalista, identificamos mais características de um género opinativo e avaliativo como o comentário do que do género entrevista, já que verificamos que, nos três casos, são colocadas mais perguntas abertas do que fechadas e a liberdade de resposta dada ao comentador é maior<sup>31</sup>. No caso da *RTP1*, podemos ilustrar com os seguintes exemplos, que retratam a forma como, mais frequentemente, a jornalista Cristina Esteves coloca questões a José Sócrates:

“Vamos começar pelas últimas notícias relativas ao Novo Banco... como é que interpreta toda esta situação relativamente a este banco e a saída de Vítor Bento?” (14 de Setembro de 2014)<sup>32</sup>;

“Primárias do Partido Socialista: como é que estão a correr estas primárias?” (14 de Setembro de 2014)<sup>33</sup>;

“Esta foi uma semana em que se ouviram dois pedidos de desculpa por parte de dois Ministros. Qual é a imagem que passou para a opinião pública?” (21 de Setembro de 2014)<sup>34</sup>

“José Sócrates, o Partido Socialista daqui a uma semana vai a votos. O que é que acha desta proposta Socialista relativamente à reforma da Lei eleitoral?” (21 de Setembro de 2014)<sup>35</sup>;

---

<sup>31</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”.

<sup>32</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 32.

<sup>33</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 36.

<sup>34</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 47.

<sup>35</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 54.

“A confirmar-se a vitória de António Costa, como é que fica agora o Partido Socialista?” (28 de Setembro de 2014)<sup>36</sup>;

“Um apelo ao compromisso que foi feito praticamente com António Costa ao lado... Qual é o significado político da eleição de António Costa?” (5 de Outubro de 2014)<sup>37</sup>;

“Como é que olha para a atual situação da PT?” (12 de Outubro de 2014)<sup>38</sup>;

“Qual é o balanço que faz do mandato do Dr. Durão Barroso na CE?” (2 de Novembro de 2014)<sup>39</sup>;

“E agora, no meio disto tudo, acabámos de dar há pouco a notícia que Isabel dos Santos lançou uma OPA à Portugal Telecom SGPS, qual é a sua primeira opinião em relação a esta matéria?” (9 de Novembro de 2014)<sup>40</sup>;

“Temos precisamente esta questão da demissão, primeira consequência política deste caso da alegada corrupção dos vistos gold, qual é o primeiro comentário que o apraz fazer?” (16 de Novembro de 2014)<sup>41</sup>.

No entanto, verificámos que, em todas as emissões analisadas da *RTP1*, também nos confrontamos sempre com perguntas fechadas, embora com menos frequência. Ou seja, percebemos que a/o jornalista não se limita apenas a lançar os temas ou a fazer perguntas abertas, sentindo muitas vezes a necessidade, conforme os assuntos em causa, de recorrer à colocação de questões fechadas. Importa referir que as perguntas fechadas servem maioritariamente para reposicionar a conversa, para não deixar que o comentador se perca no raciocínio ou se afaste do tema e, apenas em casos raros, são colocadas com o intuito de confrontar o comentador com algum aspeto da argumentação em que, na qualidade de fonte ou parte interessada, a sua opinião possa ter interesse noticioso. Por exemplo, no dia 19 de Outubro de 2014, o

---

<sup>36</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 64.

<sup>37</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 81.

<sup>38</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 97.

<sup>39</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 139.

<sup>40</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 152.

<sup>41</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 161.

jornalista João Adelino Faria (que estava a substituir Cristina Esteves que se encontrava doente) perguntou de forma muito concreta a José Sócrates como é que este resolveria o Orçamento de Estado, onde é que optaria por fazer os cortes, ao que José Sócrates lhe responde, com algum desagrado, que não é líder de um partido para o jornalista lhe estar a colocar aquela questão<sup>42</sup>. Como este, existem outros exemplos em que nos apercebemos disso. Passo a citar:

“E esta crise agora é também consequência da eleição de António Costa?” (5 de Outubro de 2014)<sup>43</sup>;

“E acha que a carga fiscal vai ou não ser aliviada?” (12 de Outubro de 2014)<sup>44</sup>;

“Mas acha que era possível baixar impostos nesta altura?” (19 de Outubro de 2014)<sup>45</sup>;

“Acha que este entendimento foi forçadíssimo?” (19 de Outubro de 2014)<sup>46</sup>;

“Então acha que estão exatamente a «espicaçar» António Costa para que revele mais do que ele queira revelar?” (9 de Novembro de 2014)<sup>47</sup>.

No caso da *SIC*, verificamos, de igual modo, que geralmente a jornalista Maria João Ruela lança os temas, na sua grande maioria, através de perguntas abertas a Luís Marques Mendes. As perguntas abertas aqui são geralmente feitas para lançar o tema, colocando as questões como um convite à opinião e reflexão do comentador:

“Gostava de ouvir a sua opinião sobre esta lista de candidatos do PS ao Parlamento Europeu que acabámos de

---

<sup>42</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.6.4, na p.105: “Destques da análise de programas” – “A Opinião de José Sócrates no dia 19.10.2014”.

<sup>43</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 82.

<sup>44</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 93.

<sup>45</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 112.

<sup>46</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 114.

<sup>47</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 151.

conhecer. O que é que lhe parece esta lista?” (25 de Março de 2014)<sup>48</sup>;

“Vou pegar nas suas palavras no início do comentário porque disse que acreditava que haveria outras razões... Quero-lhe perguntar quais são essas razões?” (13 de Setembro de 2014)<sup>49</sup>;

“Vamos avançar para o que resta da política da semana: os debates entre António Costa e António José Seguro. Como é que viu os debates, na sua opinião quem é que ganhou o quê?” (13 de Setembro de 2014)<sup>50</sup>;

“A primeira vez que o Presidente da República e o candidato a Primeiro-Ministro vão estar juntos numa cerimónia pública, antevê discursos de circunstância ou algo mais do que isso?” (4 de Outubro de 2014)<sup>51</sup>;

“Era o que todos os Portugueses esperavam, era que baixasse a sobretaxa (...) uma enorme desavença entre Paulo Portas e Pedro Passos Coelho, quer-nos contar essa história?” (18 de Outubro de 2014)<sup>52</sup>;

“Continuamos a falar de contas, neste caso de contas do Estado, o OE que foi apresentado há cerca de uma semana e meia, parece que está cheio de problemas (...) Como é que faz a leitura? (...)” (25 de Outubro de 2014)<sup>53</sup>;

“Outra polémica que marcou a semana tem a ver com os fundos da Europa...em que é que ficamos?” (1 de Novembro de 2014)<sup>54</sup>.

---

<sup>48</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 7.

<sup>49</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 24.

<sup>50</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 30.

<sup>51</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 46.

<sup>52</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 74.

<sup>53</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 87.

<sup>54</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 106.

Também Maria João Ruela recorre a perguntas fechadas, no entanto, grande parte das perguntas fechadas servem para conduzir o comentário, não sendo necessariamente com o objetivo de confrontar ou questionar o autor do comentário sobre as opiniões que tem. Seguem os exemplos:

“Ficou surpreendido com a demissão de Vítor Bento?” (13 de Setembro de 2014)<sup>55</sup>;

“Mas ouça... Mas não acha que nesse caso o Governo, que tem a tutela política, de todo este dossier, já devia ter intervindo?” (13 de Setembro de 2014)<sup>56</sup>;

“Acha que vai haver mesmo um desentendimento entre os dois? [Paulo Portas e Pedro Passos Coelho]” (4 de Outubro de 2014)<sup>57</sup>;

“Portanto, Passos Coelho e Paulo Portas não se entendem sobre esta matéria?” (11 de Outubro de 2014)<sup>58</sup>;

“Daquilo que leu do Orçamento proposto para 2015, ele é melhor ou é pior daquele que tivemos em 2014?” (18 de Outubro de 2014)<sup>59</sup>;

“Considera que este é um OE eleitoralista?” (18 de Outubro de 2014)<sup>60</sup>;

“Vamos começar o comentário de hoje pelos Bancos... isto é mais uma prova de que a Banca Portuguesa não anda nada bem?” (25 de Outubro de 2014)<sup>61</sup>;

---

<sup>55</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 22.

<sup>56</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 25.

<sup>57</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 40.

<sup>58</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 61.

<sup>59</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 72.

<sup>60</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 75.

<sup>61</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 86.

“Mas não acha que aquilo que António Costa vem dizer é um bocadinho mais do que o PS tem dito nos últimos anos?” (8 de Novembro de 2014)<sup>62</sup>.

Tal como referido anteriormente, são menos frequentes os casos em que Maria João Ruela coloca questões fechadas em tom de confronto. Ainda assim, a jornalista não se limita a lançar sempre de forma global as temáticas agendadas e, por vezes, de forma a não se demitir da sua função de jornalista, sente a necessidade de recorrer a este tipo de perguntas. Destacamos o seguinte exemplo:

“Parece-lhe bem que o tom da campanha Social Democrata seja este?” (25 de Março de 2014)<sup>63</sup>;

Constatamos ainda que também Judite Sousa faz, por vezes, perguntas fechadas em “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” da *TVI*, ainda que na grande maioria se cinja essencialmente a lançar os temas. Seguem-se exemplos de perguntas abertas feitas pela jornalista que ilustram o que acabou de ser dito:

“(…) mas antes uma outra demissão, a de Paulo Bento... O que pensa disso?” (13 de Setembro de 2014)<sup>64</sup>;

“O que é que achou dos debates?” (13 de Setembro de 2014)<sup>65</sup>;

“Professor, vamos lançar um olhar sobre o acontecimento que tem marcado a agenda política e mediática: o caso Tecnoforma. Qual é a sua opinião sobre isto?” (28 de Setembro de 2014)<sup>66</sup>;

“Com António Costa à frente do PS, como é que acha que vai ser o próximo ano?” (28 de Setembro de 2014)<sup>67</sup>;

---

<sup>62</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 120.

<sup>63</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 9.

<sup>64</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 7.

<sup>65</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 16.

<sup>66</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 42.

<sup>67</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 49.

“Como é que se compreende esta expressão "risco de implosão" considerando as suas responsabilidades no sistema partidário português?” (5 de Outubro de 2014)<sup>68</sup>;

“Aquilo que se pergunta é se a França e a Itália estão em condições de desafiar a Alemanha...E também se pergunta porque é que Portugal agora não alinha nesta posição da França e da Itália?” (5 de Outubro de 2014)<sup>69</sup>;

“Professor, tem alguma coisa a dizer sobre o fato de nas últimas semanas estarmos a assistir a uma descida a pique do preço do petróleo nos mercados internacionais e isso não se refletir de alguma forma no dia-a-dia dos Portugueses?” (12 de Outubro de 2014)<sup>70</sup>;

“Rapidamente também relativamente ao Brasil, há uma semana inclinava-se para Dilma Rousseff... e agora?” (19 de Outubro de 2014)<sup>71</sup>;

“Em termos concretos, o que é que vê na coligação?” (19 de Outubro de 2014)<sup>72</sup>;

“Professor, merece-lhe algum comentário este Português que, enfim, combatia pelo Estado Islâmico?” (8 de Novembro de 2014)<sup>73</sup>;

“O que é que achou da entrevista do Cavaco Silva ao Expresso?” (8 de Novembro de 2014)<sup>74</sup>;

“Professor, o vazio deixado pela demissão de Miguel Macedo, como é que poderá ser encarado por Pedro Passos Coelho?” (15 de Novembro de 2015)<sup>75</sup>.

---

<sup>68</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 61.

<sup>69</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 66.

<sup>70</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 80.

<sup>71</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 101.

<sup>72</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 106.

<sup>73</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 140.

<sup>74</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 147.

<sup>75</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 162.

E, por fim, seguem-se os exemplos de perguntas fechadas que também Judite Sousa fez.

“Oh Professor mas não acha que seria expectável que o governo esclarecesse os portugueses sobre isto?” (13 de Setembro de 2014)<sup>76</sup>;

“Mas ainda não percebi o seu ponto... Acha mal ou bem que exista este exercício de humildade dos ministros?” (21 de Setembro de 2014)<sup>77</sup>;

“Concorda com aquilo que disse aqui, na TVI 24, António Barreto... que esta forma de escolha é um ataque brutal à democracia?” (21 de Setembro de 2014)<sup>78</sup>;

“Mas Passos Coelho, politicamente, tem gerido bem ou mal esta questão?” (28 de Setembro de 2014)<sup>79</sup>;

“Portanto o que está a dizer Professor, é que o Presidente devia ter sido mais concreto, mais explícito?” (5 de Outubro de 2014)<sup>80</sup>;

“Os contribuintes vão pagar pelo caso BES?” (12 de Outubro de 2014)<sup>81</sup>;

“Acha que ele se vai candidatar a Primeiro-Ministro? Ou pode no seu íntimo, Passos Coelho, estar a formar a convicção de que não se recandidata?” (19 de Outubro de 2014)<sup>82</sup>;

“O Professor acha que José Sócrates já devia ter sido condecorado?” (2 de Novembro de 2014)<sup>83</sup>.

---

<sup>76</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 15.

<sup>77</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 29.

<sup>78</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 32.

<sup>79</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 43.

<sup>80</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 63.

<sup>81</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 89.

<sup>82</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 107.

No entanto, como referido anteriormente, as perguntas serem classificadas como fechadas não significa que a jornalista esteja automaticamente a entrevistar, mas que estará porventura a colocar as técnicas de entrevista ao serviço do comentário, obrigando o comentador a ser mais preciso e incisivo. Este facto coloca o comentador num espaço híbrido, algures entre o comentador e o entrevistado, o que não faz dele imediatamente entrevistado. Concluimos apenas que, em todos estes espaços, os jornalistas recorrem a técnicas de entrevista, mesmo que com o objetivo de fomentar o comentário e nada mais do que isso.

Podemos apenas destacar um exemplo em que Judite Sousa coloca efetivamente Marcelo Rebelo de Sousa no espaço de entrevistado e não de comentador:

“Se fosse o Professor no lugar de Pedro Passos Coelho, aceitaria levantar o sigilo bancário?” (28 de Setembro de 2014)<sup>84</sup>.

Como seria de esperar, estes diálogos televisivos não se resumem apenas a perguntas e respostas; também são preenchidos por muitas pontuações do jornalista. Seguem exemplos de pontuações a que assistimos nestes três espaços televisivos:

“Também houve associações no sentido de haver pagamento de cotas para ficarem ativas...” (RTP1, Cristina Esteves, 14 de Setembro de 2014)<sup>85</sup>;

“É que realmente não é usual ouvir-se pedidos de desculpa por parte de Ministros, Governantes... Embora José Sócrates também tenha pedido desculpa...” (RTP1, Cristina Esteves, 21 de Setembro de 2014)<sup>86</sup>;

“Aliás, hoje, tanto a Ministra das Finanças como o Ministro da Economia fugiram dos jornalistas, e nem sequer uma palavra, não

---

<sup>83</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 122.

<sup>84</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 47.

<sup>85</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 38.

<sup>86</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 51.

aos jornalistas mas aos Portugueses...” (SIC, Maria João Ruela, 13 de Setembro de 2014)<sup>87</sup>,

“E é um processo fácil, uma vez que está ligado ao mundo dos negócios.” (SIC, Maria João Ruela, 4 de Outubro de 2014)<sup>88</sup>;

“Mas, entretanto, o *Expresso* disse que esta Tecnoforma recebia dinheiro do petróleo de Cabinda...” (TVI, Judite Sousa, 28 de Setembro de 2014)<sup>89</sup>;

“Bom, Professor, estamos quase a iniciar e a entrar num tema crucial que tem a ver com a demissão de Miguel Macedo. Seja como for, em relação à Legionela, o surto está controlado...” (TVI, Judite Sousa, 15 de Novembro de 2014)<sup>90</sup>.

Estas são as pontuações destacadas, sendo que existem muitas outras e que surgem com frequência em todos os programas e por variados motivos: os jornalistas querem lançar novos temas; simplesmente em jeito de observação (para acrescentarem alguma informação adicional ou para esclarecerem algo que o comentador tenha dito que possa não ter sido claro para os telespectadores); para tentarem provocar os comentadores de forma a que estes abordem determinados temas sobre os quais sabemos que à partida não querem falar.

Contrariamente às pontuações, que são bastante frequentes, a interrupção para uma confrontação por parte dos jornalistas não é tão usual. Em todos os programas analisados, apenas nos deparámos com esta situação em dois dias: no dia 23 de Março de 2014, com José Rodrigues dos Santos (sobre o qual falaremos adiante com maior profundidade), e no 19 de Outubro de 2014, com João Adelino Faria, que diz a dada altura a José Sócrates: “Permita-me dizer que alguém da maioria disse também que o maior corte na educação foi feito durante os seus Governos...”, apresentando assim uma ideia oposta ao que o comentador estava a dizer anteriormente e a despertá-lo para esta discussão.

Tentámos perceber também se a escolha dos temas, que são objeto de comentário, é do jornalista ou do comentador. Se a escolha é do jornalista, estamos

---

<sup>87</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 26.

<sup>88</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 43.

<sup>89</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 45.

<sup>90</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 160.

próximos do género entrevista, porque o jornalista tenta impor apenas as temáticas que considera pertinentes. Caso a situação seja contrária, estaremos próximos do espaço de comentário, pois os assuntos tratados decorrem da vontade do comentador. Procurámos, nos diálogos analisados, indícios que nos permitissem perceber de quem foi essa escolha.

Na *TVI* é perceptível, para o telespetador, que a escolha dos temas é feita por Marcelo Rebelo de Sousa, na sua grande maioria. No dia 15 de Novembro de 2014, vemos Judite Sousa a abrir este espaço, afirmando “vamos já começar pelas perguntas”, e Marcelo Rebelo de Sousa interrompe-a dizendo “não não, vamos já começar por Miguel Macedo antes de irmos às perguntas”<sup>91</sup>. Embora a jornalista diga logo de seguida, com um sorriso no rosto, “exatamente, era isso que eu queria dizer”, percebemos claramente de quem foi a decisão aqui e que é Marcelo Rebelo de Sousa quem orienta a conversa, mesmo que a jornalista encene esse papel para não parecer apenas a chamada “figura de corpo presente”. No dia 12 de Outubro de 2014, depois de falar acerca dos países produtores de petróleo e da economia mundial, o comentador remata o seu discurso com “voltaremos a isto no final da nossa conversa”<sup>92</sup>. Ainda: nesse mesmo dia, o comentador inicia dizendo: “vamos começar pela justiça, que é um pouco mais rápida mas não menos grave”<sup>93</sup>.

Estes são apenas três exemplos, no entanto, nas restantes emissões de “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” podemos encontrar outras situações semelhantes a estas. Para além disso, muitas vezes, quando Judite Sousa começa a lançar os temas sobre os quais se vai falar, o comentador interrompe-a e começa imediatamente a transmitir o seu ponto de vista. Isto mostra, uma vez mais, que Marcelo Rebelo de Sousa já sabe do que vai falar, bastando, para desencadear o processo, poucas palavras da jornalista. Para ilustrar este argumento, apresentamos o seguinte exemplo: no dia 21 de Setembro de 2014, Judite Sousa, para introduzir o tema seguinte, diz - “Professor, olhando os acontecimentos mais marcantes a nível internacional desta semana, temos desde já”- e, mesmo antes de a jornalista completar a sua frase, Marcelo Rebelo de Sousa completa o que ela vai dizer, afirmando - “...a Escócia!”<sup>94</sup>. Isto sugere que o comentador já sabia qual seria o assunto a abordar mesmo sem Judite Sousa precisar de indicar qual era.

---

<sup>91</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “TVI”, ficheiro “15.11.2014”.

<sup>92</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “TVI”, ficheiro “12.10.2014”.

<sup>93</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “TVI”, ficheiro “12.10.2014”.

<sup>94</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “TVI”, linha 26.

Ao entrevistarmos David Borges, antigo diretor da *TSF*, que orientava o espaço “O Exame de Marcelo Rebelo de Sousa”, percebemos que, já no antigo programa de rádio (que corresponde ao mesmo modelo praticado na *TVI*), era o próprio Marcelo Rebelo de Sousa que selecionava os temas, ainda que houvesse alguma flexibilidade do mesmo para pequenos ajustes ou sugestões: “A escolha dos temas era feita com base nas provas que o próprio Marcelo selecionava, mas como havia contacto prévio, havia sempre acerto de temas.”<sup>95</sup> Este testemunho de David Borges reforça a hipótese de ser o comentador a fazer a seleção dos temas abordados, sendo que essa hipótese é formulada com base na alusão frequente, no decorrer da conversa com a jornalista, ao conhecimento prévio do alinhamento dos temas.

Em “A Opinião de José Sócrates” e “A Opinião de Luís Marques Mendes” não sentimos um domínio tão grande por parte dos comentadores: não existe nenhum momento que possamos destacar em que se perceba que o comentador é que está a dominar e a orientar por completo o espaço, nem que o/a jornalista também esteja com esse domínio completo. No entanto, apesar de não ser perceptível no discurso a quem competiu a escolha dos temas, nas entrevistas realizadas percebemos que os temas a abordar terão sido definidos por ambos. O jornalista João Adelino Faria disse-nos, na entrevista que lhe foi feita no âmbito desta dissertação, que a escolha era feita pelos dois: José Sócrates dizia ao jornalista que queria abordar determinados temas e, caso estivessem de acordo, seriam esses os temas abordados, sendo que, se o jornalista achasse que os temas não se enquadravam nos temas da atualidade, dizia ao comentador que não, pois essa era a sua maior prioridade.<sup>96</sup> Ainda assim, também existem momentos em que verificamos uma maior insistência por parte do jornalista em relação a determinado tema, mesmo quando o comentador evita responder e, aí sim, deparamo-nos com uma tentativa de maior controlo por parte dos jornalistas. João Adelino Faria explica-nos que a situação oposta também poderia ter acontecido, isto é, o jornalista querer abordar determinado tema e o comentador não ter essa vontade, mas que (por acaso) não aconteceu nenhuma vez. O que acontecia, por vezes, era José Sócrates dizer que não gostava muito de falar sobre determinado assunto, mas depois, em direto, o jornalista colocava a questão e o comentador acabava por responder, ainda que sempre ciente de que José Sócrates poderia não

---

<sup>95</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.2, na p.92: “Entrevista a David Borges realizada no dia 10.11.2015”

<sup>96</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.4, na p.95 e 96: “Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016”

querer falar sobre esse tema. João Adelino Faria explicou-nos o habitual procedimento:

“Os temas eram definidos antes do próprio programa; no próprio dia, a meio da tarde, conversámos sobre os temas. Isto porque era uma opinião e não uma entrevista. Nas entrevistas, ninguém sabe o que é que se vai falar à partida, mas na opinião não. Mais: isto tinha um objetivo, e não era para lhe facilitar a vida, era sim para se poder preparar e trazer um valor acrescentado para a opinião (...) Quando é um espaço de opinião obviamente qualquer jornalista previamente chega à conclusão de que são estes temas em diálogo com o comentador.”<sup>97</sup>

Também Maria João Ruela nos que os temas eram acordados previamente com o comentador, com base em critérios que se prendiam com a atualidade política da semana anterior e eventuais acontecimentos marcantes da semana a seguir: “são, como referi, escolhidos pelo comentador, havendo uma conversa prévia comigo para troca de impressões e eventual mudança de algum assunto”<sup>98</sup>, explica a jornalista. No entanto, também nos disse que, apesar disso, não se demite da sua função de jornalista e que coloca questões sempre que considera que determinado tema precisa de ser esclarecido.<sup>99</sup> Por exemplo, no dia 8 de Novembro de 2014, a propósito da abordagem ao tema da moção de António Costa<sup>100</sup>, e comparando António Costa com António José Seguro, vemos Luís Marques Mendes dizer - “Os apoiantes de António José Seguro que já se estão a colar a António Costa... Via-se ontem nas imagens...” - e Maria João Ruela interrompe-o, dizendo - “Quem é que viu nas imagens?” -, sendo que Luís Marques Mendes tenta ignorar a pergunta (assumidamente fechada) feita pela jornalista, prosseguindo o seu discurso. No entanto, Maria João Ruela não deixa passar e, instantes depois, volta a fazer exatamente a mesma pergunta acerca das imagens, não dando hipótese ao comentador de não responder à sua pergunta, e acabando por obter, com a resposta

---

<sup>97</sup> *Idem.*

<sup>98</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.3, na p.94: “Entrevista a Maria João Ruela realizada no dia 15.01.2016”

<sup>99</sup> *Idem.*

<sup>100</sup> Referimo-nos à moção apresentada por António Costa no XX Congresso Nacional do Partido Socialista com vista à alteração estatutária de modo a poder concorrer a eleições partidárias internas contra António José Seguro. António Costa viria a ganhar as eleições partidárias, afastando deste modo António José Seguro e ficando ele como o candidato oficial do Partido Socialista às legislativas de 2015.

de Luís Marques Mendes, declarações com valor-notícia (objetivo específico do género jornalístico de entrevista)<sup>101</sup>. Este caso é um exemplo muito característico da restrição das perguntas feitas, denunciando-se que o jornalista não abdica do papel de entrevistador, o que não significa que isto se aplique regra geral. Já Cristina Esteves defende que

“num espaço de opinião, como a própria palavra indica, qualquer temática era (e deve) ser lançada devidamente enquadrada no contexto em que se insere e subsequentemente questionada para um esclarecimento profícuo e/ou confrontação com as demais vertentes publicamente assumidas.”<sup>102</sup>

São espaços autónomos e livres, no entanto, os comentadores (principalmente no caso de José Sócrates e Luís Marques Mendes) são por vezes interrompidos, limitados e questionados. E os jornalistas Cristina Esteves e João Adelino Faria, na entrevista que nos concederam, corroboram esta ideia. Este último explica que, em relação às delimitações da resposta do comentador, “não havia nenhuma regra pré-estabelecida (...) por isso é que ele [José Sócrates] muitas vezes se aborrecia.” O jornalista defende que aquele espaço televisivo não era uma entrevista mas que, sempre que algo não estava esclarecido, fazia parte das funções de jornalista questionar o comentador:

“Isto não era uma entrevista mas eu tenho tempo limites para gerir, havia vários temas, eu tentava ir a todos os temas que queria abordar nessa semana, mas se algo não estava esclarecido, insistia (...)”<sup>103</sup>

Ou seja, neste caso em particular, se estivessem a abordar um tema que interessasse aos portugueses e o jornalista sentisse que José Sócrates estava apenas a dar a conhecer a sua versão, João Adelino Faria admite-nos que sentia a necessidade de o contrapor com versões opostas, ou incongruências, ou contradições, ou até mesmo lembrar José Sócrates de alguma responsabilidade que este tenha tido no

---

<sup>101</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “SIC”, ficheiro “08.11.2014”.

<sup>102</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.5, na p.99: “Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016”

<sup>103</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.4, na p.95: “Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016”.

passado, defendendo que tinha “sempre presente que não era uma entrevista, e que era um espaço de comentário.”<sup>104</sup> Da mesma forma, Cristina Esteves considera que

“se os temas têm atualidade e predominância têm de ser abordados. Cabe ao jornalista, neste e noutros registos, definir mediante o caso concreto, e o momento, a relevância de passar ou não para outro assunto. O espaço de resposta está sempre delimitado, mesmo ao nível temporal.”<sup>105</sup>

”Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” é talvez o espaço (destes três em análise) em que o comentador mais domina e orienta e em que a jornalista acaba maioritariamente apenas por lançar os temas, enuncia-los, ligá-los e, fazer apenas, algumas pontuações. Também ao entrevistarmos David Borges, percebemos que o próprio jornalista considera que a sua função no programa “O Exame de Marcelo Rebelo de Sousa” na *TSF* passava por fazer uma mera enunciação e ligação de temas, pois defende que, quando se contrata um comentador, é sobretudo com o intuito de ouvir as suas opiniões sobre os temas de atualidade:

“Quando estamos na presença de um comentador devemos colocar, em minha opinião, o tema que queremos que ele comente e devemos eventualmente retorquir em função da opinião dele, podemos acrescentar algo, podemos pedir para clarificar alguma coisa, podemos acrescentar um atalho, não podemos é entrar em debate com o comentador (...) Portanto, a minha função era sobretudo a de introduzir os temas, ou eventualmente colocar alguma questão que não estivesse bem esclarecida ou totalmente respondida”.<sup>106</sup>

Assim, verificamos que o próprio jornalista se descreve como a pessoa que simplesmente lança os temas, no fundo um parceiro do comentador, e não como um jornalista com legitimidade para colocar questões difíceis e incómodas a Marcelo Rebelo de Sousa.

---

<sup>104</sup> *Idem.*

<sup>105</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.5, na p.99: “Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016”.

<sup>106</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.2, na p.92: “Entrevista a David Borges realizada no dia 10.11.2015”

Nos espaços televisivos da *RTP1* e da *SIC* que estamos a estudar, o jornalista delimita mais vezes o espaço de resposta ao comentador do que no caso da *TVI*. Vemos no espaço da *RTP1* e da *SIC*, mas principalmente da *RTP1*, os jornalistas a interromperem algumas vezes os comentadores: ou para iniciarem novos temas, ou para colocarem alguma questão mais concreta acerca do tema em análise, ou para acrescentarem alguma informação, ou para fazerem alguma observação pertinente (pontuação). Por exemplo, no dia 19 de Outubro de 2014, João Adelino Faria interrompe José Sócrates, afirmando “Permita-me dizer que alguém da maioria disse também que o maior corte na educação foi feito durante os seus Governos...”<sup>107</sup>, tentando provocar José Sócrates. Nesse mesmo dia, a propósito de outros temas, interrompeu-o da seguinte forma - “Mas acha que era possível baixar impostos nesta altura?”; “Acha que este entendimento foi forçadíssimo?”<sup>108</sup> – apenas com o intuito de lhe colocar questões que considerou pertinentes. Já Cristina Esteves, no dia 2 de Novembro de 2014, interrompeu-o para fornecer informação adicional aos telespectadores: “Passos Coelho disse que era a viragem na recuperação dos rendimentos.”<sup>109</sup>; “Paulo Portas disse neste debate que esta maioria e este governo não foram responsáveis pelo resgate, não decidiram o memorando, não chamaram a Troika.”<sup>110</sup> Maria João Ruela, no dia 25 de Março de 2014 e no dia 13 de Setembro de 2014 (respetivamente), fez exatamente o mesmo tipo de interrupção, com carácter informativo e esclarecedor: “Ou seja, todos os dias estamos a ver pessoas a virem para o desemprego com idade e com qualificações que não lhes permitem alternativas nem procurar o seu caminho...”; “Aliás, hoje tanto a Ministra das Finanças como o Ministro da Economia fugiram dos jornalistas e nem sequer uma palavra... não aos jornalistas mas aos Portugueses.”<sup>111</sup>.

Outro fator que nos ajuda a compreender perante que género de jornalismo estamos presente é a interação que se estabelece entre o jornalista e o comentador e a adoção, ou a não-adoção, de uma postura inquisitiva e de confronto por parte do jornalista, colocando o comentador no papel de quem é avaliado (e não de quem avalia). Esta remissão do comentador para o lugar do visado pode ser avaliada pelo conteúdo das questões e pelo modo como o comentador reage a elas (com conforto ou desconforto).

---

<sup>107</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 111.

<sup>108</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 112.

<sup>109</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 137.

<sup>110</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 138.

<sup>111</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “SIC”, linha 12.

Para percebermos se estamos perante uma pergunta cómoda ou incómoda, temos que nos centrar na reação do comentador e perceber se este fica satisfeito com a pergunta que foi feita, ou se mostra desconforto, aborrecimento, dificuldade ou tenta desvalorizar a importância do tema. No caso da *TVI*, referindo-nos apenas às emissões que analisámos, Judite Sousa não colocou nenhuma pergunta considerada “difícil” a Marcelo Rebelo de Sousa. No caso da *RTP1* e da *SIC*, aconteceu, embora tenha sido em poucas situações. No dia 21 de Setembro de 2014 na *RTP1*, a propósito do pedido de desculpa feito pela Ministra da Justiça devido aos problemas e aos transtornos provocados por causa da plataforma Citius<sup>112</sup>, Cristina Esteves faz a seguinte interrupção a José Sócrates: “É que realmente não é usual ouvir-se pedidos de desculpa por parte de Ministros, Governantes...Embora José Sócrates também tenha pedido desculpa...”<sup>113</sup>. Embora não tenha sido uma pergunta, mas sim uma observação, percebemos que foi feita com o intuito de obter alguma resposta por parte de José Sócrates, sendo que se torna um assunto delicado pelo facto de José Sócrates estar envolvido no mesmo. O comentador defendeu-se da seguinte forma:

“Bom... Mas se me permite, não teve nada a ver com estes assuntos. Eu pedi desculpa numa situação muito especial porque vários jornalistas noticiaram que eu tinha fumado num avião em que fizemos uma visita oficial à Venezuela (...) Eu fumei um cigarro no convencimento de que se podia fumar naqueles aviões porque sempre se fumou.”<sup>114</sup>

No dia 28 de Setembro de 2014, a propósito do lançamento de uma notícia de última hora acerca da demissão de António José Seguro como Secretário-Geral do PS, também Cristina Esteves pergunta a José Sócrates se este não vai para a política ativa, o que também pode ser considerada uma questão difícil pelo teor da mesma.

Tivemos em conta, na avaliação deste aspeto, o tom usado pelo jornalista quando coloca as questões, no decorrer do diálogo com o comentador. Os jornalistas podem dizer as mesmas coisas, mas de formas diferentes: podem ser mais ou menos subtis, mais ou menos hostis, mais ou menos agressivos ou incisivos, etc. Dito de outro modo: a retórica jornalística pode alimentar a conversão do espaço de

---

<sup>112</sup> Paula Teixeira cruz julgava que, na data da entrada em vigor do novo mapa judiciário, o Citius estaria a funcionar em pleno e isso não aconteceu.

<sup>113</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Grelha de análise dos programas”, folha “RTP1”, linha 51.

<sup>114</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “RTP1”, ficheiro “21.09.2014”.

comentário numa entrevista (ainda que não declarada) e a forma de fazerem as perguntas pode constituir um dos veículos fundamentais que possibilita esse disfarce. João Paulo Meneses, no livro “Tudo o que se passa na TSF... para um *Livro de Estilo*”, defende que “as entrevistas devem ser combativas no conteúdo e cordiais no tom”. O que quer o autor dizer com isto? Com cordialidade no tom e combatividade no conteúdo, podem ser feitas perguntas incómodas ou constrangedoras mas de uma forma elegante, sem hostilidade e, desse modo, adquirir as informações pretendidas (Meneses, 2003, p.183).

### **5.2.1. Os casos excepcionais**

A propósito do tom do jornalista adotado no seu discurso, não podíamos deixar de destacar o papel do mesmo em dois casos (que, note-se, fugiram à regra do que é habitual nestes espaços): no dia 23 de Março de 2014 na *RTP1*<sup>115</sup>, com o jornalista José Rodrigues dos Santos e o comentador José Sócrates, e no dia 15 de Novembro de 2014 na *SIC*<sup>116</sup>, com a jornalista Maria João Ruela e o comentador Luís Marques Mendes.

#### **5.2.1.1. “A Opinião de José Sócrates” no dia 23 de Março de 2014**

No caso do espaço de José Sócrates, vemos José Rodrigues dos Santos introduzir um novo tema, colocando a seguinte questão: “António José Seguro anunciou que ia repor as pensões e os salários se fosse eleito Primeiro-Ministro. Óscar Gaspar, que é conselheiro económico do PS, veio dizer que «Bom... isso será progressivo» e depois não deu nenhuma data concreta, coisa que depois António José Seguro ontem veio reafirmar. Acha que isto é uma daquelas promessas que se fazem em ano eleitoral para depois das eleições dizer: «bom, afinal encontrámos aqui um buraco colossal e nada se pode fazer»?”. A isto, José Sócrates responde - “Olhe, José Rodrigues dos Santos, você é jornalista e acompanha a vida política e tem certamente conhecimento que o Partido Socialista entregou no Tribunal Constitucional um pedido de inconstitucionalidade sobre os cortes dos funcionários públicos...”- sendo que José Rodrigues dos Santos o relembra, com intuito provocatório: “Que foram decretados primeiro por si?”. No entanto, consideramos que este dia foi um caso à

<sup>115</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “RTP1”, ficheiro “23.03.2014”.

<sup>116</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “SIC”, ficheiro “15.11.2014”.

parte e não correspondeu ao modelo que costuma ser aplicado em “A Opinião de José Sócrates”. Neste dia, o espaço de opinião foi transformado nitidamente em entrevista, mas numa entrevista com um tom declaradamente agressivo e de confronto, onde se vislumbra uma intenção de julgamento do comentador, o que o obriga a defender-se e a levar a disputa argumentativa para terrenos pessoais. Neste diálogo aceso entre ambos, José Rodrigues dos Santos esteve longe de ser cordial e foi mais do que combativo no conteúdo. Basta prestarmos atenção à seguinte afirmação hostil por parte do mesmo - “(...) mas é preciso lembrar que quem começou a austeridade em Portugal foi o senhor.” Para além disso, o jornalista afirma ainda que esteve a ver determinadas declarações de José Sócrates “nos seus arquivos” e lê-as em voz alta (tem inclusivamente em cima da mesa, esses mesmo “arquivos” sublinhados a amarelo, como podemos ver na Fig.1), ao que José Sócrates lhe responde - “Dá-me licença? Já agora, vamos lá então contar a história toda!”, e justifica-se, rematando com - “(...) pode ir consultar os seus arquivos...”.



**Figura 1:** Plano de pormenor dos “arquivos” de José Rodrigues dos Santos, sublinhados a amarelo, do dia 23 de Março de 2014, em “Opinião de José Sócrates” (RTP1).

Ora, neste dia, este espaço tornou-se agressivo e fugiu totalmente ao modelo dito habitual - “Você sabe quanto é que nós crescemos em 2010? Qual foi o crescimento económico em 2010? Esqueceu-se de ver isso nos seus arquivos? Pois é, só foi buscar alguns.”, diz José Sócrates para José Rodrigues dos Santos. Além disso, o jornalista, de tão envolvido que estava, acabou ele próprio por opinar sobre as várias temáticas, chegando inclusivamente José Sócrates a dizer - “Eu não estou de acordo consigo e, se me permite, vou-lhe explicar porque é que não estou de acordo consigo. Você acabou de exprimir uma opinião que é a opinião que a direita tem

propagado neste país: a história da década perdida (...) para esconder aquilo que foi o sucesso do período entre 2005 e 2008. Em 2005, quando eu cheguei ao governo, comecei imediatamente a fazer uma política de rigor orçamental e reduzi o défice: 6,83, como acabei de lhe dizer (os seus arquivos deviam também dizer-lhe isso, para ser justo!) (...).” No fecho deste espaço, ao despedirem-se e ao referirem que estarão juntos outra vez dentro de quinze dias, José Rodrigues dos Santos confessa que adoraria ter tido mais tempo para lhe fazer outras perguntas, deixando-nos entrever mais uma vez que o que está em jogo para ele é a possibilidade de continuar uma entrevista. Por sua vez, José Sócrates responde - “eu vou-me preparar, o José Rodrigues dos Santos vai-se preparar, e espero que, desta vez, nos seus arquivos, encontre outras coisas, e não apenas aquilo que me é desfavorável.”<sup>117</sup> Esta afirmação, por parte do convidado, denuncia que este foi completamente apanhado de surpresa, facto que nos leva a crer que foi o jornalista quem orientou, limitou e se responsabilizou pelos temas deste dia, o que nos aproxima outra vez do género jornalístico de entrevista, e não de espaço de comentário, como definido pelo próprio canal. É importante referir que anteriormente José Sócrates era acompanhado neste espaço por Cristina Esteves, que nunca adotou este modelo de entrevista hostil que José Rodrigues dos Santos adotou. O tom e o enquadramento dado ao papel de José Sócrates nesta emissão, pelo contraste com as restantes emissões, suscitou estranheza na opinião pública e tornou-se ocasião para polemizar em torno quer da função de um jornalista nestas circunstâncias, quer sobre a eventualidade de alguma “militância” ou cruzada pessoal de José Rodrigues dos Santos em relação ao comentador. Por exemplo, no dia 25 de Março de 2014, Daniel Oliveira (jornalista que publica textos de opinião no *Expresso*), defende José Sócrates num texto que publicou chamado “A cilada da RTP a José Sócrates”, e considera a possibilidade do comentador ter sido apanhado numa armadilha:

“(...) ou bem que se tem um comentador que comenta e o registo é amistoso, ou bem que se tem um entrevistado que se entrevista e o registo é um pouco mais distanciado, ou bem que se tem um opositor com que se debate, para o qual se chama um debatente qualificado, e o registo é mais crispado. Até se pode arriscar, mudar as coisas e ter comentadores que são tratados com agressividade. Em todos os casos, mandam as regras que quem ali vai saiba o que o espera. Se não se montam armadilhas a

---

<sup>117</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “RTP1”, ficheiro “23.03.2014”.

entrevistados, por maioria de razão não se faz tal coisa a um comentador da estação. E os telespetadores também é suposto saberem o que é aquilo a que estão a assistir.”<sup>118</sup>

Daniel Oliveira é também da opinião que, naquele dia, o espaço televisivo “Os comentários de José Sócrates” se tornou numa entrevista agressiva:

“No último domingo assistimos a um dos momentos mais bizarros do jornalismo nacional (...) um espaço de comentário passou a ser um espaço de entrevista agressiva. Mudança para qual o entrevistado evidentemente não tinha sido prevenido. As coisas não foram tomando esse caminho. Foram planeadas. Era evidente que o *entrevistador* se tinha preparado, estando munido de material do *seu arquivo*, disse este autor de tantos trabalhos jornalísticos sobre a política nacional (ironia), que não lhe caiu na mesa à última da hora. E que não deu ao comentador transformado em entrevistado a mesma possibilidade de preparação. (...) Muito mais grave: nunca o atual primeiro-ministro foi entrevistado com tanta agressividade na *RTP*. Muito menos foi confrontado, de forma tão sistemática, com as inúmeras contradições entre o que disse no passado e o que diz agora. Mais estranho ainda: nunca o anterior primeiro-ministro, o mesmíssimo José Sócrates, foi entrevistado com esta agressividade na *RTP* quando exercia funções. O que só pode querer dizer que a *RTP* tem mais respeito pelos primeiros-ministros em funções do que pelas pessoas que convida para ter espaços de comentário na estação. Mesmo quando a pessoa é a mesma.”<sup>119</sup>

Também no *Jornal i*, no dia 1 de Abril de 2014, é publicada uma notícia acerca deste tema, com o seguinte título: “Associação de Telespectadores critica José Rodrigues dos Santos pela forma como conduziu comentário de Sócrates”. Esta publicação conta-nos que a Associação de Telespectadores (ATV) acusa o jornalista de uma quebra de ética e de deontologia neste dia. Para além disso, defende ainda que estivemos perante uma má entrevista e não de um comentário: “Não é um programa de entrevista. Pelo menos nunca foi até ao passado dia 23. Neste dia, o programa em causa foi uma entrevista e não um programa de comentário político”, escreve, sublinhando ainda que foi uma péssima entrevista. Além disso, a ATV afirma suspeitar que tenha havido uma alteração intencional do género do programa de comentário para

---

<sup>118</sup> Oliveira, M. (25 de Março de 2014) *A cilada da RTP a Sócrates*. Expresso. [Internet] Disponível em <[http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao\\_daniel\\_oliveira\\_antes\\_pelo\\_contrario/a-cilada-da-rtp-a-socrates-atualizado=f862262](http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/a-cilada-da-rtp-a-socrates-atualizado=f862262)> [Consult. 18 de Março de 2016].

<sup>119</sup> Oliveira, M. (25 de Março de 2014) *A cilada da RTP a Sócrates*. Expresso. [Internet] Disponível em <[http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao\\_daniel\\_oliveira\\_antes\\_pelo\\_contrario/a-cilada-da-rtp-a-socrates-atualizado=f862262](http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/a-cilada-da-rtp-a-socrates-atualizado=f862262)> [Consult. 18 de Março de 2016].

entrevista, sem conhecimento prévio do entrevistado, o que representa um abuso do jornalista José Rodrigues dos Santos. A ser verdade que a entrevista foi preparada e realizada sem o conhecimento prévio do entrevistado, entendemos pois que os telespectadores foram lesados no seu direito a uma informação profissional e de qualidade, devido à atitude ética e deontologicamente incorreta por parte do jornalista, ao ter preparado e realizado uma entrevista ‘de emboscada’, conclui esta associação no texto enviado a Jaime Fernandes.”<sup>120</sup>

Confrontado com este tipo de acusações, o próprio jornalista chegou inclusivamente a publicar um texto, na sua página de *Facebook*<sup>121</sup>, a defender-se de todos os ataques de que foi alvo.

Se nos detivermos por momentos nas palavras do jornalista nesta publicação<sup>122</sup>, sobretudo, no ponto 5:

“Dizem os manuais de formação da BBC, e é assim que entendo o meu trabalho, que o entrevistador não é nem pode ser uma figura passiva que está ali para oferecer um tempo de antena ao político. O entrevistador não é o "ponto" do teatro cuja função é dar deixas ao ator. Ele tem de fazer perguntas variadas, incluindo perguntas incómodas para o entrevistado. Não deve combinar perguntas com os políticos, mas deve informá-lo dos temas. No ato da entrevista o entrevistado "puxa" pela sua faceta positiva e o entrevistador confronta-o com a sua faceta potencialmente negativa. Espera-se assim que o espetador veja as duas facetas.”

e no ponto 12

“E aquele espaço?, perguntarão alguns. É entrevista? É comentário? Boa pergunta. A minha resposta está no ponto 5.”

percebemos como ele próprio encara o exercício de que foi protagonista. Para se defender das acusações que o colocam como alguém que não cumpre as regras da profissão que desempenha (referimo-nos à falta de isenção), José Rodrigues dos Santos, para além de alegar a situação e a fragilidade política em que

---

<sup>120</sup> i Online. (2014) *Associação de Telespetadores critica José Rodrigues dos Santos pela forma como conduziu comentário de Sócrates*. [Internet] Disponível em < <http://www.ionline.pt/314617>> [Consult. 18 de Março de 2016]

<sup>121</sup> Texto publicado no facebook de José Rodrigues dos Santos: *Resposta de José Rodrigues dos Santos aos comentários publicados nesta página à entrevista feita pelo jornalista a José Sócrates, no domingo, dia 23 de Março de 2014, na RTP1* (24 de Março de 2014) [Internet] Disponível em <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=663444407056487&id=169045036496429](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=663444407056487&id=169045036496429)> [Consult. 5 de Março de 2014]

<sup>122</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “RTP1”, ficheiro “23.03.2014”.

Sócrates se encontra, utiliza como cerne da sua argumentação o conceito de “entrevista”. Começa por afirmar que a *RTP*, enquanto canal público, deve seguir uma linha editorial de isenção e que, por conseguinte, tanto a informação noticiosa prestada bem como o papel dos moderadores nos debates devem ser neutros. Imediatamente a seguir, e referindo-se ao espaço de comentário com José Sócrates, não só sublinha que, nas entrevistas, as regras «podem mudar» como recorre à distinção concetual entre entrevistas confrontacionais (como as entrevistas políticas e, portanto, a que teria feito a José Sócrates) e não confrontacionais, mostrando que nestes casos a isenção pode ser sacrificada. Ora, vemos assim o próprio jornalista a socorrer-se das normas da entrevista para justificar o facto de ter perdido isenção. Apercebemo-nos assim que existe uma confusão e alguma falta de coerência entre a forma como a *RTPI* define, enquanto género, o espaço televisivo em causa (espaço de comentário e análise política) e a forma como José Rodrigues dos Santos, jornalista que integra o espaço.

Percebemos também que José Rodrigues dos Santos é da opinião de que, caso não tivesse adotado o género de entrevista, estaria a anular o seu papel de jornalista, afirmando (como citado anteriormente) “que o entrevistador não é nem pode ser uma figura passiva que está ali para oferecer um tempo de antena ao político” e que “não é o “ponto” do teatro cuja função é dar deixas ao ator”<sup>123</sup>.

Daniel Oliveira, ao ver a publicação de José Rodrigues dos Santos a propósito das acusações que lhe foram feitas, no seu texto (referido anteriormente do dia 25 de Março de 2014) publicou a seguinte nota como forma de resposta (visto que tinha sido um dos autores das críticas publicadas):

“José Rodrigues dos Santos respondeu à polémica que ali aconteceu. Diz que Sócrates sabia de tudo porque lhe disse num almoço. Porque não estive no almoço, não sei nem tenho como saber o que em rigor foi dito e tenho pouco paciência para o diz que disse. Fico-me por o que ouvi na RTP: Sócrates disse *não vinha preparado para isto* e José Rodrigues dos Santos não o desmentiu, *olhos nos olhos*. É toda a informação rigorosa que tenho. Em todo o seu esclarecimento, Rodrigues dos Santos fala permanentemente numa *entrevista*. Desconhecia que a RTP tinha uma entrevista semanal com José Sócrates, outra com Morais Sarmiento e no passado teve anos de entrevistas semanais com Marcelo Rebelo de Sousa. Seria

---

<sup>123</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.1, na p.89: “Publicação de José Rodrigues dos Santos no *Facebook* no dia 24 de Março de 2014”.

bom, então, que o espaço *Opinião de José Sócrates* (assim se chama) mudasse de nome, para não levar ao engano os telespetadores. Para facilitar, vou dar uma ajuda: isto que aqui estou a escrever não é uma entrevista. E para os jornalistas a distinção clara do que é opinião e do que é outro género costumava ser importante. Rodrigues dos Santos não gosta de espaços de opinião com a participação de jornalistas? É um bom debate e dele só poderia resultar a sua não participação naquele espaço. Mas entrevistas semanais à mesma pessoa é coisa que nunca se viu em lado algum. E entrevistas *confrontacionais semanais*, com a mesma pessoa, são uma impossibilidade prática. Como deveria saber Rodrigues dos Santos se estivesse de boa-fé em todo este episódio.”

No programa *Voz do Cidadão*, também o provedor do telespectador, Jaime Fernandes, defendeu que o programa com José Sócrates deveria regressar à forma original, sem contraditório:

“O provedor justificou a sua posição com o facto de o programa ter sido anunciado como de opinião, o que *pressupõe que o comentador faça as considerações que entende sobre temas da atualidade sem necessitar de contraditório*, o qual terá de acontecer em espaços distintos da programação, de debate ou de entrevista.”<sup>124</sup>

#### **5.2.1.2. “A Opinião de Luís Marques Mendes” no dia 15 de Novembro de 2015**

Também Luís Marques Mendes se viu envolvido numa situação em que a jornalista, no seu espaço de comentário, o questiona diretamente sobre um tema a propósito do qual seu nome foi falado; referimo-nos mais especificamente à polémica que surgiu por Luís Marques Mendes poder ter estado envolvido no caso de corrupção dos “vistos *gold*”. Apesar disso, trata-se de um exemplo bastante distinto do caso apresentado anteriormente: a jornalista questiona o comentador num tom totalmente diferente (de forma calma, sem agressividade, e sem apresentar qualquer envolvimento emocional perante o tema, contrariamente ao que vemos no caso de José Rodrigues dos Santos), o que, do ponto de vista da perceção pública, poderia ser interpretado não como um confronto, mas até mesmo como cedência de um espaço

---

<sup>124</sup> RTP. (19 de Abril de 2014) *Voz do Cidadão III*. [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/play/p1300/e152142/voz-do-cidadao>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

para que o visado se pudesse defender. Neste dia, 15 de Novembro de 2014, este espaço de comentário é iniciado com a jornalista a dizer que, apesar de Luís Marques Mendes se encontrar em Moçambique (o comentador não estava em estúdio), teria de começar “com uma pergunta incontornável, que se prende precisamente com a sua eventual relação com este caso que está a dar muito que falar aqui em Portugal – a operação labirinto”, continuando a abordar aquele tema da seguinte forma: - “O Marques Mendes é sócio de uma empresa, a JMF, onde também tem sociedade um dos suspeitos que está detido...quer-nos explicar quais são as suas relações com este indivíduo e com esta sociedade?” – e, aqui, Luís Marques Mendes responde : - “Explico com todo o gosto e serei muito claro e muito direto porque quem não deve não teme...não tenho nada, nada, a ver com este assunto”<sup>125</sup> - e avança com a sua justificação.

Percebemos através deste grande contraste de exemplos que o tom do jornalista marca totalmente a diferença no diálogo e na interpretação que podemos fazer do mesmo. Apesar destes dois acontecimentos, é preciso reforçar que as restantes emissões nada têm a ver com que se passou nestes dois dias e que a utilização de técnicas características da entrevista não é tão frequente, antes pelo contrário.

Como foi dito anteriormente, acreditamos que o posicionamento do jornalista é crucial para compreendermos qual o género jornalístico em causa nestes espaços televisivos. Mas, para além deste critério, existem outros fatores que nos podem ajudar. Qual o destaque dado aos temas abordados? Há um comprometimento ou um distanciamento político do comentador face aos temas? Estamos perante que estilo de comentador? O comentador posiciona-se efetivamente como comentador ou, por vezes, assume o papel de entrevistado? A posição física do comentador face ao jornalista em estúdio poderá influenciar alguma coisa?

Os temas abordados pelos comentadores, ao longo destes programas analisados, acabam por ser coincidentes. A austeridade, as eleições europeias, a execução orçamental, a pobreza em Portugal, os cortes para 2015, o Orçamento de Estado de 2015, os casos BES e Portugal Telecom, a emigração, a natalidade, o mandato de Durão Barroso, o surto de *legionella*, a moção de António Costa, a demissão de Miguel Macedo e o escândalo da compra dos “vistos Gold” são assuntos

---

<sup>125</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “SIC”, ficheiro “15.11.2014”.

abordados nos três espaços de opinião. De uma forma geral, podemos afirmar que não existe nenhum destaque dado a determinados temas pelos comentadores. Isto é, os temas escolhidos são simplesmente aqueles que são considerados os mais destacados e valorizados pelos meios de comunicação e pelos portugueses ao longo das semanas. Apenas Marcelo Rebelo de Sousa, no espaço de comentário da *TVI*, aborda mais assuntos, não só por ser o espaço de comentário com mais tempo a nível de emissão (tem praticamente o dobro do tempo dos outros espaços), como se aventura no comentário sobre áreas que não domina tanto, como o futebol. Para além disso, tem também o ritual de, neste próprio espaço, sugerir a leitura de certos livros e de responder às mais variadas questões feitas por telespetadores, abordando, assim, uma maior diversidade temática. Mas, de uma maneira geral, os tópicos abordados são essencialmente da área da política interna e externa e da economia.

Tendo em conta a filiação partidária e o exercício anterior de funções na política pelos comentadores analisados, a capacidade de distanciamento, manifestada no discurso, face aos assuntos de natureza política, foi um dos itens que tivemos em conta.

Os comentadores são eles próprios figuras públicas e políticas, que já tiveram visibilidade e responsabilidades, e, portanto, ao terem que comentar a atualidade, podem estar envolvidos nos temas dessa mesma atualidade, tendo assim que comentar assuntos que lhes dizem respeito, gerando um conflito interior, nomeadamente na objetividade do seu comentário. Existe naturalmente uma simpatia com os próprios partidos: José Sócrates com o PS e Luís Marques Mendes e Marcelo Rebelo de Sousa com o PSD.

Em suma: por parte dos comentadores existe sempre uma tentativa de distanciamento político face aos temas, exceto quando eles próprios integram as notícias que comentam. Como pudemos constatar nos exemplos analisados anteriormente, sobretudo José Sócrates (bastante menos Luís Marques Mendes) viu-se envolvido nos assuntos da ordem do dia, facto que o fez sentir-se comprometido e que o motivou, ainda que de modo inconsciente, nesses momentos, a ocupar o lugar de entrevistado e não de comentador. Embora tenhamos assistido às vãs tentativas de José Sócrates de escapar ao papel de entrevistado, percebemos que, de uma forma geral, este comentador e os outros tentam sempre distanciar-se dos temas abordados e posicionar-se como comentadores e não como entrevistados, embora existam

algumas situações, principalmente no caso de José Sócrates, em que acabam por não conseguir.

### 5.3. Do ponto de vista não-verbal do discurso: cenografia

Também a cenografia aplicada nos espaços das redações de informação é fundamental nos jornais televisivos e os aspetos cenográficos dos estúdios e das redações influenciam as intenções comunicacionais dos profissionais envolvidos nestes espaços e inclusivamente do impacto nos telespetadores (Saraiva, *et al.*, 2011). Como podemos ver nas seguintes imagens (fig.2, 3 e 4), em todos estes programas, os comentadores encontram-se frente a frente com os jornalistas, o que acentua a ideia de “entre-dois” e pode assumir ou a forma de uma conversa ou de um confronto. Isto porque o posicionamento dos interlocutores no espaço cénico, nestes géneros televisivos, acentua o seu carácter dialogal. Se, no conteúdo, a forma se materializa em conversa ou em confronto, a disposição serve ambas as intenções pois o “olhos nos olhos” facilita a leitura facial quer de quem entrevista/modera, quer de quem responde/comenta. Portanto, esta posição de frente a frente parece-nos eficaz tanto para o género de entrevista como para o género de comentário.



**Figura 2:** Posição física, em estúdio, de Cristina Esteves e José Sócrates em “A Opinião de José Sócrates” (RTP1).



**Figura 3:** Posição física, em estúdio, de Maria João Ruela e Luís Marques Mendes em “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC).



**Figura 4:** Posição física, em estúdio, de Judite Sousa e Marcelo Rebelo de Sousa em “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (TVI).

Os enquadramentos de imagem aplicados são fundamentais à compreensão da intensidade e do significado da mensagem. Existem vários tipos de enquadramentos que podem ser feitos, desde o plano geral (plano que descreve a cena e o ambiente completo, visto que o *zoom out* sugere distanciamento) ao plano fechado (que apela mais à emoção, visto que o *zoom in* sugere tensão e aumento da expectativa) (Oliveira, 2007).<sup>126</sup>

<sup>126</sup> Quando se está a gravar uma figura humana, também se pode optar pelo plano inteiro (capta a pessoa em toda a sua dimensão), plano americano (capta da cabeça até meio da coxa), plano médio (capta até à linha da cintura), plano próximo (capta até à linha do peito e meio dos braços) e grande plano (capta até à linha

Na realidade, há toda uma componente técnica que potencia a encenação, através, por exemplo, da utilização do «grande-plano», a qual não só reduz a distância entre o interlocutor e o telespetador, como gera artificialmente uma certa intimidade e emotividade. Note-se, todavia, que por muito grande que seja a eficácia da tecnologia, esta não tem, nestes espaços televisivos, a capacidade de criar aquilo que de todo não acontece ou não é dito. Isto é: os subterfúgios utilizados pela equipa técnica e pelo realizador não são suficientes para alterar na totalidade o conteúdo. Por exemplo, se algum dos intervenientes se emociona e chora, recorre-se a um «plano fechado» no olhar do mesmo, o que irá transmitir maior dramatismo aos telespetadores. No entanto, tal como referimos, a tecnologia não tem a capacidade de criar o choro, ou seja, para que possa existir esta ênfase de cena, é necessário que ela aconteça. Da mesma forma que se o jornalista estiver visivelmente mais nervoso (imaginemos que treme das mãos ou do queixo), opta-se pelo uso de «planos abertos» e não de «planos fechados», de modo a que não seja tão perceptível e se defenda o desempenho do jornalista, que tem como dever transmitir segurança, credibilidade e confiança ao público. Por exemplo, no dia 23 de Março de 2014, em “A Opinião de José Sócrates”, são apresentados vários planos fechados, e portanto a emoção transmitida foi ainda maior (fig.5, 6, 7 e 8):



**Figura 5:** “Plano Fechado” de José Rodrigues dos Santos a ler os seus “arquivos”, tremendo bastante das mãos (RTP1).

---

dos ombros) e muito grande plano (apenas capta a cabeça) e plano de pormenor (capta detalhes, por exemplo, apenas os olhos ou as mãos). Neste sentido, podemos captar a mesma realidade, mas através de diferentes enquadramentos, o que irá fazer com que apenas se transmita determinada parte da realidade. Compreendemos assim que quanto mais aberto for o plano, mais informação se transmite, e quanto mais fechado for o plano, mais se apela à emoção, pois são utilizados para traduzir expressões, olhares e sensações (*ibidem*).



**Figura 6:** “Plano Fechado” de José Rodrigues dos Santos a ler os seus “arquivos” bastante revoltado (RTP1).



**Figura 7:** “Plano Fechado” de José Sócrates aborrecido a ouvir as acusações feitas pelo jornalista (RTP1).



**Figura 8:** “Plano Fechado” de José Rodrigues dos Santos a apresentar falhas de coerência no discurso atual de José Sócrates em relação a declarações suas de tempos anteriores (RTP1).

Também o autor Jorge Nuno Oliveira (2007) explica que o recurso a diferentes planos, movimentos e posições que a câmara assume, transmite significados e intensões diferentes aos telespetadores. Este autor defende ainda que, de uma forma geral, os planos próximos ou médios são os mais utilizados nas entrevistas e nos espaços de comentário, pois permitem conhecer melhor a pessoa convidada, desde a forma como está vestida à sua expressão corporal (Oliveira, 2007). E, através do visionamento das emissões selecionadas, verificamos que existe realmente um uso mais recorrente deste tipo de planos (fig. 9, 10 e 11):



**Figura 9:** “Plano Próximo” de José Sócrates em “A Opinião de José Sócrates” (RTP1).



**Figura 10:** “Plano Próximo” de Luís Marques Mendes em “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC).



**Figura 11:** “Plano Médio” de Marcelo Rebelo de Sousa em “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (TVI).

Também a redução do espaço cénico a um pequeno estúdio no qual estão presentes apenas duas pessoas limita precisamente o realizador no jogo de planos que pretende destacar detalhes de aparência ou de expressão. Neste sentido, a leitura destas imagens é complementada e direcionada pelas frases destacadas, ao longo da emissão, de entre as produzidas no discurso oral: os chamados “oráculos”, que ajudam a transmissão de informação aos telespectadores de forma clara, exaltando as informações mais pertinentes, de forma a que, qualquer pessoa que ligue a televisão, compreenda de imediato quem está a ver e sobre o que estão a falar. Seguem-se alguns exemplos de oráculos, uma ferramenta não-oral que facilita a compreensão do discurso oral (fig. 12 e 13):



**Figura 12:** Exemplo de um oráculo no programa “A Opinião de José Sócrates” (RTP1).



**Figura 13:** Exemplo de um oráculo no programa “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC).

## 5. Reflexão crítica: a predominância do comentário ou da entrevista?

Chegámos finalmente ao momento em que nos compete problematizar a questão do género jornalístico de cada um dos três espaços analisados.

O comentário é um género com elevado grau de personalização, cuja eficácia performativa depende do prestígio e do reconhecimento público do comentador. Este género, adaptado ao formato televisivo, inclui na equação um “outro” - o jornalista - com quem o comentador divide a "cena". É neste "entre dois" que o espaço se define. A presença do jornalista e o modo como se posiciona face àquele a quem, supostamente, é "cedida" a palavra, permite-nos avaliar se há ou não uma deslocação das funções associada ao género - comentar, analisar, avaliar sobre o que é conhecido- para funções mais consentâneas com géneros dialógicos, como a entrevista - questionar, confrontar, indagar, procurar a novidade.

A análise feita e apresentada anteriormente permitiu-nos compreender que, embora haja presença de características de entrevista nos três espaços televisivos, regra geral não há apagamento do protagonismo do comentador em favor do jornalista. O comentador é agente do diálogo e o jornalista é simultaneamente adjuvante, pontuador neutro e, por vezes, devido ao seu dever enquanto profissional, questiona os temas e as posições do comentador.

Quando questionada sobre o seu posicionamento editorial - “apresentadora, moderadora ou entrevistadora?” - Cristina Esteves admite incorporar as três funções n’ “A Opinião de José Sócrates”, sendo que cada faceta assume maior ou menor dimensão em função da relevância no espaço e no tempo:

“Em qualquer registo, não se pode, ou deixa, de ser jornalista independentemente do que possa estar em causa e do que está definido para um programa: se é análise, comentário, opinião, debate, entrevista pura, em que se afere matérias várias, ou mais confrontacional por alvo de suspeitas, imputação de responsabilidades, etc.”<sup>127</sup>

Já João Adelino Faria, também jornalista do espaço de comentário da *RTPI*, considerou as funções de “moderador” e de “entrevistador”, defendendo que

---

<sup>127</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.5, na p.99: “Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016”.

moderava no sentido de introduzir novos temas e conduzir o comentador quando este se afastava do tema principal, e entrevistava quando o comentador falava sobre determinado assunto que, na opinião do jornalista, não estava esclarecido, e tinha que o questionar para ir ao fundo da questão. João Adelino Faria deu-nos o seguinte exemplo:

“(...) estava [José Sócrates] a fazer uma crítica ao atual governo, esquecendo a herança que tinha deixado no passado, eu aí tinha que entrar como entrevistador, tinha que lhe fazer perguntas: «o senhor quando foi primeiro-ministro tomou estas decisões que levaram a determinada situação hoje, que está a ser corrigida, (ou não...)»... Claro que isso o irritava e dizia-me «você assim está a entrevistar-me». Mas eu acho que, num espaço de opinião, temos que ser moderadores, mas temos que fazer entrevista, não entrevista no sentido formal, mas colocar as questões quando elas surgem porque é isso que um jornalista faz.”<sup>128</sup>.

Por fim, Maria João Ruela, da *SIC*, responde-nos o seguinte em relação ao seu posicionamento editorial: “Durante o espaço de comentário sou mais moderadora do que entrevistadora.” (no entanto, não afirma que não se considera, em momento nenhum, entrevistadora).<sup>129</sup>

Depreendemos assim que os próprios jornalistas assumem a necessidade de recorrer a momentos de entrevista para não se demitirem da sua posição de jornalista e também pelo facto destes comentadores serem eles próprios figuras públicas e estarem por vezes implicados a temas da atualidade. Nestes casos, em que o comentador estava envolvido nos assuntos do espaço de comentário, todos os jornalistas admitiram sentir necessidade de abordar essa temática e confrontá-los com a mesma. Cristina Esteves é da opinião de que

“se um comentador está direta ou indiretamente envolvido em determinada temática de relevante interesse público e jornalístico (e não factóides pré-concebidos com intuito de condicionamento posterior), era e é natural que seja questionado em conformidade”.<sup>130</sup>

---

<sup>128</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.4, na p.96 e 97: “Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016”.

<sup>129</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.3, na p.94: “Entrevista a Maria João Ruela realizada no dia 15.01.2016”.

<sup>130</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.5, na p.100: “Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016”.

João Adelino Faria também é da mesma opinião, defendendo que:

“O jornalismo é por inteiro e, no jornalismo, sempre que é suscitada uma dúvida, ou algo não está esclarecido, é nossa obrigação ir ao fundo da questão. E quando eu tenho um milhão de pessoas a assistir, eu tenho que fazer as perguntas que alguns gostariam de ver esclarecidas. Não pode ser um monólogo!”<sup>131</sup>

No entanto, o jornalista admite que este caso é peculiar pelo facto de José Sócrates ter responsabilidades políticas e governativas. Diz também que se trata de um caso *sui generis*, que não é comum, que só aconteceu em Portugal e que portanto os próprios jornalistas tiveram que se adaptar às circunstâncias, em termos jornalísticos:

“(…) ele não é um comentador normal em que eu diga «diga-me a sua opinião sobre este governo ou sobre a oposição» porque ele está ligado a um partido da oposição e, portanto, quando eu lhe peço a opinião sobre o estado do país, eu quero ouvir no momento a opinião dele, que é para isso que ele lá está convidado, mas ao mesmo tempo não me posso esquecer que ele está ligado a uma facção e não posso deixar que ele seja parcial ao ponto de ignorar o que um comentador não deveria ignorar e que há um olhar desapassionado sobre o assunto. No caso do José Sócrates, era muito mais difícil com as suas convicções muito vivas, muito parciais, muito partidárias e muito governativas e, portanto, o nosso trabalho tinha que ser muito mais inquisidor. Sendo que, dito isto, há um limite e nunca nos poderíamos esquecer de que estávamos perante um espaço de comentário: dar a sua opinião, fazer a pergunta, mas não transformar, como aconteceu várias vezes, numa entrevista porque aí, então, não estaríamos a fazer um espaço de comentário, nem tinha lá atrás «A Opinião de José Sócrates» e seria uma entrevista. E isso aconteceu em vários cenários e acabou por não resultar bem porque nós nunca nos podemos esquecer que aquilo não é uma entrevista. Podemos e devemos exercer a nossa função de jornalista fazendo perguntas que um entrevistador faria, mas não transformar aquilo em entrevista porque aí seria: aquilo que eu quero saber, os temas que eu quero, sem lhe dar conhecimento (...) Ninguém faz uma entrevista todas as semanas à mesma pessoa. Mas não podem deixar de existir esses momentos de entrevista sob pena de nos estarmos a demitir na nossa função de jornalista.”<sup>132</sup>

---

<sup>131</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.4, na p.97: “Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016”.

<sup>132</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.4, na p.98: “Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016”.

Ainda assim, Cristina Esteves considera que este espaço de comentário, mesmo perante estas situações mais híbridas, não pode resvalar nunca em entrevista, até porque seria peculiar fazer “entrevistas à mesma pessoa todas as semanas num espaço definido editorialmente como de opinião.”<sup>133</sup>

Não podemos deixar passar em branco e perder a oportunidade de referir a despedida de Marcelo Rebelo de Sousa do seu espaço de comentário, no passado dia 11 de Outubro de 2015<sup>134</sup>. Isto porque, visto que nesse domingo, Marcelo Rebelo de Sousa já era um dos candidatos oficiais a Presidente da República, a *TVI* não podia recebe-lo como comentador, no entanto, quis despedir-se desta figura que marcou significativamente a história deste canal e portanto emitiu, em direto, no mesmo horário, um programa especial do Professor, em que este se despede da *TVI*, dos seus colegas, dos telespetadores e onde foram também desvendadas várias questões e histórias desconhecidas do grande público. Judite Sousa, a propósito da candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa, relembra o seguinte:

“Eu interrogava num tom, que não é o tom da entrevista normal, o professor Marcelo Rebelo de Sousa sobre a questão das presidenciais e normalmente isso surgia tendo como pretexto sondagens que eram reveladas semanalmente e eu sentia que, obviamente, como jornalista, não podia fugir ao tema porque essas sondagens indicavam aquilo que para todos nós é público e, portanto, a questão era colocada.”<sup>135</sup>

Aqui, com esta declaração de Judite Sousa, percebemos que a própria admite, embora justificando-se, que recorre a perguntas características do género de entrevista, pelo facto de Marcelo Rebelo de Sousa fazer parte dos assuntos da atualidade, uma vez que, nas sondagens referidas, o nome de Marcelo Rebelo de Sousa era apontado como sendo do agrado da generalidade do público como candidato credível para próximo Presidente da República. Depois de a jornalista mencionar estes episódios, o ex-comentador admite que se irritava com estas questões, afirmando: “Às vezes irritava-me! Semana sim, semana não... irritava-me. Parecia obcecada pelas presidenciais e depois pegou ao José Alberto”<sup>136</sup>. Mas Judite Sousa conclui espontaneamente que todas essas perguntas acabaram por fazer

---

<sup>133</sup> Consultar anexo em formato impresso nº2.5, na p.100: “Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016”.

<sup>134</sup> Consultar anexo em formato digital/CD: “Emissões”, pasta “TVI”, ficheiro “11.10.2015 - Despedida”.

<sup>135</sup> *Idem.*

<sup>136</sup> *Idem.*

sentido, visto que posteriormente Marcelo Rebelo de Sousa era realmente um dos candidatos às presidenciais de 2016 (e entretanto eleito Presidente da República). O Professor aceita a conclusão de Judite, acrescentando que “a função do jornalista é perguntar, a função do comentador é comentar e ali não havia nada para comentar”<sup>137</sup>.

Outra coisa que se percebe ao visionarmos o programa de despedida é que Marcelo Rebelo de Sousa tem a fama de, ao longo destes anos, telefonar fora de horas (entre as três e as cinco da manhã) aos pivôs a propor temas para serem comentados no domingo seguinte. A propósito, o Professor conta um episódio em que telefonou a José Carlos Castro e que, como já era muito tarde, o jornalista não atendeu e Marcelo Rebelo de Sousa deixou mensagem de voz no gravador automático de chamadas, manifestando interesse em comentar o “caso BCP”. Mas o pivô percebeu “PCP” e foi esse o tema que lançou em direto para o Professor comentar. Marcelo Rebelo de Sousa recorda esta história, confessado ter ficado aflito: “Respirei fundo e pensei: E agora o que é que eu vou dizer sobre o PCP? Foram dois minutos sobre o PCP. Foram das observações mais curtas que eu fiz”.

Através desta história caricata, percebemos que os temas abordados eram muitas vezes sugeridos pelo comentador e previamente definidos entre este e o jornalista, o que nos aproxima do género espaço de comentário, visto que compreendemos que é o comentador que orienta o espaço e não o jornalista e que o que nos é transmitido em relação às temáticas abordadas decorre da vontade do comentador.

Posto isto, podemos afirmar que embora estes três espaços televisivos estejam definidos como espaços de comentário, em todos eles se recorre a ferramentas características do género de entrevista. De qualquer modo, a presença dessas ferramentas não é igual em todos os casos: através da análise que fizemos, embora algumas das revelações de Judite Sousa e Marcelo Rebelo de Sousa no dia 11 de Outubro de 2015, defendemos que no caso de “Os Comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” o recurso a técnicas de entrevista é menos evidente do que nos outros.

Assim, dos três espaços analisados, o espaço da *TVI* é, do nosso ponto de vista, o espaço que mais se aproxima, na totalidade, da definição de comentário enquanto género jornalístico. No entanto, “A Opinião de José Sócrates” (*RTP1*) e a

---

<sup>137</sup> *Idem.*

“A Opinião de Luís Marques Mendes” (*SIC*) também se aproximam mais do comentário do que da entrevista, mesmo que recorram amiúde a técnicas de entrevista. O caso do dia 23 de Março de 2014, na *RTP1*, com José Sócrates e José Rodrigues dos Santos, foi uma exceção e não se iguala, de modo algum, às restantes emissões desse espaço de comentário.

A presença predominante, nos espaços referidos, de características identificadoras de um género avaliativo e opinativo como o comentário, foi identificada na nossa análise, cujos resultados inventariamos:

1. Quem orienta o espaço de comentário são os comentadores e não os jornalistas;
2. Os jornalistas assumem predominantemente o papel de moderadores, e não de entrevistadores, mesmo que por vezes recorram a ferramentas de entrevista;
3. O espetador está maioritariamente perante diálogos pontuados e não perante um modelo de pergunta-resposta, próprio da entrevista;
4. O que ouvimos quanto aos assuntos que são tratados decorre da vontade dos comentadores, ou seja, enquanto espetadores, raramente sentimos que o jornalista está a exercer pressão sobre o comentador no sentido de o obrigar a falar de algo contra a sua própria vontade;
5. Geralmente, nos seus exercícios de comentário, existe um distanciamento político dos comentadores face aos temas e, portanto, de uma forma geral, os comentadores estão ali para comentar e não para se defenderem.

Como foi dito anteriormente, apesar de serem, num sentido global, espaços de comentário, identificámos, todavia, aspetos que, por momentos, nos sugeriram estarmos perante uma entrevista, a saber: 1. Os três comentadores são figuras políticas e públicas e os jornalistas chegam a colocar-lhes questões sugeridas por essa sua qualidade; 2. Os jornalistas recorrem, por vezes, a perguntas classificadas como “fechadas” e “difíceis”, obtendo notícias ou declarações com valor-notícia; 3. Verificámos, mesmo que escassamente, os comentadores a terem que se defender perante as questões dos jornalistas; 4. Os comentadores são interrompidos, em alguns momentos, pelos jornalistas, que limitam o seu campo de resposta; 5. Assistimos a algumas situações em que os comentadores, mesmo que, por vezes, o tentem evitar, acabam por assumir o papel de entrevistados e não de comentadores, demonstrando um comprometimento face aos temas comentados, por estarem direta ou indiretamente associados aos mesmos.

Acresce, a este elenco de argumentos, uma pequena observação. Existe realmente uma confusão, até mesmo da parte dos intervenientes, em relação à

classificação destes formatos enquanto géneros jornalísticos, destacando-se dois exemplos: como tivemos oportunidade de analisar, o próprio jornalista José Rodrigues dos Santos, em todos os seus esclarecimentos prestados na sua página de *facebook*, refere-se ao espaço onde participou como uma “entrevista”; no site da *SIC*, onde Luís Marques Mendes é apresentado como comentador e como participante de um espaço de comentário, encontramos, várias vezes, o seguinte oráculo “Luís Marques Mendes **comenta** os seguintes temas na **habitual entrevista** no Jornal de Sábado da *SIC* (...)”, transparecendo assim uma contradição no que diz respeito à classificação destes espaços.

É óbvio que existe uma certa confusão e dificuldade em definir estes espaços do ponto de vista dos géneros jornalísticos devido a todas as questões aqui abordadas, no entanto, tendo em conta a predominância das características de cada género jornalístico parece-nos podermos definir os três espaços como comentário.

Uma vez identificados estes três espaços quanto ao género jornalístico, queremos agora identificar as razões que podem justificar o facto de existir esta confusão e dos próprios jornalistas admitirem que estamos perante espaços de comentário peculiares e terem, ali, supostos momentos de entrevista. Que causas estarão na origem destas “deslocações”?

Efetivamente, pensamos que há uma teia de fatores que contribui para que isto aconteça. Os comentadores em causa (principalmente José Sócrates e Luís Marques Mendes) nem sempre se encontram fora do domínio da realidade política sobre a qual se têm de pronunciar, ou porque podem estar envolvidos nos acontecimentos (envolvimento que os pode colocar numa posição de grande fragilidade política), ou porque as suas convicções políticas os aproximam dessa realidade. Esta posição por parte do comentador em relação aos temas abordados despoleta no jornalista a necessidade de o confrontar. Se os objetivos que regem a atividade do jornalismo são a procura da verdade acerca dos acontecimentos e a resposta ao interesse público, seria estranho o jornalista ignorar o momento que se desenha à sua frente e não procurar obter mais informação sobre os assuntos. Aliás, a questão de fundo que aqui se coloca é a seguinte: seria expectável um espaço de comentário com um jornalista, e com este tipo de comentadores, sem que este resvalasse em alguns momentos de entrevista? Isso não seria anular o seu papel como jornalista?

Tal como José Rodrigues dos Santos afirmou na sua publicação de *Facebook* referida anteriormente<sup>138</sup>, o jornalista, segundo os seus princípios, não deverá ser um simples pontuador ou parceiro que ali está, só e apenas, para credibilizar a posição do comentador, sendo por isso complicado para o jornalista, num espaço de comentário, esquecer-se do seu papel e dos objetivos que regem a sua profissão. Esta será, no nosso entender, a causa maior que origina o a interseção de um género noutro.

Há um esforço de exercício analítico muito pronunciado por parte dos comentadores, situando a argumentação num plano mais racional do que emocional de modo a evitar e deslegitimar conotações políticas. No entanto, este exercício torna-se manifestamente impossível quando é o comentador o visado. Na verdade, se estamos a falar de um assunto que convoca as nossas convicções mais profundas, não é fácil distanciarmo-nos.

Desenhada esta sequência de factos, poderemos dizer que, quando um espaço de comentário tem momentos de entrevista, a responsabilidade dessa conversão não pode ser atribuída unicamente a uma das partes. Nem só o jornalista adotou a posição de entrevistador, nem só o comentador assumiu o papel de entrevistado. Ambos têm a sua quota-parte de responsabilidade nesta matéria. Há, portanto, uma responsabilidade partilhada a sustentar a conversão de um género jornalístico noutro.

Poderemos sempre questionar se é legítimo o jornalista quebrar formatos televisivos com os quais previamente se comprometeu. A resposta a esta questão não é simples pelo carácter dilemático que ela encerra em si. O jornalista pode encontrar-se perante o seguinte dilema: exponho a verdade sob pena de sacrificar o compromisso estabelecido com o interlocutor e com o público tendo em conta o género jornalístico que me foi proposto ou deixo escapar a oportunidade de esclarecer o público acerca da verdade dos acontecimentos para não violar em nada o género jornalístico com o qual me comprometi? Será que a procura de um esclarecimento total junto do comentador (enquanto fonte interessada) deve constituir um valor incondicional, sobrepondo-se a tudo, em caso de conflito com outros valores?

Arriscamos responder a esta questão dizendo que a procura da verdade e a satisfação do interesse público devem ser encarados como valores fundamentais,

---

<sup>138</sup> Texto publicado no facebook de José Rodrigues dos Santos: *Resposta de José Rodrigues dos Santos aos comentários publicados nesta página à entrevista feita pelo jornalista a José Sócrates, no domingo, dia 23 de Março de 2014, na RTP1 (24 de Março de 2014)* [Internet] Disponível em <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=663444407056487&id=169045036496429](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=663444407056487&id=169045036496429)> [Consult. 5 de Março de 2014]

ainda que a sua prevalência não possa comprometer o respeito pelo comentador enquanto cidadão (sublinho, enquanto cidadão): estamos, por exemplo, a lembrar-nos do modo como José Rodrigues dos Santos abordou José Sócrates no dia 23 de Março de 2014. O facto de José Sócrates ser a própria fonte (por estar envolvido nos assuntos discutidos), não dá o direito ao jornalista, por mais que seja legítimo da sua parte querer apurar a verdade e abordá-lo no sentido de compreender efetivamente a realidade política, de o julgar, pois José Sócrates, apesar de ser a fonte, não deixa de estar presente naquele espaço televisivo como comentador: José Rodrigues dos Santos, munido de uma grande dose de agressividade e de material informativo que comprometia o comentador, praticamente submeteu José Sócrates a acusações que não podem ser tratadas no espaço de comentário televisivo. Naquele espaço de comentário, assistimos efetivamente a uma quebra de contrato de expectativas entre os interlocutores. No entanto, concordamos que uma procura da verdade, realizada dentro dos limites do respeito pela cidadania, deverá constituir o princípio regulador do exercício jornalístico.

## Conclusão

Neste trabalho que desenvolvemos pretendíamos avaliar o grau de contaminação dos géneros jornalísticos de comentário e de entrevista na televisão portuguesa generalista. Concluimos que os formatos analisados têm características muito próprias, que não têm correspondência completa com outros que se fazem noutros países, que têm como protagonistas (ex) políticos e que, tendo em conta as características da ocupação de comentadores no espaço televisivo português, colocam questões sérias aos jornalistas, do ponto de vista do seu posicionamento profissional

Esta investigação mostrou-nos, em primeiro lugar, que os três espaços televisivos analisados assumem predominantemente características de comentário, moldando-se às características e estratégias do panorama televisivo atual. E, em segundo lugar, que em todos estes espaços de comentário, os jornalistas atuam como moderadores que recorrem a técnicas próprias do género de entrevista devido a uma necessidade de adaptação à dinâmica do meio e por razões de estatuto profissional<sup>139</sup> e, portanto, temos momentos de entrevista em espaços de comentário. Isto denuncia simultaneamente o jornalismo como um campo dinâmico de construção do discurso político, absorvendo, nas suas práticas, as exigências do próprio modelo de publicidade da política. Como o jornalismo vive esta exigência permanente de se adaptar ao contexto em causa (contexto marcado pela presença de forças políticas), devemos compreender as diferentes modelações assumidas pela atividade jornalística como um espaço que potencia a própria construção do discurso político. E, assim sendo, só faz sentido entender estes espaços de comentário como uma dialética permanente entre a prática jornalística e a política.

Estes espaços de comentário resvalam, por vezes, em momentos de entrevista pelo facto dos comentadores escolhidos terem influência, importância ao serem figuras reconhecidas publicamente (com atuais ou antigas responsabilidades políticas); e os jornalistas, perante este tipo de comentadores, têm que se adaptar a esta nova forma de orientar e pontuar espaços de comentário, sem se anularem da sua posição de jornalista. A forma como cada jornalista lida e se adapta a esta situação, irá aproximá-lo ou distanciá-lo de determinado género de jornalismo. Por exemplo,

---

<sup>139</sup> Sublinhe-se que a expressão “estatuto profissional” remete tanto para as condições exigidas pelo trabalho do jornalista como para a posição política dos comentadores convidados.

“Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” da *TVI* é efetivamente o espaço que tem menos momentos de entrevista e a verdade é que Marcelo Rebelo de Sousa é mais hábil no jogo de opinar no tom de quem faz comentário e análise, transparecendo a ideia de que está apenas a comentar, enquanto que José Sócrates e Luís Marques Mendes não têm essa habilidade tão apurada e, por isso, acabam por se aproximar, por vezes, do papel de entrevistado.

Há ainda que referir que estivemos a analisar comentadores que são políticos. Na leitura dos acontecimentos, o comentador não é obrigado a ser isento, visto que estamos perante um género opinativo/interpretativo e, por isso, não despe a sua capa de ator político. E a verdade é que nenhum político o faz, nem em televisão. Aliás, acabam inclusivamente, devido à sua presença assídua, por prolongar a sua ação política. Felisbela Lopes<sup>140</sup> vê o fenómeno como “um autêntico passaporte para a vida política e vice-versa”, constatando que as televisões “reproduzem o poder dominante através de um grupo muito restrito de indivíduos, aquilo a que se chama «confraria» composta por elites próximas do poder”. Através da participação semanal nestes espaços televisivos, José Sócrates, Luís Marques Mendes e Marcelo Rebelo de Sousa conseguem manter-se vivos na política e marcar a sua posição, influenciando naturalmente os telespetadores, ficando em vantagem em combates políticos por contactarem semanalmente com as pessoas.

Tal como o politólogo Adelino Maltez<sup>141</sup> defende, somos da opinião de que os espaços de comentário deveriam pertencer a jornalistas editoriais e não a políticos. Este politólogo afirma que “o comentário político é essencialmente do jornalismo de ideias” e que “esse é exercício do bom jornalista e não dos políticos”, justificando ainda que Marcelo Rebelo de Sousa é líder de audiências e tão acarinhado e respeitado pelo público devido às suas características jornalísticas e não políticas.

Esta investigação acaba por nos colocar num lugar específico no âmbito do debate em torno dos géneros jornalísticos. E se, para terminar, quiséssemos identificar esse lugar, como o faríamos?

A defesa das teses anteriormente enunciadas e toda a argumentação que as fundamenta não nos situa numa tendência teórica que recusa liminarmente a

---

<sup>140</sup> Lopes, M. (23 de Maio de 2015) *Comentadores. Cemitério de políticos ou rampa de lançamento*. i Online. [Internet] Disponível em < <http://www.ionline.pt/393176>> [Consult.10 de Janeiro de 2016].

<sup>141</sup> i Online. (2015) *Comentadores. Cemitério de políticos ou rampa de lançamento* [Internet] Disponível em < <http://www.ionline.pt/393176>> [Consult.10 de Janeiro de 2016] – Melissa Lopes, 23.05.2015

classificação anglo-saxónica dos géneros jornalísticos. Coloca-nos antes na posição que se traduz na sua aceitação, ainda que com as devidas reservas. Na realidade, julgamos que, por ser demasiado abrangente, a classificação tradicional dos géneros jornalísticos é bastante funcional, pois permite-nos arrumar os géneros jornalísticos fundamentais com alguma eficácia. No entanto, como todas as classificações gerais, também esta peca por alguma falta de rigor no modo como organiza a realidade e isto acontece porque esta última é sempre mais sinuosa e complexa do que a forma como as teorias a retratam. Ora, como poderemos fazer face a esta dificuldade? Adotando uma posição próxima da visão de Paula Cristina Lopes (2014), poderemos sempre procurar compreender que características são predominantes nos espaços com que nos confrontamos e classificá-los de acordo com essas características. Foi, aliás, exatamente o que fizemos para conseguir categorizar os espaços televisivos em análise nesta dissertação. No entanto, devemos deixar sempre em aberto a possibilidade de criar novos géneros jornalísticos quando a realidade, pelas transformações que naturalmente vai sofrendo, o impuser.

## Bibliografia

Note-se que, nesta bibliografia, serão identificadas não só obras que foram utilizadas no corpo do trabalho, como também obras que inspiraram esta dissertação.

### 1. Bibliografia Citada

- Aubenas, F. & Benasayag, M. (2002) *A fabricação da informação: os jornalistas e a ideologia da comunicação*. Porto, Campo das Letras.
- Brandão, N.G. (2005) *Prime Time: do que falam as notícias dos telejornais*. Cruz Quebrada, Casa das Letras.
- Cádima, F.R. (1995) *O Fenómeno Televisivo*. Lisboa, Círculo de Leitores.
- Calero, M.L. (2011) *Géneros y discurso periodístico*. Madrid, Editorial Fragua.
- Castro, A. (2013) *Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização: Desenvolvimento Internacional e Impasses Brasileiros*. Biblioteca on-line de ciências da comunicação. [Internet] Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/castro-alexandre-2013-teorias-jornalismo.pdf>> [Consult. 5 de Junho 2015].
- Chaparro, M.C. (1993) *Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo, Summus Editorial.
- Chaparro, M.C. (2008) *Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo, Summus Editorial.
- Chaparro, M.C. (2012) *Jornalismo não se divide em Opinião e Informação*. [Internet] Disponível em <[http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012\\_7\\_31\\_14\\_34\\_6\\_09719.pd](http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_34_6_09719.pd)> [Consult. 2 Novembro 2015].
- Charon, Y. (1995) *A Entrevista na Televisão*. Mem Martins, Editorial Inquérito.
- Cruz, J.C. (2002) *Introdução ao Estudo da Comunicação: Imprensa, Cinema, Rádio, Televisão, Redes Multimédia*. Lisboa, ISCSP.
- Cunha, T.C. (1995) *apud* Rebelo, J. (2000) *O Discurso do Jornal: o como e o porquê*. Lisboa, Notícias Editorial.
- Dalmonte, E.F. (2009) *Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência*. Universidade Federal da Bahia. [Internet] Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/200/3/Pensar%20o%20discurso%20no%20webjornalismo.pdf>> [Consult. 6 Junho 2015].

- Espinosa, P.M. (2003) *El periodismo informativo en televisión: lenguaje, genero y estilo*. Universidade de Sevilla, Departamento de Periodismo. [Internet] Disponível em: <[http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer\\_09/Sum/4-13.pdf](http://pendientedemigracion.ucm.es/info/emp/Numer_09/Sum/4-13.pdf)> [Consult. 21 de Março de 2015].
- Gelices, F. (1979) *A Televisão*. Rio de Janeiro, Salvat Editora do Brasil, S.A.
- Góis, V.S. (2010) *A Ética da Imagem e a Informação Jornalística*. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. [Internet] Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-etica-imagem.pdf>> [Consult. 12 Janeiro 2015].
- Gomis, L. (1989) *Teoría del generes periodístics*. Barcelona, Centre d'Investigació de la Comunicació.
- Gomis, L. (1991) *Teoria del periodismo – como se forma el presente*. Barcelona, Paidós.
- Gradim, A. (2000) *Manual de Jornalismo – Estudos em Comunicação*. Covilhã, UBI.
- Herédia, L. (2008) *A retórica do jornalismo*. Brasil, UFJF, Revista Rhêtorikê. [Internet] Disponível em: <<http://www.rhetorike.ubi.pt/01/pdf/leila-heredia-retorica-jornalismo.pdf>> [Consult. 15 Fevereiro 2015].
- Jaspers, J. (1998) *Jornalismo Televisivo: princípios e métodos*. Coimbra, Minerva.
- Katz, E. & Dayan, D. (1999) *A História em Directo – Os acontecimentos mediáticos na televisão*. Coimbra, Minerva.
- Lopes, F. (2007) *A TV das Elites – Estudo dos programas de informação semanal dos canais generalistas (1993-2005)*. Porto, Campo das Letras Editores.
- Lopes, F. (2008) *A TV do Real: A Televisão e o Espaço Público*. Coleção Comunicação, Minerva Coimbra.
- Lopes, F. (2011) *A TV dos Jornalistas – Os comentadores residentes da televisão portuguesa*. Minho, Universidade do Minho - CECS.
- Lopes, P. C. (2014) *Géneros literários e géneros jornalísticos: uma revisão teórica de conceitos*. Lisboa, UAL. [Internet] Disponível em: <<http://especializado.jor.br/wp-content/uploads/2014/06/Generos-literarios-e-generos-jornalisticos.pdf>> [Consult. 15 Fevereiro 2015].
- Magalhães, R. (2003) *Racionalidade e Retórica: teoria discursiva da ação coletiva*. Juiz de Fora, UFJF. [Internet] Disponível em:

<<http://www.ufjf.br/clioedel/files/2009/10/COD03003.pdf>> [Consult. 2 Março 2015].

- Marques, C. V. (2002) *Pessoal... e transmissível*. Lisboa, ASA Editores, S.A.
- Marques, C. V. (2004) *Pessoal... e transmissível XX-XXI*. Lisboa, Relógio D'Água Editores.
- Mc Quail, D. (1987) *apud* Sá, A. (1998) *A televisão e os meios de comunicação de massa: globalização e sociedade*. VOL. I, Universidade Moderna de Lisboa.
- Melo, J. M. (1985) *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis, Vozes.
- Melo, op.cit. *apud* Chaparro, M.C. (2012) *Jornalismo não se divide em Opinião e Informação*. [Internet] Disponível em: <[http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012\\_7\\_31\\_14\\_34\\_6\\_09\\_719.pdf](http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_34_6_09_719.pdf)> [Consult. 2 de Novembro 2015].
- Meneses, J. P. (2003) *Tudo o que se passa na TSF*. Editoria Jornal de Notícias.
- Murcho, D. (2006) *Pensar Outra Vez*. Vila Nova de Famalicão, Quasi Edições.
- Nascimento, V. S. (2010) *Entretenalismo: Quando o humor se torna notícia - O Caso Gato Fedorento, Esmiúça os Sufrágios nas Eleições Legislativas de 2009*. Coimbra, Faculdade de Letras. [Internet] Disponível em: <[https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18153/1/TESE\\_ENTRETENALISMO\\_FINAL.pdf](https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/18153/1/TESE_ENTRETENALISMO_FINAL.pdf)> [Consult. 7 de Maio de 2015].
- Oliveira, J.N. (2007) *Manual de Jornalismo de Televisão*. Lisboa, Cenjor, IIEFP. [Internet] Disponível em: <<http://opac.iefp.pt:8080/images/winlibimg.aspx?skey=&doc=73220&img=458>> [Consult. 21 de Outubro de 2015].
- Oliveira, J. A. (2013) *A Linguagem Performativa do Jornalismo*. UFPR: Universidade Federal do Paraná, BOCC-UBI. [Internet] Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-jair-2013-linguagem-performativa-jornalismo.pdf>> [Consult. 30 de Agosto de 2015].
- Palacio, J.G. (1984) *apud* Chaparro, M. C. (2012) *Jornalismo não se divide em Opinião e Informação*. [Internet] Disponível em: <[http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012\\_7\\_31\\_14\\_34\\_6\\_09\\_719.pdf](http://www.oxisdaquestao.com.br/admin/arquivos/artigos/2012_7_31_14_34_6_09_719.pdf)> [Consult. 2 Novembro 2015].
- Pena, F. (2005) *Teorias do Jornalismo*. São Paulo, Editora Contexto.
- Pereira, T. (2010) *Um retrato dos jornalistas políticos de Portugal*. Porto, Universidade Fernando Pessoa. [Internet] Disponível em:

<[http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1675/2/DM\\_20636.pdf](http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1675/2/DM_20636.pdf)> [Consult. 5 de Maio de 2015].

- Perelman, C. (1999) *apud* Rebelo, J. (2000) *O Discurso do Jornal: o como e o porquê*. Lisboa, Notícias Editorial.
- Platão (1992) *Górgias*. Lisboa, Edições 70. Tradução Manuel de Oliveira Pulquério.
- Raimundo, O. (2005) *A Entrevista no Jornalismo Contemporâneo*. Coimbra, Minerva Coimbra - Coleção Comunicação.
- Rebelo, J. (2000) *O Discurso do Jornal: o como e o porquê*. Lisboa, Notícias Editorial.
- Roberto, H.S. & Collado, C.F. & Lucio, P.B. (2006) *Metodologia de Pesquisa*. S.Paulo, McGraw-Hill.
- Sá, A. (1998) *A televisão e os meios de comunicação de massa: globalização e sociedade*. VOL. I. Universidade Moderna de Lisboa.
- Santo, P. E. (2010) *Introdução à Metodologia das Ciências Sociais*. Lisboa, Edições Sílabo.
- Santos, H. C. (2009) *O fim dos Géneros Jornalísticos? Os Elementos Informativos que resultam das novas práticas*. 6º Congresso SOPCOM. Tomar, ESTT – IPT. [Internet] Disponível em: <[http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/415/411](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/415/411)> [Consult. 7 de Maio de 2015].
- Saraiva, M. R., *et al.* (2011) *A cenografia de informação televisiva em Portugal: Da sobriedade à espectacularidade das redacções*. Porto, Edições Afrontamento.
- Seixas, L. (2004) *Gêneros jornalísticos digitais: um estudo das práticas discursivas no ambiente digital*. XIII Encontro Anual da COMPÓS, São Bernardo do Campo. [Internet] Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/28326490/Generos-Jornalisticos-Digitais>> [Consult. 6 de Junho de 2015].
- Seixas, L. (2008) *O que é jornalismo? É possível entender através dos géneros/Gêneros?* [Internet] Disponível em: <<http://generos-jornalisticos.blogspot.pt/2008/05/o-que-jornalismo-possvel-entender>> [Consult. 17 de Fevereiro de 2015].
- Sena, A. C. (2013) *Modos e mecanismos de credibilidade no jornalismo televisivo: o caso da SIC*. Covilhã, UBI. [Internet] Disponível em:

<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/m-jornalismo-2013-ana-sena.pdf>> [Consult. 8 de Maio de 2015].

- Serrano, E. (2006) *Para compreender o jornalismo: O Diário de Notícias visto pela provedora de leitores*. Coleção Comunicação, Minerva Coimbra.
- Silva, V. (2009) *Para o Estudo da Entrevista*. Lisboa, Edições Colibri – Instituto de Estudos de Literatura Tradicional.
- Sobral, F. (2012) *Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva*. Millenium, 42 (Janeiro/Junho). P. 143-159. [Internet] Disponível em: <<http://repositorio.ipv.pt/handle/10400.19/1204>> [Consult. 18 de Junho de 2015].
- Sousa, A. (2002) *A retórica da verdade jornalística*. BOCC-UBI. [Internet] Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-americo-retorica-verdade-jornalistica.pdf>> [Consult. 8 de Maio de 2015].
- Sousa, J. P. (2004) *Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma teoria do jornalismo*. Universidade Fernando Pessoa, BOCC-UBI. [Internet] Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-george-pedro-multifactorial-jornalismo.pdf>> [Consult. 8 de Maio de 2015].
- Sousa, M.R. (1994) *Um ano em exame*. Lisboa, Dom Quixote.
- Traquina, N. (2002) *Jornalismo*. Quimera Editores.
- Vala, J. (1999) *Novos racismos: perspetivas comparativas*. Oeiras, Celta.
- Vargas, N. A. (1999) *Periodismo de opinión*. Madrid, Editorial Síntesis.

## **2. Sitografia**

- Anabela Mota Ribeiro. (2007) *Luís Marques Mendes*. [Internet] Disponível em <<http://anabelamotaribeiro.pt/luis-marques-mendes-144872>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].
- BBC Academy. (2016) *Treating interviewees fairly*. [Internet] Disponível em <<http://www.bbc.co.uk/academy/journalism/skills/interviewing/article/art20130702112133425>> [Consult. 12 de Novembro de 2015].
- Bernardino, C. (28 de Março de 2013) *Dois meses a negociar Sócrates na RTP*. Diário de Notícias. [Internet] Disponível em: <<http://www.dn.pt/revistas/ntv/interior/dois-meses-a-negociar-socrates-na-rtp-3136515.html>> [Consult. 26 de Março de 2015].

- Carmo, C. (22 de Novembro de 2014) *Vida e trajeto de José Sócrates*. Correio da Manhã. [Internet] Disponível em: <[http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/politica/detalhe/vida\\_e\\_trajeto\\_de\\_jose\\_socrates.html](http://www.cmjornal.xl.pt/nacional/politica/detalhe/vida_e_trajeto_de_jose_socrates.html)> [Consult. 18 de Julho de 2015].
- Cunha, H. (15 de Novembro de 2014) *Marques Mendes rejeita ligação ao caso dos vistos gold*. Jornal de Notícias. [Internet] Disponível em: [http://www.jn.pt/paginainicial/nacional/interior.aspx?content\\_id=4242690&page=-1](http://www.jn.pt/paginainicial/nacional/interior.aspx?content_id=4242690&page=-1) [Consult. 12 de Maio de 2015].
- Económico Conferências. (2008) *Curriculum Vitae Luís Marques Mendes*. [Internet] Disponível em <<http://conferencias.economico.pt/public/uploads/oradores/marquesmendescv.pdf>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].
- ERC. (2016) *Código Deontológico do Jornalista*. [Internet] Disponível em <<http://www.erc.pt/documentos/legislacaosite/CodigoDeontologicodoJornalista.pdf>> [Consult. 3 de Janeiro de 2016].
- Esfera dos Livros. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa*. [Internet] Disponível em <[http://www.esferadoslivros.pt/livros.php?id\\_li=%20334](http://www.esferadoslivros.pt/livros.php?id_li=%20334)> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].
- Facebook. (24 de Março de 2014). *Resposta de José Rodrigues dos Santos aos comentários publicados nesta página à entrevista feita pelo jornalista a José Sócrates, no domingo, dia 23 de Março de 2014, na RTP1*. [Internet] Disponível em <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=663444407056487&id=169045036496429](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=663444407056487&id=169045036496429)> [Consult. 2 de Janeiro de 2015]
- Fonseca, S. (25 de Fevereiro de 2013) *SIC contrata Luís Marques Mendes*. Diário de Notícias. [Internet] Disponível em: <[http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content\\_id=3073431&seccao=Televis%C3%A3o](http://www.dn.pt/inicio/tv/interior.aspx?content_id=3073431&seccao=Televis%C3%A3o)> [Consult. 23 de Março de 2015].
- Gomes, M. (6 de Outubro de 2004) *Marcelo Rebelo de Sousa abandona TVI após conversa com Paes do Amaral*. Público. [Internet] Disponível em <<http://www.publico.pt/media/noticia/marcelo-rebelo-de-sousa-abandona-tvi-apos-conversa-com-paes-do-amaral-1205247>> [Consult. 23 de Março de 2015].
- Gomes, M. (22 de Novembro de 2014) *José Sócrates: uma carreira cheia de suspeitas*. Público. [Internet] Disponível em:

<<http://www.publico.pt/politica/noticia/jose-socrates-uma-carreira-cheia-de-suspeitas-1677178>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].

- Henriques, A. (15 de Novembro de 2014) *Marques Mendes nega ligações ao caso dos vistos gold*. Público. [Internet] Disponível em: <http://www.publico.pt/sociedade/noticia/marques-mendes-nega-ligacoes-ao-caso-dos-vistos-gold-1676424> [Consult. 12 de Maio de 2015].

- ICJP. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa*. [Internet] Disponível em <<http://www.icjp.pt/corpo-docente/docente/2112>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].

- Impresa. (2016) *SIC* [Internet] Disponível em <<http://www.impresa.pt/marcas/sic/2014-07-23-SIC>> [Consult. 25 de Julho de 2015]

- i Online. (2014) *Associação de Telespetadores critica José Rodrigues dos Santos pela forma como conduziu comentário de Sócrates*. [Internet] Disponível em <<http://www.ionline.pt/314617>> [Consult. 18 de Março de 2016].

- Lopes, M. (3 de Abril de 2014) *RTP1 com Morais Sarmento à sexta-feira, Sócrates ao domingo*. Público. [Internet] Disponível em: <<http://www.publico.pt/politica/noticia/rtp1-com-morais-sarmento-a-sextafeira-socrates-ao-domingo-1590025>> [Consult. 23 de Março de 2015].

- Lopes, M. (23 de Maio de 2015) *Comentadores. Cemitério de políticos ou rampa de lançamento*. i Online. [Internet] Disponível em <<http://www.ionline.pt/393176>> [Consult. 10 de Janeiro de 2016].

- Oliveira, M. (25 de Março de 2014) *A cilada da RTP a Sócrates*. Expresso. [Internet] Disponível em <[http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao\\_daniel\\_oliveira\\_antes\\_pelo\\_contrario/a-cilada-da-rtp-a-socrates-atualizado=f862262](http://expresso.sapo.pt/blogues/opiniao_daniel_oliveira_antes_pelo_contrario/a-cilada-da-rtp-a-socrates-atualizado=f862262)> [Consult. 18 de Março de 2016].

- Parlamento. (2015) *Deputados e Grupos Parlamentares*. [Internet] Disponível em <<http://www.parlamento.pt/DeputadoGP/Paginas/Biografia.aspx?BID=285>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

- Petição Pública. (2013) *Petição Recusamos a presença de José Sócrates como comentador da RTP*. [Internet] Disponível em <<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=p2013n37935>> [Consult. 2 de Março de 2015].

- RTP. (2013) *A entrevista de José Sócrates na íntegra*. [Internet] Disponível em <[http://www.rtp.pt/noticias/politica/a-entrevista-de-jose-socrates-na-integra\\_v639195](http://www.rtp.pt/noticias/politica/a-entrevista-de-jose-socrates-na-integra_v639195)> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]

- Petição Pública. (2013) *Petição A Favor da presença de Sócrates na RTP*. [Internet] Disponível em <<http://peticaopublica.com/pview.aspx?pi=P2013N37949>> [Consult. 2 de Março de 2015].
- RTP. (19 de Abril de 2014) *Voz do Cidadão III*. [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/play/p1300/e152142/voz-do-cidadao>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015]
- RTP. (2015) *A Opinião de José Sócrates*. [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/play/p1170/a-opiniao-de-jose-socrates>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].
- RTP. (2015) *A Opinião de Nuno Morais Sarmiento*. [Internet] Disponível em <<http://www.rtp.pt/play/p1624/a-opiniao-de-nuno-morais-sarmiento>> [Consult. 25 de Abril de 2015].
- SIC Notícias. (2015) *Luís Marques Mendes*. [Internet] Disponível em <<http://sicnoticias.sapo.pt/opinionMakers/luismarquesmendes>> [Consult, 3 de Fevereiro de 2015].
- Soares, M.G. (13 de Novembro de 2014) *O caso dos vistos gold explicado em 10 parágrafos*. Expresso. [Internet] Disponível em: <<http://expresso.sapo.pt/sociedade/o-caso-dos-vistos-gold-explicado-em-10-paragrafos=f898055>> [Consult. 12 de Maio de 2015].
- TVI. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa*. [Internet] Disponível em <<http://www.tvi.iol.pt/programa/marcelo-rebelo-de-sousa>> [Consult. 3 de Fevereiro de 2015].
- TVI 24. (2015) *Marcelo Rebelo de Sousa: despedidas e memórias desfiadas*. [Internet] Disponível em <<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/tvi/marcelo-rebelo-de-sousa-despedidas-e-memorias-desfiadas>> [Consult. 20 de Outubro de 2015].

### 3. Bibliografia Consultada

- Andringa, D. (2014) *Funcionários da verdade*. Tinta da China Edições.
- Campos, P. C. (2009) *Géneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista*. BOCC – UBI. [Internet] Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>> [Consult. 6 de Junho de 2015]
- Cardoso, F. L. (2012) *Jornalistas – Escritores: a necessidade da palavra*. Coleção Comunicação, Minerva Coimbra.

- Dijk, T. A. V. (1990) *La noticia como discurso: comprensión, estrutura y producción de la información* Barcelona: Paidós Comunicación.
- Francisco, R. C. (2014) *Jornalismo e Jornalistas em Portugal: desafios, limites e responsabilidade*. Imprensa da Universidade de Coimbra. [Internet] Disponível em: <<https://digitalis-dsp.sib.uc.pt/bitstream/10316.2/3499/1/13%20-%20Jornalismo%20e%20Jornalistas%20em%20Portugal-%20desafios,%20limites%20e%20responsabilidade.pdf>> [Consult. 7 de Maio de 2015]
- Gomes, M. R. (2000) *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo, Edusp.
- Gouveia, A. (s.d.) *A análise do discurso dos géneros jornalísticos: a Entrevista e o seu estudo no meio escolar*. Uni-FACEF. [Internet] Disponível em: <<http://legacy.unifacef.com.br/novo/3fem/Inic%20Cientifica/Arquivos/Adrieli.pdf>> [Consult. 8 de Maio de 2015]
- Halperin, J. (1995) *La entrevista periodística intimidades de la conversación pública*. Publicação, Buenos Aires Paídos.
- Lidstone, J. (1994) *Como Lidar com os Media*. Mem Martins, Edições CETOP, Lda.
- Medina, C. (1990) *Entrevista, o diálogo possível*. São Paulo, Ática.
- Mendes, R. (2012) *Os Jornalistas e a Primeira Licenciatura em Comunicação Social em Portugal (1979)* Lisboa, Escrit'orio Editora.
- Quesada, M. (1984) *La entrevista obra creativa*. Publicação, Barcelona Mitre.
- Ricardo, D. (2003) *Ainda bem que me pergunta: o primeiro manual de escrita jornalística editado em Portugal*. Casa das Letras.
- Seixas, L. (2009) *Redefinindo os géneros jornalísticos: proposta de novos critérios de classificação*. Livros Labcom. [Internet] Disponível em: <[http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas\\_classificacao\\_2009.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110818-seixas_classificacao_2009.pdf)> [Consult. 10 de Maio de 2015]
- Scott, C. (s.d) *A Entrevista – lição 3*. Curso Online de Jornalismo Científico. [Internet] Disponível em: <[http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod\\_3.pdf](http://www.wfsj.org/course/pt/pdf/mod_3.pdf)> [Consult. 18 de Fevereiro de 2015]
- I Congresso dos Jornalistas Portugueses – Conclusões, Teses, Doutoramentos (1982) *Liberdade de Expressão e Expressão de Liberdade*. Lisboa, ICJP.
- II Congresso dos Jornalistas Portugueses – Conclusões, teses, Doutoramentos (1986) *Deontologia*. Lisboa, Fundação Gulbenkian.



## Anexos

### 1. Em formato digital / CD:

#### 1.1. Emissões

#### 1.2. Grelha de análise dos programas

### 2. Em formato impresso:

#### 2.1. Publicação de José Rodrigues dos Santos no *Facebook* no dia 24 de Março de 2014<sup>142</sup>:

«RESPOSTA DE JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS AOS COMENTÁRIOS PUBLICADOS NESTA PÁGINA À ENTREVISTA FEITA PELO JORNALISTA A JOSÉ SÓCRATES, NO DOMINGO, DIA 23 DE MARÇO DE 2014, NA RTP1:

Devido às minhas funções na RTP, que nada têm a ver com a minha actividade de romancista para a qual esta página foi criada, alguns leitores escreveram mensagens críticas da forma como foi conduzido o espaço com José Sócrates. Repito que isto nada tem a ver com os livros, razão de ser desta página de Facebook, mas não me importo de esclarecer dúvidas e equívocos que me parecem nascer do facto de muitas pessoas, e como é natural, desconhecerem as regras da actividade jornalística.

Uma leitora chega mesmo a perguntar em que escola aprendi jornalismo. A resposta é: na BBC. Sei que se calhar não é suficientemente boa, mas foi o que se pôde arranjar. O que ensina a BBC? Quais as regras da nossa profissão? É obrigado um jornalista a ser sempre isento? Há ocasiões em que não deve ser isento? São perguntas interessantes e todas elas têm resposta, embora o público em geral, e como me parece normal, não as conheça.

---

<sup>142</sup> Facebook. (24 de Março de 2014). *Resposta de José Rodrigues dos Santos aos comentários publicados nesta página à entrevista feita pelo jornalista a José Sócrates, no domingo, dia 23 de Março de 2014, na RTP1.* [Internet] Disponível em <[https://www.facebook.com/permalink.php?story\\_fbid=663444407056487&id=169045036496429](https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=663444407056487&id=169045036496429)> [Consult. 2 de Janeiro de 2015]

1. A isenção de um jornalista não é obrigatória. Depende da linha editorial do jornal. Não faz sentido esperar que um jornalista do «Avante!», por exemplo, seja isento. A linha editorial do «Avante!» é claramente comunista e um jornalista que não a queira respeitar tem a opção de se ir embora. Há muitos casos que se podem encontrar de linhas editoriais que implicam alinhamentos (partidários, desportivos, ideológicos, etc).

2. No caso da RTP, a linha editorial é de isenção. Isto acontece porque se trata de um meio público, pago por todos os contribuintes, pelo que deve reflectir as diferentes correntes de opinião. Os jornalistas esforçam-se por escrever as notícias com neutralidade e, nos debates, os moderadores esforçam-se por permanecer neutrais.

3. Nas entrevistas, no entanto, as regras podem mudar. Há dois tipos de entrevista: a confrontacional (normalmente a entrevista política) e a não confrontacional. Em ambos os casos a isenção pode perder-se, não porque o entrevistador seja pouco profissional, mas justamente porque é profissional. Por exemplo, numa entrevista não confrontacional com a vítima de uma violação é normal que o entrevistador se choque com o que aconteceu à sua entrevistada. Estranho seria que ele permanecesse indiferente ao sofrimento. Não se trata um violador e uma mulher violada da mesma maneira, não se trata um genocida e uma pessoa que perdeu a família inteira da mesma maneira - a regra da isenção não se aplica necessariamente.

4. As entrevistas políticas são, por natureza, confrontacionais (estranho seria que não fossem e que jornalista e político tivessem uma relação de cumplicidade). Uma vez que o agente político que está a falar não tem ninguém de outra força política que lhe faça o contraditório (como aconteceria num debate), essa função é assumida pelo entrevistador. O entrevistador faz o contraditório, assume o papel de advogado do diabo. Portanto, o jornalista suspende por momentos a sua isenção para questionar o entrevistado. Isto é uma prática absolutamente normal. O entrevistador não o faz para "atacar" o entrevistado, mas simplesmente para fazer o contraditório. Acontece até frequentemente fazer perguntas com as quais não concorda, mas sabe que o seu papel é fazer de "oposição" ao entrevistado.

5. Dizem os manuais de formação da BBC, e é assim que entendo o meu trabalho, que o entrevistador não é nem pode ser uma figura passiva que está ali para oferecer um tempo de antena ao político. O entrevistador não é o "ponto" do teatro

cuja função é dar deixoas ao actor. Ele tem de fazer perguntas variadas, incluindo perguntas incómodas para o entrevistado. Não deve combinar perguntas com os políticos, mas deve informá-lo dos temas. No acto da entrevista o entrevistado "puxa" pela sua faceta positiva e o entrevistador confronta-o com a sua faceta potencialmente negativa. Espera-se assim que o espetador veja as duas facetas.

6. Uma vez apresentado o princípio geral, vejamos o caso de José Sócrates. É falso que José Sócrates desconhecesse esta minha linha de pensamento. Almoçámos e expliquei-lhe o meu raciocínio. Avisei-o de que, se encontrasse contradições ou aparentes contradições entre o que diz agora e o que disse e fez no passado, as colocaria frente a frente e olhos nos olhos, sem tergiversações nem subterfúgios, como mandam as regras da minha profissão. Far-me-ão a justiça de reconhecer que fiz o que disse que ia fazer.

7. Como todas as figuras polémicas, José Sócrates é amado por uns e odiado por outros. É normal com as figuras públicas, passa-se com ele e passa-se comigo e com toda a gente que aparece em público. Mas o que se está a passar com ele é que muita gente fala mal nas costas e ninguém pelos vistos se atreve a colocar-lhe as questões frontalmente. Fui educado fora de Portugal e há coisas que me escapam sobre o país, mas dizem-me que é um traço normal da cultura portuguesa: falar mal pelas costas e calar quando se está diante da pessoa. Acho isso, devo dizer, lamentável. Quando alguém é muito atacado, devemos colocar-lhe frontalmente as questões para que ele tenha o direito de as esclarecer e assim defender-se. Foi o que foi feito na conversa com José Sócrates. As questões que muita gente coloca pelas costas foram-lhe apresentadas directamente e ele defendeu-se e esclareceu-as. Se o fez bem ou mal, cabe ao juízo dos espetadores.

8. O caso de José Sócrates tem alguns contornos especiais e raros. Ele foi Primeiro-Ministro durante seis anos e acabou o mandato com o país sob a tutela da troika. Quando era chefe do Governo, começou a aplicar medidas de austeridade. No PEC I foram muito suaves (cortes em deduções fiscais e outras coisas), mas foram-se agravando no PEC II (aumento de impostos) e no chamado PEC III, que na verdade era o Orçamento de 2011 (corte de salários no sector público, introdução da Contribuição Especial de Solidariedade aos pensionistas, aumento de impostos, cortes nas deduções, etc). Defendendo estas medidas, afirmou em público que "a austeridade é o único caminho". Agora, nas suas declarações públicas, ele mostra-se contra a austeridade. Estamos aqui, pois, perante uma contradição - ou aparente

contradição. Não tem um jornalista o dever de o colocar perante essa (aparente ou não) contradição, dando-lhe assim oportunidade para esclarecer as coisas?

9. Na entrevista não é para mim necessariamente relevante se ele tinha razão quando aplicou a austeridade ou se tem razão agora que critica a austeridade. O que é relevante é que há uma aparente contradição e cabe ao jornalista confrontá-lo com ela. Foi o que foi feito e ele prestou os seus esclarecimentos. Se foi convincente ou não, cabe a cada espetador ajuizar, não a mim. Limitei-me a apresentar-lhe directamente os problemas e a dar-lhe a oportunidade de os esclarecer. O meu trabalho ficou completo.

10. Como disse no ponto 8, o caso de José Sócrates é raro. Não é muito normal termos entrevistados com as circunstâncias dele. O tipo de conversa que era necessário para esclarecer as coisas não nasce do facto de ele ser do PS, mas das suas circunstâncias únicas. Se o entrevistado fosse, por exemplo, Ferro Rodrigues ou Maria de Belém ou Francisco Assis ou qualquer outra figura do partido, o perfil da conversa teria de ser diferente porque nenhum deles teve funções de Primeiro-Ministro durante tanto tempo e imediatamente antes da chegada da troika nem entrou num discurso tão aparentemente contraditório como José Sócrates. São as suas circunstâncias específicas que exigem uma abordagem específica. Se o Primeiro-Ministro que governou nos seis anos antes da chegada da troika fosse do PSD, CDS, PCP, BE, MRPP ou o que quer que seja, e fizesse declarações tão aparentemente contraditórias com o que disse e fez quando governava, não tenham dúvidas de que as minhas perguntas seriam exactamente as mesmas.

11. No final, temos de nos perguntar: José Sócrates esclareceu bem a sua posição? Essa resposta cabe a cada um e aí não meto eu o dedo. Limitei-me a dar-lhe a oportunidade de tudo esclarecer.

12. E aquele espaço?, perguntarão alguns. É entrevista? É comentário? Boa pergunta. A minha resposta está no ponto 5.

Um abraço a todos.

José Rodrigues dos Santos»

## **2.2. Entrevista a David Borges realizada no dia 10.11.2015**

**No programa "O Exame do Marcelo Rebelo de Sousa" da TSF, a escolha dos temas era feita por si ou por Marcelo Rebelo de Sousa?**

A escolha dos temas era feita com base nas provas que o próprio Marcelo selecionava, mas como havia contacto prévio, havia sempre acerto de temas. Normalmente os temas que ele apresentava coincidiam com os temas de grande atualidade na época, mas havia sempre a possibilidade de ajustar, de acrescentar mais um tema, ou mais um protagonista, porque aquilo, em rigor, não era só sobre temas, era também sobre protagonistas, e ele acabava por atribuir notas a protagonistas das situações.

**No seu entender, a sua função consistia em enunciar e fazer uma mera ligação de temas ou acabava por fazer uma entrevista dita normal (onde podia inclusivamente fazer perguntas mais difíceis e incómodas)?**

Não. Há aqui um conceito jornalístico, que é o meu, e que leva a considerar que se temos um comentador, ou contratamos um comentador, ou se puxamos para antena um comentador, é sobretudo para ouvir as opiniões dele sobre os temas de atualidade. Eu sou profundamente crítico das situações de comentário em que o jornalista parece estar a debater com o comentador, isso não faz sentido na minha opinião. Quando estamos na presença de um comentador devemos colocar, em minha opinião, o tema que queremos que ele comente e devemos eventualmente retorquir em função da opinião dele, podemos acrescentar algo, podemos pedir para clarificar alguma coisa, podemos acrescentar um atalho, não podemos é entrar em debate com o comentador. E sobretudo no caso do Professor Marcelo Rebelo de Sousa, uma vez que a contratação dele foi feita com base na contratação de uma pessoa que as pessoas queriam ouvir. Não fazia sentido juntar-lhe alguém que fosse provocar apenas ruído. Portanto, a minha função era sobretudo a de introduzir os temas, ou eventualmente colocar alguma questão que não estivesse bem esclarecida ou totalmente respondida, ou levá-lo a atribuir uma nota porque ele partia para a situação seguinte sem atribuir uma nota ao protagonista da situação anterior, mas ali o objetivo era deixá-lo, sobretudo a ele, ter a opinião, que era aquilo que as pessoas queriam.

**Então, na sua opinião, tendo em conta o género jornalístico em si, nunca tornava aquele espaço num espaço de entrevista?**

Não. Em raras situações em que eu introduzi alguma questão nova, e provavelmente terei introduzido ruído no comentário dele, havia reações quase imediatas de ouvintes no sentido em que queriam era ouvir o Professor Marcelo Rebelo de Sousa, não estavam interessados em ouvir-me a mim.

### **2.3. Entrevista a Maria João Ruela realizada no dia 15.01.2016 (realizada via email)**

**[No habitual espaço de comentário de Luís Marques Mendes, no Jornal da Noite de domingo, quando o interpela] Faz perguntas ou lança os temas abordados?**

Os temas são previamente acordados com o comentador, que os define para o seu próprio espaço. Esse facto está aliás identificado com um genérico próprio e um "selo" que aparece no ecrã, durante todo o comentário. Nesse sentido lanço os temas. Não me demito da função de jornalista e faço perguntas quando penso que determinado tema precisa ser esclarecido.

**Delimita o espaço de resposta ao comentador?**

Penso que a resposta está dada na questão anterior.

**A escolha dos temas é feita por si ou pelo comentador? É agendada previamente? Que critérios presidem à escolha dos temas?**

Os critérios prendem-se obviamente com a atualidade política da semana anterior e eventuais acontecimentos marcantes da semana que vai começar. São, como referi, escolhidos pelo comentador, havendo uma conversa prévia comigo para troca de impressões e eventual mudança de algum assunto.

**Diria que é entrevistadora, moderadora ou apresentadora?**

Durante o espaço de comentário sou mais moderadora do que entrevistadora.

**Quando o comentador está envolvido nos temas, sente necessidade de abordar essa temática ou sente que não faz parte das suas funções? Esse espaço, nesses casos, converte-se em entrevista como qualquer outra?**

Já aconteceu o comentador fazer uma declaração de interesses, a meu pedido. Foi no caso de uma situação que envolvia a Tap, e ele trabalha num escritório que representava um dos concorrentes à privatização. Pedi-lhe que esclarecesse esse facto antes de abordar o tema.

**Defina o que considera um programa que tenha corrido “muito bem”.**

Os últimos correram melhor que os primeiros, pelo facto de haver mais experiência na relação que estabelecemos em estúdio.

#### **2.4. Entrevista a João Adelino Faria realizada no dia 19.01.2016 (realizada via telefone)**

**[No habitual espaço de comentário de José Sócrates, no Jornal da Noite de domingo, quando o interpela] Fazia perguntas ou lançava os temas abordados?**

As duas coisas: lançava temas abordados e obviamente fazia perguntas sobre esses temas. Ou seja, não era apenas um monólogo. Eram abordados esses temas e depois no momento em que ele falava sobre os temas, e ouvia se poderia surgir alguma contradição ou algo que não estava esclarecido, eu interrogava-o sobre isso porque senão não faria sentido estar um jornalista à frente dele.

**Delimitava o espaço de resposta ao comentador?**

Sim, sim. Faria como o entendesse. Ou seja, não havia nenhuma regra pré-estabelecida nem eu aceitaria, por isso é que ele muitas vezes se aborrecia. Isto não era uma entrevista mas eu tenho tempo limites para gerir, havia vários temas, eu tentava ir a todos os temas que queria abordar nessa semana, mas se algo não estava esclarecido, insistia e como se assistia algumas vezes ele próprio se aborrecia por causa das perguntas: “você não me deixa falar”... “claro que deixo desde que responda à pergunta”.

**Essas delimitações decorriam por questões de tempo ou porque gostaria de ver esclarecidos determinados temas?**

Por razões jornalísticas, editoriais. Ou seja, se eu estou a falar sobre um tema que interessa aos portugueses e ele está ali apenas a dar a sua versão, eu tinha que o contrapor com versões opostas a essas, ou incongruências, ou até contradições que ele próprio estaria a fazer, ou lembrar-lhe alguma responsabilidade que ele teve no passado, tendo sempre presente que isto não era uma entrevista, e que era um espaço de comentário. Se fosse uma entrevista seria de outra maneira.

### **A escolha dos temas era feita por si ou pelo comentador?**

Era feita pelos dois. Ele dizia que gostava de falar de determinados assuntos e se esses assuntos (alguns) se enquadravam nos temas da semana, eu aceitava. Caso contrário, dizia: “não, não faz sentido porque esta semana não vamos falar sobre um tema que não está na atualidade”. Mas claro que isto não era uma imposição, aquilo era o espaço de opinião de, “eu gostava de falar disto...o que é que acha?”. E eu dizia “acho que sim...”, “mas acho que não...”, “por essa razão...”, mas tentava sempre puxar para os temas da atualidade da semana que era, no fundo, o que interessava às pessoas. Se ele estivesse ali num telejornal, e não num espaço à parte, ele iria falar sobre os temas da atualidade e eu tentei fazer sempre isso.

### **Poderia dar-se o caso de José Sócrates não querer falar sobre determinados assuntos?**

Sim, nessa altura, eu colocaria a questão e ele dizia “eu não quero falar sobre isso” e eu dizia isso no ar, o que nunca me aconteceu! Muitas vezes, ele dizia que não fazia muito sentido, mas eu colocava na mesma a questão e ele acabava por responder. Portanto, eu dava-lhe esse ónus.

### **Os temas eram definidos previamente?**

Sim, eram definidos antes do próprio programa; no próprio dia, a meio da tarde, conversámos sobre os temas. Isto porque era uma opinião e não uma entrevista. Nas entrevistas, ninguém sabe o que é que se vai falar à partida, mas na opinião não. Mais: isto tinha um objetivo, e não era para lhe facilitar a vida, era sim para se poder preparar e trazer um valor acrescentado para a opinião. Isto acontece com todos, acontece com Marcelo Rebelo de Sousa, acontece com Marques Mendes. Eu conheço-os, já trabalhei com ambos. Quando é um espaço de opinião obviamente qualquer jornalista previamente chega à conclusão de que são estes temas em diálogo com o comentador. Se outro colega meu lhe disser o contrário...duvido, duvido!

### **Diria que era entrevistador, moderador ou apresentador?**

Apresentador não existe. Na informação não há apresentadores. Apresentador é um apresentador de um programa de entretenimento. Portanto, diria que era moderador e entrevistador. Moderava no sentido de, quando ele está a falar sobre determinado tema, eu tento introduzir elementos novos e conduzi-lo quando ele se afasta dele. E

entrevistador porque, em muitas alturas, ele estava a falar sobre um determinado assunto que eu achava que não estava esclarecido e ia ao fundo da questão. Por exemplo, estava a fazer uma crítica ao atual governo, esquecendo a herança que tinha deixado no passado, eu aí tinha que entrar como entrevistador, tinha que lhe fazer perguntas: “o senhor quando foi primeiro-ministro tomou estas decisões que levaram a determinada situação hoje, que está a ser corrigida, ou não.” Claro que isso o irritava e dizia-me “você assim está a entrevistar-me”. Mas eu acho que, num espaço de opinião, temos que ser moderadores, mas temos que fazer entrevista, não entrevista no sentido formal, mas colocar as questões quando elas surgem porque é isso que um jornalista faz.

**Quando o comentador estava envolvido nos temas, sentia necessidade de abordar essa temática ou sentia que não fazia parte das suas funções?**

Sim, tinha que abordar. Daí eu lhe dizer que é muito difícil dizer se eu era entrevistador ou moderador porque o jornalismo é por inteiro e, no jornalismo, sempre que é suscitada uma dúvida, ou algo não está esclarecido, é nossa obrigação ir ao fundo da questão. E quando eu tenho um milhão de pessoas a assistir, eu tenho que fazer as perguntas que alguns gostariam de ver esclarecidas. Não pode ser um monólogo! Eu diria que isto é muito híbrido porque o comentador em questão, no caso do José Sócrates ou de outros, tem responsabilidades políticas e governativas e portanto é muito difícil. Se eu tiver um comentador como tenho um diretor de um jornal muitas vezes, é diferente ...ele pode ter a sua linha de pensamento ideológica, mas eu ali apenas tenho que lhe narrar as questões porque quero ouvir a opinião dele sobre determinado tema para ajudar a opinião pública a formar uma opinião mais esclarecida e inteligente sobre o assunto. Quando temos um político no ativo, ou com antigas responsabilidades governativas, trata-se de um caso muito “sui generis” porque acontece maioritariamente em Portugal. Também há noutros países, mas não desta maneira. Não vejo um ex primeiro-ministro a comentar, nem em Espanha...fazem conferências, mas não comentam. E nós tivemos também, em termos jornalísticos, que nos adaptar. Ou seja, ele não é um comentador normal em que eu diga “diga-me a sua opinião sobre este governo ou sobre a oposição” porque ele está ligado a um partido da oposição e, portanto, quando eu lhe peço a opinião sobre o estado do país, eu quero ouvir no momento a opinião dele, que é para isso que ele lá está convidado, mas ao mesmo tempo não me posso esquecer que ele está

ligado a uma facção e não posso deixar que ele seja parcial ao ponto de ignorar o que um comentador não deveria ignorar e que há um olhar desapassionado sobre o assunto. No caso do José Sócrates, era muito mais difícil com as suas convicções muito vivas, muito parciais, muito partidárias e muito governativas e, portanto, o nosso trabalho tinha que ser muito mais inquisidor. Sendo que, dito isto, há um limite e nunca nos poderíamos esquecer de que estávamos perante um espaço de comentário: dar a sua opinião, fazer a pergunta, mas não transformar, como aconteceu várias vezes, numa entrevista porque aí então não estaríamos a fazer um espaço de comentário, nem tinha lá atrás “A Opinião de José Sócrates” e seria uma entrevista. E isso aconteceu em vários cenários e acabou por não resultar bem porque nós nunca nos podemos esquecer que aquilo não é uma entrevista. Podemos e devemos exercer a nossa função de jornalista fazendo perguntas que um entrevistador faria, mas não transformar aquilo em entrevista porque aí seria “aquilo que eu quero saber, os temas que eu quero, sem lhe dar conhecimento”.

#### **Mas recorria muitas vezes a técnicas e a momentos de entrevista?**

Certo. Mas nunca transformar o comentário numa entrevista, senão é absurdo. Ninguém faz uma entrevista todas as semanas à mesma pessoa. Mas não podem deixar de existir esses momentos de entrevista sob pena de nos estarmos a demitir na nossa função de jornalista.

#### **Defina o que considera um programa que tenha corrido “muito bem”.**

Não me consigo lembrar. Não posso dizer o dia A ou B. Eu acho que corriam bem quando ele comentava os temas da atualidade e respondia a perguntas sobre assuntos em que ele tinha responsabilidade e que sobre os quais não tinha muita vontade. Ou seja: corria muito bem quando ele dava a sua opinião, que era para isso que ali estava, mas, ao mesmo tempo, respondia a eventuais contradições ou sobre a responsabilidade que ele tinha naquele assunto. Portanto, quando eu conseguia fazer com que houvesse um equilíbrio, em que tínhamos a opinião dele e ao mesmo tempo eu confrontava-o com essas contradições ou com essas responsabilidades que ele tinha, sendo que ele tinha necessariamente que responder porque era em direto e nunca gravado, e ele acabava por responder mesmo que pudesse estar irritado, eu achava que isso era um bom programa. Quando não conseguia isso, acho que era um mau programa.

## **2.5. Entrevista a Cristina Esteves realizada no dia 24.02.2016**

*(realizada via email)*

**[No habitual espaço de comentário de José Sócrates, no Jornal da Noite de domingo, quando o interpela] Fazia perguntas ou lançava os temas abordados?**

Ambos, obviamente. Antes de mais, neste e noutros em que estive envolvida, como "A Opinião de Nuno Morais Sarmiento", quem assiste a um programa de assinatura sabe que ao que vai.

No entanto, num espaço de opinião, como a própria palavra indicia, qualquer temática era e deve ser lançada devidamente enquadrada no contexto em que se insere e subsequentemente questionada para um esclarecimento profícuo e/ou confrontação com as demais vertentes publicamente assumidas.

**Delimitava o espaço de resposta ao comentador? Eventuais delimitações decorriam de critérios jornalísticos ou destinavam-se a tentar acomodar todos os temas planeados?**

Se os temas têm atualidade e predominância têm de ser abordados. Cabe ao jornalista, neste e noutros registos, definir mediante o caso concreto, e o momento, a relevância de passar ou não para outro assunto.

O espaço de resposta está sempre delimitado, mesmo ao nível temporal.

**A escolha dos temas era feita por si ou pelo comentador? Era agendada previamente? Que critérios presidiam à escolha dos temas?**

Na véspera do programa enviava um rol hierarquizado de temas considerados relevantes do ponto de vista jornalístico e de atualidade. Em função do tempo pré-definido era mutuamente acordado os obrigatórios e selecionados os de possível abordagem.

**Diria que era entrevistadora, moderadora ou apresentadora?**

Era simplesmente jornalista em televisão. Pelo que era simultaneamente apresentadora, moderadora e entrevistadora, em que cada faceta assumia maior ou menor dimensão em função da relevância no espaço e no tempo.

Em qualquer registo, não se pode ou deixa de ser jornalista independentemente do que possa estar em causa e do que está definido para um programa: se é análise,

comentário, opinião, debate, entrevista pura, em que se afere matérias várias, ou mais confrontacional por alvo de suspeitas, imputação de responsabilidades, etc.

**Quando o comentador estava envolvido nos temas, sentia necessidade de abordar essa temática ou sentia que não fazia parte das suas funções? Esse espaço, nesses casos, convertia-se em entrevista como qualquer outra?**

Seria peculiar fazer meramente entrevistas à mesma pessoa todas as semanas num espaço definido editorialmente como de opinião.

Se um comentador está direta ou indiretamente envolvido em determinada temática de relevante interesse público e jornalístico (e não factóides pré-concebidos com intuito de condicionamento posterior), era e é natural que seja questionado em conformidade. Aliás, tal sucedeu logo no programa inaugural em questão quando a licenciatura do comentador tinha readquirido interesse público.

**Defina o que considera um programa que tenha corrido “muito bem”.**

Um programa que seja antes de mais esclarecedor é sempre o que se verdadeiramente ambiciona.

## 2.6. Destaques da análise de programas

### 2.6.1. “A Opinião de José Sócrates” (RTP1) no dia 23.03.2014

Imagem	Tempo	Citação
	0:34	<p><b>José Rodrigues dos Santos</b> - “Mas o senhor não acha que é necessário um consenso?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “Eu acho que são precisos compromissos, sim, negociação. O que não me parece razoável é pedir ao partido socialista que venha a avaliar, concordar com mais cortes.”</p> <p>Foi interrompido por Rodrigues dos Santos: “Mas isso também pediu à oposição na altura!”</p>
	10:15	<p><b>José Rodrigues dos Santos</b> – “Em Dezembro de 2010, no dia 25 de Dezembro, o Senhor faz esta afirmação: «A Austeridade é o único caminho», portanto, o que está a dizer agora é totalmente ao contrário do que disse nessa altura, e afirmou, e eu passo a citá-lo: «Tenho plena consciência do esforço que está a ser pedido a todos os Portugueses, mas quero que saibam que este é o único caminho!» ... Não disse que este era um dos caminhos, «é o único caminho que protege o país e que defende o interesse nacional», isto foram palavras suas em 2010...”</p>
	17:55	<p><b>José Rodrigues dos Santos</b> - “Que foram decretados primeiro por si?”- José Rodrigues dos Santos interrompe José Sócrates para reforçar que a acção que o mesmo estava a criticar tinha sido iniciada por si, no seu governo.</p> <p><b>José Sócrates</b> - “Não, desculpe... Em 2010 eu fiz um corte para 2011 e cortámos acima dos 1500€...”</p>

## 2.6.2. “A Opinião de José Sócrates” (RTP1) no dia 21.09.2014

Imagem	Tempo	Citação
	04:11	<p><b>Cristina Esteves</b> - “Esta foi uma semana em que se ouviram dois pedidos de desculpa por parte de dois Ministros (...) Qual é a imagem que passou para a opinião pública?”</p>
	11:10	<p><b>Cristina Esteves</b> - “É que realmente não é usual ouvir-se pedidos de desculpa por parte de Ministros, Governantes...Embora José Sócrates também tenha pedido desculpa...”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “Bom... Mas se me permite, não teve nada a ver com estes assuntos. Eu pedi desculpa numa situação muito especial porque vários jornalistas noticiaram que eu tinha fumado num avião em que fizemos uma visita oficial à Venezuela. (...) Eu fumei um cigarro no convencimento de que se podia fumar naqueles aviões porque sempre se fumou (...)”</p>
	15:34	<p><b>Cristina Esteves</b> -“ Na sua opinião poderá haver eventualmente um conflito de interesses?”</p> <p><b>José Sócrates</b> -“Há um risco de conflito de interesses que deveria ter sido acautelado e não foi (...)”</p>

### 2.6.3. “A Opinião de José Sócrates” (RTP1) no dia 28.09.2014

Imagem	Tempo	Citação
	03:09	<p><b>Cristina Esteves</b> - “A confirmar-se a vitória de António Costa, como é que fica agora o Partido Socialista? (...)”</p>
	16:40	<p><b>Cristina Esteves</b> - “António Costa face também ao que Nuno Morais Sarmento está a dizer, António Costa não deveria ter feito aquele acordo com António José Seguro e deveria ter avançado anteriormente?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “António Costa já explicou que nessa altura, estávamos a pouco tempo das Autárquicas, o PS estava muito concentrado nessas eleições e António Costa achou que (...) quem conhece António Costa sabe que ele é uma pessoa muito determinada e não é um homem redondo (...)”</p>
	20:03	<p><b>Cristina Esteves</b> - “ José Sócrates, não vai para a política ativa?”</p> <p><b>José Sócrates</b> -“Desculpe, eu não estou na política ativa, já disse, mas quantas vezes eu tenho que dizer (...)”</p>

#### 2.6.4. “A Opinião de José Sócrates” (RTP1) no dia 19.10.2014

Imagem	Tempo	Citação
	03:10	<p><b>João Adelino Faria</b> - “ Vamos começar pela sondagem da Universidade Católica para a RTP e com o seu partido, o PS, à beira da maioria absoluta (...) acha que este é mesmo o valor que já tem António Costa para os Portugueses numas eleições ou está a beneficiar do desgaste do Governo e da novidade que é ter alguém novo à frente do PS?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “Serão francamente as duas razões, não apenas uma, as duas (...)”</p>
	05:25	<p><b>João Adelino Faria</b> - “ De qualquer forma, acha que é suficiente António Costa manter o silêncio que tem mantido e dizer «bom dia Srs. Jornalistas, boa noite Srs. Jornalistas», ou precisa de dizer mais?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “Essa caricatura é feita pela direita, é que António Costa tem dito muito! Fez uma campanha eleitoral, e disse o essencial (...)”</p>
	06:55	<p><b>João Adelino Faria</b> - “ Também falou de outra coisa, falou da necessidade de entendimentos, e eu pergunto-lhe: Com ou sem maioria absoluta, com quem é que está a ver António Costa a fazer entendimentos?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “É uma vantagem para António Costa destas sondagens, é que eu acho que ele não tem que se comprometer com isso (...)”</p>

 <p>JOSE SÓCRATES</p> <p>"António Costa disse que não ia seguir uma linha de austeridade"</p>	<p>09:00</p>	<p><b>João Adelino Faria</b> - “ Lembrome por exemplo que no final da sua governação também estava desgastado com a governação e Passos Coelho aparece como O Salvador... não é?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “Há uma diferença... Sabe qual é? É esta: é que o prestígio e a reputação do António Costa é solidamente firmado naquilo que é uma carreira política, experiência política (...)”</p>
 <p>JOSE SÓCRATES</p> <p>"Projetar um crescimento de 1,5 para o próximo ano é arriscado"</p>	<p>13:18</p>	<p><b>João Adelino Faria</b> - “ Permita-me dizer que alguém da maioria disse também que o maior corte na educação foi feito durante os seus Governos (...)”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “O governo acha que a única coisa que tem com que se defender é sempre o governo anterior, o meu governo foi o governo que mais apostou na educação (...)</p>
 <p>JOSE SÓCRATES</p> <p>"Esta medida do crédito fiscal destina-se a salvar a face de Paulo Portas"</p>	<p>20:00</p>	<p><b>João Adelino Faria</b> - “ Como é que resolveria o Orçamento de Estado? Onde cortaria?”</p> <p><b>José Sócrates</b> - “ não sou líder de um partido para me perguntar como é que eu faria! (...)”</p>

## 2.6.5. “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC) no dia 13.09.2014

Imagem	Tempo	Citação
	05:24	<p><b>Maria João Ruela</b> -“Muito bem... vou pegar nas suas palavras no início do comentário porque disse que acreditava que haveria outras razões... Quero-lhe perguntar quais são essas razões?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> -“Eu acho que há outras razões, designadamente problemas de rácios, de banco (...) mas eles só invocaram esta e por isso, falemos desta (...)”</p>
	07:45	<p><b>Maria João Ruela</b> -“Mas ouça... Mas não acha que nesse caso o Governo que tem a tutela política de todo este dossier já devia ter intervindo?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> -“ (...) Com toda a franqueza o Governo está a ter uma posição de hipocrisia e uma posição que a prazo pode ser muito negativa para o interesse nacional (...)”</p>
	08:34	<p><b>Luís Marques Mendes</b> -“ (...) O Governo tem enormes responsabilidades nisto mas faz de conta que não é nada com Ele!”</p> <p><b>Maria João Ruela</b> -“ Aliás hoje tanto a Ministra das Finanças como o Ministro da Economia fugiram dos jornalistas e nem sequer uma palavra não aos jornalistas mas aos Portugueses...”</p>
	18:25	<p><b>Maria João Ruela</b> -“ Vamos avançar para o que resta da política da semana... os debates entre António Costa e António José Seguro... Como é que viu os debates, na sua opinião quem é que ganhou o quê?”</p>

## 2.6.6. “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC) no dia 04.10.2014


Imagem	Tempo	Citação
	00:28	<p><b>Maria João Ruela</b> -“(…)Acha que vai haver mesmo um desentendimento entre os dois? (Paulo Portas e Pedro Passos Coelho)”</p> <p><b>Luís Manuel Marques</b> -“Claro que existe (…) um mau estar. Há vários desentendimentos, agora à pergunta se vai haver ou não ruptura na coligação eu respondo não vai haver ruptura! (…)”</p>
	05:25	<p><b>Maria João Ruela</b> -“ Já que fala em despesa do Estado, sei que tem uma lista em que trabalhou durante os últimos dias de Entidades que podiam bem já não existir e estão a dar despesa…”</p> <p><b>Luís Manuel Marques</b> -“ (…) eu já várias vezes falei que há no Estado serviços, empresas e institutos que podiam ser extintos ou ser fundidos (…)”</p>
	17:13	<p><b>Maria João Ruela</b> -“ (…) A primeira vez que o Presidente da República e o candidato a Primeiro-Ministro vão estar juntos numa cerimónia pública, antevê discursos de circunstância ou algo mais do que isso?”</p>

## 2.6.7. “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC) no dia 11.10.2014

Imagem	Tempo	Citação
	05:08	<p><b>Maria João Ruela</b> - “Temos a questão PT e a demissão de Zeinal Bava (...) Ainda tem razões para elogiar o gestor?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> - “Mas eu acho que o Zeinal Bava é um gestor competente e eu acho que não fui eu... É nas organizações internacionais O elogiado!”</p>
	13:18	<p><b>Maria João Ruela</b> - “Vamos então ao assunto do dia, as novidades no Orçamento do Estado discutidas na discussão de Ministros extraordinário. Tem novidades do que é que possa acontecer? (...)”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> - “Vamos a tudo isso... Primeira nota: eu acho que este é o primeiro orçamento desde 1911 em que a vida das pessoas vai melhorar um bocadinho (...)”</p>
	16:08	<p><b>Maria João Ruela</b> - “Portanto, Passos Coelho e Paulo Portas não se entendem sobre esta matéria?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> - “Não, eu diria que à hora que estamos a falar ainda não há sequer entendimento e são seis e meia da tarde (...)”</p>

## 2.6.8. “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC) no dia 01.11.2014

Imagem	Tempo	Citação
	00:20	<p><b>Maria João Ruela</b> -“Uma semana que terminou com o debate do OE, na generalidade foi chumbado pela oposição mas aprovado pela maioria e no debate de ontem houve ali uma assombração nas palavras de Paulo Portas, foi o regresso de José Sócrates à AR.”</p> <p><b>Luís Marques Mendes:</b> - “Exatamente... Eu acho que foi o grande caso deste debate (...) isto não foi nenhum debate orçamental, eu diria que durante dois dias foi uma espécie de comício e com personagem central José Sócrates que foi exatamente o ausente mais presente em todo o debate.”</p>
	01:18	<p><b>Maria João Ruela</b> -“Aliás foi o próprio líder parlamentar, Ferro Rodrigues que falou...”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> - “Exatamente... (...) e Ferro Rodrigues ainda por cima catapultou José Sócrates (...)”</p> <p><b>Maria João Ruela</b> -“A estratégia do PS é essa?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> - “Eu acho que isto é um desastre... (...) há uns anos atrás falava-se das chamadas viúvas do Cavaquismo, agora parece que são as viúvas do Sócratismo! Quer dizer, parece que há uma</p>

		<p>«socráticodependência» e isto é um desastre (...) num plano desportivo é tipo três a zero (...)»</p>
	<p>05:23</p>	<p><b>Maria João Ruela</b> -“ Disse que a maioria venceu por três a zero, na linguagem futebolística, este debate, mas na quinta-feira Passos Coelho não esteve assim tão bem, no fundo, veio dizer uma coisa, depois desmentiu-se a si próprio, diz que só repõe os salários em 20%...”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> - “Tirando aquela pequenina «gafezinha» no discurso inicial e depois ter sido uma coisa diferente (...) o que ele quis dizer foi se eu volta a ser PM os cortes voltam (...)”</p>
	<p>11:10</p>	<p><b>Maria João Ruela</b> -“Eu fiz uma promoção neste jornal a anunciar que neste comentário iria de alguma maneira explicar a fatura de eletricidade porque na realidade praticamente metade do que pagamos é a energia que consumimos, o resto são taxas.”</p>

## 2.6.9. “A Opinião de Luís Marques Mendes” (SIC) no dia 15.11.2014

Imagem	Tempo	Citação
	00:20	<p><b>Maria João Ruela</b> -“(…) Hoje vai começar com uma pergunta incontornável que se prende exatamente com a sua eventual relação a este caso que está a dar muito que falar aqui em Portugal, a Operação Labirinto, o Marques Mendes é sócio de uma empresa, a JMF onde também tem em sociedade um dos suspeitos que está detido, quer-nos explicar quais são as suas relações com este indivíduo e com esta sociedade?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> -“Explico com todo o gosto e serei muito claro e muito direto, quem não deve, não teme, não tenho nada nada a ver com este assunto. (...) não tem nada a ver com vistos gold (...) desde 2011 não fui a uma única reunião, um contato, não recebi um único cêntimo (...) insisto, nunca fiz nenhum contato, nenhuma diligência, não tenho nenhum tipo de intervenção (...)”</p>
	04:29	<p><b>Maria João Ruela</b> -“ Esclareça-me só mais coisa... Porque que é que nunca se desvinculou desta empresa, uma vez que pelo que disse, nunca chegou a ter grande atividade?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> -“Desde 2011 que eu próprio pensava que ela estava inativa, pelos vistos não está formalmente (...)”</p>
	05:45	<p><b>Maria João Ruela</b> -“ Vamos então avançar para o comentário desta semana que obviamente começa por este assunto, pela operação Labirinto (...) A justiça atuou, sem dúvida, mas o Estado e as instituições do Estado saem muito mal deste processo...?”</p> <p><b>Luís Marques Mendes</b> -“(…) Prefiro sublinhar que a justiça funciona, mesmo ao mais alto nível do Estado (...)”</p>



## 2.6.11. “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (TVI) no dia 21.09.2014

Imagem	Tempo	Citação
	00:00	<p><b>Judite Sousa</b> - “Ora bem, vamos começar pelo desporto hoje, temos na liga dos campeões as posições relativas de Porto, Benfica e Sporting, Porto com uma goleada (é interrompida), vai muito bem, o Sporting (é interrompida), e o Benfica perdeu...”</p>
	06:40	<p><b>Judite Sousa</b> – “(...)Com Portugueses, é um tema a que o Professor já fez referência, que é a Espírito Santo Saúde, com Portugueses e Brasileiros a terem de esperar pela Autoridade da Concorrência, e essa regra de obrigatoriedade não se aplicando aos Mexicanos, a pergunta é se o Professor considera que os Mexicanos já ganharam, digamos assim, na compra da ES Saúde?”</p>
	18:15	<p><b>Judite Sousa</b> -“Mas ainda não percebi o seu ponto... Acha mal ou bem que exista este exercício de humildade dos ministros?”</p> <p>Professor Marcelo Rebelo de Sousa - “(...) eu acho que os Portugueses não vão esquecer nem perdoar (...) houve duas coisas que fez mal e que não foi o pedido de desculpas que fez com que eu esquecesse os efeitos que isto teve na minha vida.”</p>
	21:58	<p><b>Judite Sousa</b> -“E quanto a Luís Filipe Menezes, parece-lhe mais sério este caso?”</p>

## 2.6.12. “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (TVI) no dia 28.09.2014

Imagem	Tempo	Citação
	10:23	<p><b>Judite Sousa</b> - “O Professor vivenciou esse tipo de experiências? Que isso coincidiu com o seu período áureo (é interrompida), não, dessas coisas das despesas de representação?”</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> - “Eu não vivenciei, eu próprio, porque como sabe eu estive muito pouco na política nesses anos e quando estive no partido foi só para gastar dinheiro do meu bolso, não foi para receber dinheiro de bolso nenhum...”</p>
	12:20	<p><b>Judite Sousa</b> - “Se fosse o Professor no lugar de Pedro Passos Coelho aceitaria levantar o sigilo bancário?”</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> - “Eu aceitava imediatamente! Ai imediatamente. Eu lembro-me que um dia disse ao Expresso exatamente quanto é que tinha ganho no ano anterior e fiquei disponível para mostrar tudo (...)”</p>
	14:10	<p><b>Judite Sousa</b> - “A nível de ganhos para o governo, digamos assim, tivemos o acordo de concertação social (...)o aumento do salário mínimo em 20€...”</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> - “Eu sei, eu sei que é muito pouco, mas a alternativa era não haver nenhum! (...)”</p>
	19:28	<p><b>Judite Sousa</b> - “Mas desde já o Professor é defensor de uma remodelação até às legislativas?”</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> - “(...) perante estes resultados parece-me evidente!(...)”</p>

### 2.6.13. “Os comentários de Marcelo Rebelo de Sousa” (TVI) no dia 11.10.2014

Imagem	Tempo	Citação
	01:27	<p><b>José Alberto de Carvalho</b> - “(...) nós sabemos que quando entrou aqui, entrou numa circunstância especial, hoje não é, já é candidato a Presidente da República e de acordo com o contrato, penso que posso divulgar, está suspenso o contrato com a TVI (...) o Professor começou a fazer comentários na TVI em 2000, estamos em 2015 (...) Sérgio, queres explicar porque decidimos fazer isto?”</p> <p><b>Sérgio Figueiredo</b> - “Bem, estamos aqui de pulsos cortados, e com o coração apertado, porque custa-nos ver partir o Professor Marcelo (...) Marcelo Rebelo de Sousa faz parte desta estação (...)”</p>
	04:18	<p><b>Sérgio Figueiredo</b> - “Nas últimas semanas iam perguntando, semana sim semana não, se ele era candidato a Presidente da República.”</p> <p><b>José Alberto de Carvalho</b> - “Judite, tens ideia de quantas vezes perguntámos ao Professor Marcelo?”</p> <p><b>Judite Sousa</b> - “Sim, é um momento que eu recordo como muito desafiante porque eu interrogava, enfim, num tom que não é o tom da entrevista normal, o Professor Marcelo Rebelo de Sousa sobre a questão das presidenciais e normalmente isso surgia tendo como pretexto sondagens que eram reveladas semanalmente e eu sentia que, obviamente, como jornalista eu não podia fugir ao tema porque essas sondagens indicavam aquilo que para todos nós é público (...)”.</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> - “A função do jornalista é perguntar, a função do comentador é comentar o que há para comentar, e ali não havia nada para comentar (...)”.</p>

	<p>09:45</p>	<p><b>Sérgio Figueiredo</b> -“ (...)pelo que sei a administração só soube na noite da véspera, quinta-feira à noite, a direção de informação só teve a confirmação desta candidatura à hora de almoço do próprio dia. E como não poderia deixar de ser libertámos logo a notícia porque, a partir desse momento, Marcelo Rebelo de Sousa era um candidato, não era nem um confidente, nem um cúmplice nem um amigo, era um candidato da presidência da república!...(...)”</p>
	<p>10:13</p>	<p><b>José Carlos Alberto</b> -“E sobre os telefonemas também havemos de falar...”</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> -“Aliás eu telefonava a todos eles às tantas da manhã. Houve uma história com o Zé Carlos ótima, eu vou contar já... (...) ainda havia peças, e então o que é que acontece, o Zé Carlos, eu telefonava às tantas da manhã (...) e um dia telefonei-lhe, havia peças e depois eu comentava as peças e com o Zé Carlos disse-lhe assim «Olhe convinha amanhã termos o caso do BCP», mas eu disse aquilo tão depressa (interrompe o José Alberto Carvalho: «Que parecia PCP!»), então no dia seguinte, ele percebeu PCP, e então estou sentado e era para comentar as primeiras saídas do BCP e vejo uma peça com o comité central do PCP, respirei fundo e disse então o que é que agora eu vou dizer do PCP?”</p> <p>José Carlos Castro: -“Quem fez essa peça foi a Maria João Garrido eu lembro-me perfeitamente, ela diz assim mas «mas não aconteceu nada no PCP!» e eu disse, «mas o professor quer e ele há-de ter uma ideia (...) mas o professor quer a peça, é prefiro fazer (...)»”</p>

	24:09	<p><b>Ana Sofia Vinhas</b> -“Acho que nunca interrompemos...”</p> <p><b>Marcelo Rebelo de Sousa</b> -“Não, interrompi! Interrompi em 2004, duas semanas, porque considerava-se que eu estava a ser muito crítico em relação ao Governo em funções e então eu para dar uma folga interrompi duas semanas... (...) interrompi porque o clima estava ao rubro e para tentar baixar a tensão interna, interrompi.”</p>
---	-------	--